



ISSN 1807-2143

UNIVERSO DO MOVIMENTO HUMANO

REVISTA DE ARTIGOS E PRODUÇÃO
ACADÊMICA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ano XIX – Nº 1 – jan/jun 2020



Revista de Produção Científica da UNIFACVEST



editora
papervest

Nº 36



Nº36

REVISTA DE ARTIGOS E PRODUÇÃO ACADÊMICA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Ano XIX - Nº 1 - jan / jun - 2020



REVISTA DE ARTIGOS E PRODUÇÃO ACADÊMICA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Ano XIX - Nº 1 - jan / jun - 2020

Nº36



UNIVERSO DO MOVIMENTO HUMANO
Revista de Artigos e Produção Acadêmica do
Curso de Educação Física do Centro Universitário
UNIFACVEST

Ano XIX – Nº 1 – jan/jun 2020

UNIVERSO DO MOVIMENTO HUMANO
ISSN 1807-2143

**UNIVERSO DO MOVIMENTO HUMANO – REVISTA
DE ARTIGOS E PRODUÇÃO ACADÊMICA DO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST**

Lages: Papervest Editora, nº 36,
janeiro a junho de 2020, 166p.



Publicação da Papervest Editora
Av Marechal Floriano, 947 - CEP: 88503-190
Fone: (49) 3225-4114 Lages/SC
www.unifacvest.net

centro universitário
unifacvest**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST**

Mantenedora: Sociedade de Educação Nossa Senhora Auxiliadora

Publicação da Papervest Editora

Av. Marechal Floriano, 947 – CEP 88.503-190

Fone: (49) 3225-4114 – Lages / SC

www.unifacvest.net**UNIVERSO DO MOVIMENTO HUMANO**Revista de Artigos e Produção
Acadêmica do Curso de Educação
Física da UNIFACVEST**Editor** – Renato Rodrigues**Conselho Editorial** – Coordenador e Professores do Curso
de Educação Física da UNIFACVEST**Diagramação** – Gráfica Princesa

UNIVERSO DO MOVIMENTO HUMANO – Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Educação Física da UNIFACVEST / Centro Universitário UNIFACVEST.

Ano XIX, nº 1, Lages: Papervest Editora. jan a jun de 2020, 166p.

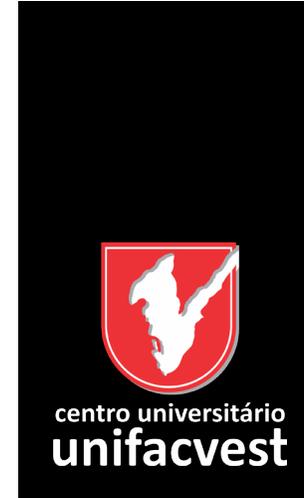
Semestral

ISSN 1807-2143

1. Educação – 2. Ciências

I. Título

Papervest EditoraCentro Universitário FACVEST-UNIFACVEST
Av. Marechal Floriano, 947, Lages – Santa Catarina – CEP 88503-190
www.unifacvest.net
Lages / 2020



Reitor
Geovani Broering
Pró-reitora Administrativa
Soraya Lemos Erpen Broering
Pró-reitor de Pesquisa e Extensão
Renato Rodrigues
Pró-reitor Acadêmico
Roberto Lopes da Fonseca

APRESENTAÇÃO

Trabalhar em cursos de graduação é um desafio para toda uma equipe de profissionais, que desde a concepção do curso até sua operacionalização e apresentação para a sociedade, tem um longo caminho de pesquisa, reflexão, discussão; e um objetivo: formar pessoas que possam fazer a diferença em suas vidas e na coletividade.

E este desafio inicia em 2002 com 2 turmas de graduação em Educação Física nas Faculdades Integradas FACVEST. A possibilidade de oferecer um curso à comunidade de Lages, S.C. torna-se realidade.

A formação do profissional de educação física passa por uma formação básica com qualidade, que esteja de acordo com a legislação vigente e com a realidade vivenciada.

E esta tem sido a tônica de nosso curso até os dias atuais, agora como Centro Universitário UNIFACVEST. Incentivar a produção de conhecimento, através da iniciação científica no curso de educação física da UNIFACVEST, possibilita que nossos acadêmicos e professores possam demonstrar a seriedade, profissionalismo, experiência e competência na área.

As diversas atividades realizadas no curso e na nossa instituição nos colocou sempre entre os melhores cursos no estado de Santa Catarina, trazendo a responsabilidade de buscar sempre aperfeiçoar nosso trabalho e oportunizar a todos aqueles que desejam realizar um curso de graduação em Educação Física a possibilidade de realizarem este sonho.

Esperamos que os trabalhos aqui apresentados possam auxiliar na disseminação dos conhecimentos produzidos no curso de Educação Física, por meio de nossos acadêmicos e professores, e que seja uma referência nas suas vidas profissionais.

Francisco José Fornari Sousa

Doutorando Coordenador do Curso de Educação Física- UNIFACVEST

SUMÁRIO

NÍVEL CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE ENSINO DE ARTES MARCIAIS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE LAGES, S.C. ARAÚJO, Michele Cardoso, SOUSA, Francisco José Fornari, SOUZA, Marcos Antônio de BEBER, Bernadette	01
CONSCIÊNCIA AMBIENTAL COMO TEMA TRANSVERSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR BONIN, Flávia Cruz, SOUSA, Francisco José Fornari MATOS, Fabricio Marcelo Ribeiro, PADILHA, Iraci Ribeiro De Carvalho	16
AVALIAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR BORTOLINI, Henrique, PADILHA, Iraci Ribeiro De Carvalho, SOUZA, Marcos Antônio de, BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz	30
FUTSAL NA ESCOLA: FUNDAMENTOS BÁSICOS BUENO, Lucas Madruga, BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz, PEREIRA, Josilaine Antunes, MOTA, Joao Everton	44
INICIAÇÃO ESPORTIVA NAS ESCOLAS DUARTE, Gabriel Bastos, BONFIGLIO, Neuranei Salete, MESCKE, Jose Mario, MOTA, Joao Everton	58

LATERALIDADE NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA LIMA, João Victor Klein, SOUSA, Francisco José Fornari, SPINDLER, Christiano de Figueiredo, CRUZ, Elves Rodrigues Da	71
CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A DANÇA ESCOLAR OLIVEIRA, André Farias de, SOUSA, Francisco José Fornari, SOARES, Fabio Eduardo Grunewald, MATOS, Fabricio Marcelo Ribeiro	84
PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PESQUISA SOBRE O NÍVEL DE COORDENAÇÃO MOTORA COM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS PADILHA, Iraci Ribeiro de Carvalho, SOUSA, Francisco José Fornari, OLIVEIRA, Joaquim Rodrigo de, BONFIGLIO, Neuranei Salete	99
GINÁSTICA GERAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PRACHTHAUSER, Bárbara, SOUSA, Francisco José Fornari, ANJOS, Aldori Batista Dos, ECCARD, Ana Flavia Costa	121
APLICAÇÃO DA DANÇA EM UMA ESCOLA DE NÍVEL FUNDAMENTAL SILVA, Marinelma Oliveira da, SOUSA, Francisco José Fornari, MATOS, Fabricio Marcelo Ribeiro, BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz	134
EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS SOUZA, Jessica Jesus de, SOUSA, Francisco José Fornari, ANJOS, Aldori Batista Dos, ECCARD, Ana Flavia Costa	150
NORMAS PARA COLABORADORES	165

NÍVEL CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE ENSINO DE ARTES MARCIAIS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE LAGES, S.C.

ARAÚJO, Michele Cardoso¹
SOUSA, Francisco José Fornari²
SOUZA, Marcos Antônio de³
BEBER, Bernadette⁴

RESUMO

Introdução: As lutas enquanto conteúdo na Educação Física escolar ainda são pouco utilizadas, muito provavelmente em decorrência de algumas concepções errôneas, especialmente, àquelas que relacionam a prática das lutas à violência e/ou ao vandalismo. **Objetivo:** pesquisar o nível de conhecimento dos professores de Educação Física sobre o de ensino de lutas na escola. **Metodologia:** Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica, onde foram entrevistados 10 professores de Educação Física da rede estadual do município de Lages, SC. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas fechadas, os dados coletados foram analisados, através de estatística básicas (f e %) e apresentados na forma de tabelas. Os dados foram discutidos tendo como base os autores da área. **Resultados:** Tendo como base os resultados das amostras coletadas, observou-se que a maioria dos professores pesquisados, são licenciados e do sexo feminino. Sendo que a maior parte deles prática, ou já praticou algum tipo de luta, mas a maioria não teve essa disciplina na faculdade. A maioria dos professores afirmam não ter uma estrutura adequada para trabalhar este conteúdo. A maioria dos entrevistados acreditam que essa prática é relevante, e não promovem a violência entre os alunos. **Conclusão:** As lutas de maneira geral passam muitas vezes a ideia de briga, discussões e violência, mas acabe aos professores buscar conhecer a metodologia mais adequada para aplicar nas suas aulas, pois as artes marciais proporcionam um leque de benefícios em todos os aspectos formadores do ser humano: psicoafetivo, social, motor e cognitivo.

Palavras-chave: Luta. Conhecimento. Escola. Educação Física.

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Profissional de Educação Física efetivo do município de Lages, S.C.

⁴Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

LEVEL KNOWLEDGE OF TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION IN RELATION TO THE PROCESS OF TEACHING OF MARTIAL ARTS IN THE PUBLIC SCHOOLS OF LAGES MUNICIPAL

ABSTRACT

Introduction: The struggles as content in school physical education are still little used, most likely due to some misconceptions, especially those that relate the practice of fighting to violence and / or vandalism. **Objective:** to investigate the level of knowledge of Physical Education teachers about the teaching of school struggles. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research, where 10 teachers of Physical Education of the state network of the municipality of Lages, SC were interviewed. The data collection instrument was a questionnaire with closed questions, the collected data were analyzed through basic statistics (f and %) and presented in the form of tables. The data were discussed based on the authors of the area. **Results:** Based on the results of the samples collected, it was observed that the majority of the teachers studied are licensed and female. Since most of them practice, or have already practiced some kind of struggle, but most did not have this discipline in college. Most teachers claim they do not have a proper structure to work with this content. Most respondents believe that this practice is relevant, and do not promote violence among students. **Conclusion:** The struggles in general often pass the idea of fighting, arguments and violence, but let the teachers seek to know the most appropriate methodology to apply in their classes, since the martial arts provide a range of benefits in all aspects of teacher training. being psycho-affective, social, motor, and cognitive.

Key words: Fight. Knowledge. School. Physical Education.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo irá abordar o nível de conhecimento dos professores de Educação Física em relação ao ensino de artes marciais nas escolas, se estão ou não preparados para ministrar uma aula da temática lutas. E de que forma a prática da mesma contribuirá no desenvolvimento dos alunos.

No que diz respeito à Educação Física escolar, este é um bom tema a ser considerado pelos profissionais, mesmo que não tenham formação especí-

fica em lutas (COSTA; GOMES, 2010), pois estes podem adaptar os conteúdos de forma lúdica, transformando as lutas em uma espécie de jogo (PEREIRA; FERON, 2010).

O estudo irá avaliar também se os professores de Educação Física das escolas estaduais do município de Lages já tiveram alguma vivência, além da faculdade, e se possuem alguma experiência e domínio de algum estilo de luta para poder ministrar uma aula para seus alunos, já que os professores em questão tiveram uma pequena amostra enquanto universitários.

Del Vecchio e Franchini (2006) salientam que o domínio das técnicas específicas de uma determinada modalidade de luta leva entre cinco e dez anos, aproximadamente. Por outro lado, no âmbito universitário, a disciplina de lutas apresenta-se usualmente em apenas um ou dois semestres. Como saída para essa divergência:

Seria mais importante que o graduando aprendesse a utilizar a luta/arte marcial como estratégia para atingir o objetivo de um programa de educação física em vez de executar técnicas específicas de um único estilo durante sua permanência no ensino superior (DEL VECCHIO; FRANCHINI, 2006, p. 103).

Independente do seu nível de conhecimento, observar se algum educador já tentou passar algo referente a modalidade, já que luta é conteúdo obrigatório nas aulas de educação física escolar, segundo a (BRASIL, 2018. p. 214).

As Lutas e Artes Marciais fazem parte dos cinco grandes eixos da Educação Física Escolar que são: Dança, Ginástica, Esportes, Lutas, Jogos e Brincadeiras. Estes são os meios escolhidos para proporcionar conhecimentos da cultura corporal, cognitivos e motor, social e afetivo (Fonte).

Estudos realizados por Franchini e Correia (2010), nos revelam que apenas 2,93% dos periódicos analisados entre os anos de 1998 e 2008, citam trabalhos relacionados a lutas, artes marciais e esporte de combate.

Porém, os conteúdos que fazem parte do currículo da Educação Física (brincadeiras e jogos, esporte, dança, ginástica, lutas etc.), são instrumentos de contribuição para o desenvolvimento, pois estimulam o movimento as habilidades motoras, equilíbrio, velocidade entre vários outros um desses conteúdos é a luta que segundo a (BRASIL, 2018. p 214):

A unidade Lutas focaliza as disputas corporais, nos quais os praticantes empregam técnicas, táticas específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou

excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto, lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara etc), bem como lutas de diversos países do mundo (judô, aikido, jiu-jitsu, muay thai, boxe, chinês boxing, esgrima, kendo, etc).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Física é uma disciplina muito significativa, porém, por diversas vezes, pouco valorizada na grade curricular. Ela insere, adapta e incorpora o aluno no saber corporal de movimento, sua função é formar o cidadão que segundo Betti (1992) irá produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, qualificando-o para desfrutar os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas e práticas de aptidão física, em proveito do exercício crítico dos direitos e deveres do cidadão para a benfeitoria da qualidade de vida humana.

O professor de educação física acostumado a criar, a inovar em atividades recreativas e jogos, pode facilmente propor exercícios para treinar equilíbrio, agilidade e força.

O sistema de ensino no Brasil sofreu diversas alterações no decorrer dos anos, em 2018 foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p.7):

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). “grifo do autor”

Uma das disciplinas que fazem parte do âmbito escolar e que também faz parte da BNCC é a Educação Física, uma disciplina onde um dos seus instrumentos de estudo é a cultura corporal e o movimento do corpo humano. Seguindo esta perspectiva diz CONFED (2014, p.17):

É o componente curricular obrigatório em todos os níveis da Educação Básica caracterizado pelo ensino de conceitos, princípios, valores, atitudes e conhecimentos sobre o movimento humano na sua complexidade, nas dimensões biodinâmica, comportamental e sociocultural.

Além do que um dos objetivos da Educação Física segundo (FREIRE; SCAGLIA, 2004, p.30) é: “Levar a criança a aprender a ser cidadã de um novo mundo,” ou seja, criar um ser com autonomia, independente, respeitoso entre outros, valores que são adquiridos através das atividades físicas, jogos, das modalidades esportivas variadas que são trabalhados nas aulas de Educação Física. Também como relatado acima um dos objetos de estudo da Educação Física é a Cultura Corporal e o movimento do corpo humano, onde através deles os alunos poderão adquirir saberes através do *se-movimentar* como relata (GONZÁLES; SCHWENGBER, 2012, p.24):

A dimensão dos saberes que se refere às *possibilidades do se-movimentar humano* aparece na Educação Física como oportunidade de a criança ampliar o conhecimento do próprio corpo, bem como sua capacidade de realizar movimentos nos espaços e no tempo. “itálico do autor”

As lutas e artes marciais são práticas competitivas, populares e reconhecidas ferramentas na Educação de crianças e jovens, e, mesmo possuindo diversos profissionais qualificados em centros de artes marciais e academias, a maioria das escolas no Brasil, não utilizam este conteúdo nas aulas. Realidade diferente dos países orientais que utilizam as artes marciais nas aulas de Educação Física (MOCARZEL, 2011).

Nos países ocidentais as artes marciais são vistas como atividades que estimulam a violência dos alunos, e que este seria o principal motivo para a falta de uso das artes marciais nas aulas de Educação Física Escolar (VERTONGHEN, 2010 apud COSTA). As Lutas e Artes Marciais devem ser de conhecimento legítimo da Educação Física, mas o desconhecimento especializado nas técnicas e seus princípios se tornaram uma barreira para o uso da modalidade nas escolas (GOMES, 2008)

Estudos realizados por Franchini e Correia (2010), nos revela que apenas 2,93% dos periódicos analisados entre o ano de 1998 e 2008, citam trabalhos relacionados a lutas, artes marciais e esporte de combate.

A proposta escolar não é marcializar o aluno nas aulas de Educação Física, mas despertar o interesse pelo conhecimento, pela resolução de problemas explorando o máximo possível de cultura corporal de movimentos (TORRES, 2010).

Não é função do educador físico escolar formar atletas de nenhuma modalidade específica, muito pelo contrário, mas é seu dever contribuir com o máximo de aprendizagem possível, sabendo identificar quem pode sobressair

e se destacar em suas aulas, estando preparado para lidar com qualquer tipo de situação, sem jamais expor ou exigir mais do que o aluno possa oferecer durante as aulas de educação física, como relata Mattos, (2000, p.59):

Para tal o professor deve ter claro o seu papel político como formador de cidadãos completos de valores sociais, frutos de suas experiências constituídas aos poucos e ao longo do processo de aprendizagem, cabendo a elaboração e adequação das aulas as situações que podem ser previstas durante a prática, dando especial atenção ao nível de conhecimento de cada aluno, definindo objetivos concretos e atingíveis.

Alguns dos argumentos para o não trabalho do conteúdo lutas por professores de Educação Física, foram a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos mesmos e a preocupação com a violência que muitos julgam intrínsecas as lutas ou artes marciais, como relata Nascimento (2007).

Há muitas maneiras de trabalhar o conteúdo de lutas nas escolas, para cada arte, há diversas dinâmicas, jogos e conceitos que podem ser adaptados aos diversos níveis do Ensino Infantil, ou até do Fundamental e Médio. Antes de iniciar um trabalho prático na escola, é importante o professor realizar uma pesquisa a fim de identificar com qual arte marcial há mais afinidade e a que contém mais elementos no treinamento que favorecem todas as esferas de desenvolvimento da criança, ,jogos são a melhor forma de reter a atenção e envolvimento das crianças, pois nesta faixa etária é mais comum e usual a pedagogia do “fazer”, do que do “ouvir,” ou seja, uma criança é mais propensa a querer explorar, fazer a atividade quando há interesse pela atividade proposta.

Jogos também constituem uma ferramenta contra conflitos entre os alunos, que, como destaca Oliver (2000, p.11):

As brigas e desavenças começam a acontecer desde bem cedo entre as crianças e as manifestações de competições se traduzem na vontade de uma delas querer tomar um brinquedo da outra, querer fazer as coisas melhor, ter os melhores brinquedos. Isso, por definição, é a maneira mais frequente, quando a criança pensa ser a melhor para resolver problemas.

3. METODOLOGIA

Delcio Salomon traduz muito bem o que é uma pesquisa e o que nela está envolvido: “Trabalho empreendido metodologicamente, quando surge um

problema, para o qual se procura a solução adequada de natureza científica.” (SALOMON, 2001, p.152)

Pesquisa é, portanto, a investigação de um problema (teórico ou empírico) realizada a partir de uma metodologia (que envolve tanto formas de abordagem do problema quanto os procedimentos de coleta de dados), cujos resultados devem ser válidos, embora a provisoriamente seja uma característica do conhecimento científico.

Foi desenvolvida uma pesquisa sobre o nível de conhecimento dos professores de Educação Física sobre o processo de ensino da Luta e Artes Marciais nas escolas. Segundo Andrade se classifica como:

Um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos.

Este artigo é uma pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica. Onde Andrade (2010, p.112) descreve que: “Nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isso significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador.”

Segundo dados, a cidade de Lages-SC possui 67 professores de Educação Física do Estado e 50 do município. Sendo que farão parte da amostra, apenas dez professores da rede estadual, pois o pesquisador terá acesso facilitado a esses professores, devido ao grande número de escolas públicas próximas a sua residência.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário composto por perguntas fechadas, que em seguida serão analisados por três professores da área da Educação Física.

Os dados coletados foram analisados de acordo com os autores da área, para os devidos fins.

3.1 Análise e discussão dos dados

Conforme os dados coletados na pesquisa com os professores da rede estadual de ensino de Lages, S.C. seguem os seguintes resultados.

Em relação a característica dos pesquisados questões número 1 e 2, (tabela 1) (n=10, 100%) são licenciados em Educação Física, sendo (n=9, 90%) mulheres e (n=1, 10%) homem.

Pois segundo a LDB 9394/96 (p.20):

Art.62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior em curso de licenciatura, graduação plena, em universidade instituições superiores de educação [...].

Tabela 1. Formação e sexo dos participantes?

	Formação		Sexo		
	f	%		f	%
Licenciado	10	100	Masculino	1	10
Bacharel	0	0	Feminino	9	90
Total	10	100	Total	10	100

Fonte: Dados do autor.

Conforme dados da pesquisa referente à questão número 3 (tabela 2), foi possível constatar que (n=2, 20%) dos entrevistados já praticaram jiu-jitsu, (n=1, 10%) já praticaram *Muay Thai* e (n=7, 70%), já praticaram ou praticam, outros tipos de luta.

Os PCN's já demonstraram a importância das lutas no conteúdo escolar, ao propor a definição do termo:

As lutas são disputas em que os oponentes serão subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica afim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de lutas as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL, 1998, p.70).

Tabela 2. Você já praticou ou pratica algum tipo de luta? Qual?

	f	%
Jiu-jitsu	2	20
Muay Thai	1	10
Outros	7	70
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo as respostas do questionário, referente a questão 4 (tabela 3) sobre a disciplina de lutas na faculdade, temos os seguintes resultados, (n=2, 20%) tiveram essa disciplina na faculdade, e (n=8, 80%) não tiveram.

Alguns cursos são responsáveis pela formação de profissionais, não tão bem qualificados, pois:

Ainda são raros os cursos de Educação Física que possuem em sua grade curricular alguma disciplina – obrigatória ou optativa – relacionada às lutas, resultando em certo distanciamento do professor de Educação Física do universo cultural das artes marciais em geral (GONÇALVES JUNIOR; DRIGO, 2001, p. 116)

Tabela 3. Você teve a disciplina de lutas na faculdade?

	f	%
Sim	2	20
Não	8	80
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Tendo como referência os dados da questão 5 (tabela 4) do questionário, sobre ministrar lutas nas aulas de educação física nas escolas, obtivemos os seguintes resultados, (n=2, 20%) dos professores entrevistados já ministraram essa disciplina em suas aulas, enquanto (n=8, 80%) ainda não.

Sendo assim:

Acredita-se que com a leitura destes parâmetros, professores de educação física poderão em suas aulas abordar o ensino das Lutas de maneira não centralizada nos gestos técnicos, o que legitima as Lutas como conhecimento da Educação Física no momento em que a formação do professor numa modalidade de luta específica não é exigida (GOMES, 2008, p.61).

Tabela 4. Você já ministrou lutas em suas aulas?

	F	%
Sim	2	20
Não	8	80
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação a questão número 6 (tabela 5) referente à vontade dos professores de ministrar lutas em suas aulas de Educação Física, aparecem os seguintes resultados, (n=6, 60%) responderam que sim, e (n=4, 40%) responderam que não sentem vontade.

Deste modo podemos entender que “As lutas, assumem o papel de instrumento de auxílio pedagógico ao professor de Educação Física, ou seja, devemos incluir o ato de lutar no contexto histórico-sócio-cultural do homem.” (FERREIRA, 2006, p. 37)

Tabela 5. Se caso não tenha ministrado, sente vontade de acrescentar em suas aulas?

	F	%
Sim	6	60
Não	4	40
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Ao que se refere a questão 7 (tabela 6) do questionário aplicado aos professores da rede estadual de ensino do município de Lages, sobre ensino de lutas nas escolas e seu nível de preparo para dar essa aula para seus alunos, observou-se os seguintes resultado: (n=1, 10%) responderam sim, enquanto (n=9, 90%) responderam que não se sentem preparados.

Seguindo essa perspectiva podemos afirmar que: “O professor de Educação Física é graduado e apto para trabalhar com o desenvolvimento motor através do tema lutas, sem, necessariamente ser “faixa preta.” (DUINO, 2013, p.23)

Tabela 6. Sente-se preparado para ensinar essa disciplina?

	f	%
Sim	1	10
Não	9	90
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme dados coletados na pesquisa com professores da área (questão 8, tabela 7), temos os seguintes resultados: (n=2, 20%) afirmam que sim, e (n=8, 80%) afirmam que sua escola não possui estrutura, nem materiais necessários para o ensino de lutas.

O conteúdo esporte é o que mais sofre com a carência de espaço físico. Para Soares et. al. (1992, p.71): “[...] o esporte precisa ser questionado em suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural que o pratica, cria e recreia.”

Tabela 7. Sua escola possui estrutura e materiais necessários para essa aula?

	f	%
Sim	2	20
Não	8	80
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo nos mostra os resultados do questionário, foi possível verificar que: (n=8, 80%) acham essa modalidade é relevante (questão 9, tabela 8), e (n=2, 20%) não acham relevante na formação dos alunos.

Deste modo, podemos observar que essa disciplina tem inúmeros benefícios, tais como:

A prática da luta, em sua iniciação esportiva, apresenta valores que contribuem para o desenvolvimento pleno do cidadão. Identificado por médicos, psicólogos e outros profissionais, por sua natureza histórica apresentam um grande acervo cultural. Além disso, analisada pela perspectiva da expressão corporal, seus movimentos resgatam princípios inerentes ao próprio sentido e papel da educação física na sociedade atual, ou seja, a promoção da saúde (FERREIRA 2006, p. 40).

Tabela 8. Acha essa modalidade relevante na formação dos alunos?

	f	%
Sim	8	80
Não	2	20
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Tendo como referência os dados da questão 10 (tabela 9), observou-se que (n=2, 20%) dos entrevistados acham que ensinar lutas nas escolas incentivam a violência, já (n=8, 80%) acham que não.

Tabela 9. Você acha que ensinar lutas na escola pode incentivar a violência entre alunos?

	f	%
Sim	2	20
Não	8	80
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Para Hokino e Casal (2001) apud Bina e Matias (2009, p.29):

[...] a agressividade faz parte dos esportes, principalmente das lutas, mas uma agressividade chamada de “*agressividade positiva*”, essa que se expressa na forma de vontade de vencer, respeitando as regras e a forma de conduta impostas pela prática de lutas, que será passada pelo professor aos alunos, e também, as regras das competições que serão disputadas pelos alunos. Desta forma o aluno passa a desenvolver um autocontrole, através dos treinamentos e orientações adequadas que lhes são fornecidas pelos professores.

4. CONCLUSÃO

Ao investigar as percepções dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino do município de Lages/SC, em relação aos seus níveis de conhecimentos sobre artes marciais, procurou-se entender como os docentes pensavam a respeito dessa questão.

A maioria deles já haviam vivenciado algum tipo de luta durante suas vidas, apresentando intenções pessoais como a principal justificativa para essa experiência, mas apenas dois sujeitos da amostra vivenciaram a luta durante a formação inicial, e nunca abordaram em suas aulas.

Identificou-se a formação insuficiente em relação aos aspectos pedagógicos do ensino destas, como principal impeditivo à prática, além é claro do desprovimento de materiais e instalações, mas a associação equivocada da luta a violência não se apresentaram como impedimento a realização das aulas com este tema para esses sujeitos.

Desta forma, compreendendo a luta e toda sua complexidade, na percepção dos educadores físicos, foi possível verificar intenções mas também limitações em relação a sua abordagem, apesar das escolas onde os professores lecionam não se utilizar essa disciplina, a maioria de acordo com suas respostas apontam que as artes marciais poderia ser uma saída eficaz para o resgate social de seus alunos no âmbito escolar, além de poder contribuir positivamente para o seu rendimento, lhes dando mais concentração, disciplina e interesse.

Com toda certeza essa disciplina contribuiria para a formação de bons cidadãos, lhes ensinando e lapidando valores humanos, não somente na escola, mas sim para toda uma vida, pois as lutas são consideradas atividades de grande potencial interdisciplinar, constituindo várias formas de aprender.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

BRASIL. LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, desde 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_idbn1.pdf> acessado em 08/10/2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acessado em 05/05/2018.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. *Motriz*. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 01 – 09, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270025696_Producao_academica_em_lutas_artes_marciais_e_esportes_de_combate. Acessado em: 05/05/2018.

COSTA, Amanda L.A.; GOMES, Cássio Joaquim. **O Ensino de Lutas e Artes Marciais nas aulas de Educação Física Escolar: Uma Proposta de Organização Curricular**. FIEP BULLETIN - Volume 80 - Special Edition - ARTICLE I, 2010. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/970>. Acessado em: 05/05/2018.

CONFEEF, **Recomendações para a educação física escolar**. 2014. Disponível em: http://www.listasconfef.org.br/arquivos/recomendacoes_para_a_educacao_fisica_escolar2.pdf. Acessado em: 05/05/2018.

DARIDO, Cristina. Educação Física Escolar: **Implicações Para Práticas Pedagógicas**. 2.ed. Editora Guanabara Koogan, 2003.

DUÍNO, S. **A águia e a galinha: O “karatê” e o professor de educação física**. *Cadernos de Estudos e Pesquisas*. IX - Nº 21 - 2005 - Educação Física. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1studospesquisa2&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=89>. Acessado em: 10/05/2018.

FERREIRA, H. Simões: **As lutas na Educação Física Escolar** (2006). *Revista de Educação Física* – 135(2006) 23-45. Disponível em: http://www.academia.edu/7870729/REVISTA_DE_EDUCA%C3%87%C3%83O_F%C3%8DSICA_-No_135_NOVEMBRO_DE_2006_-P%C3%81G._ASLUTASNAEDUCA%C3%87%-C3%83OF%C3%8DSICAESCOLAR. Acessado em: 10/05/2018.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. Ensino de lutas: **reflexões e propostas de programas**. São Paulo: Scortecci, 2006.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2004.

GERHARDT, Tatiana. **Métodos De Pesquisas**. Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Mariana S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. Campinas, 2008.

GONÇALVES JUNIOR, L.; DRIGO, J. **A já regulamentada profissão de Educação Física e as Artes Marciais**. *Revista Motriz (UNESP)*, Rio Claro, v.7, n.2, p.131-132, 2001. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/GoncalvesJr.pdf> Acessado em: 10/05/2018.

GONZALEZ, Fernando Jaime; SCHWENGBER Maria Simone Vione. **Práticas pedagógicas em educação física: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

GUIMALHÃES, Roberto. **Artes Marciais Na Pós Modernidade**. Editora Omp, 2016.

MATTOS, Mauro Gomes de. **Educação Física infantil: construindo o movimento na escola**. 7. Ed. São Paulo: Ágora, 2000.

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. **Artes marciais e jovens: violência ou valores educacionais?** Niterói, 2011. Disponível em: http://www.listasconfef.org.br/arquivos/teses_e_dissertacoes/mocarzel.pdf. Acessado em: 10/05/2018.

NASCIMENTO, P. R. B. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades**. Movimento. Porto Alegre, 2007.

PEREIRA, C. A. F.; FERON, P. V. As artes marciais nas escolas vistas por diversos ângulos. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, n. 143, abr. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd143/as-artes-marciais-nas-escolas.htm>. Acessado em 06/05/2018.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10. ed. rev. São Paulo: M. Fontes, 2001.

SOARES, L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cortez. v.11, n.3 p. 200. 2009.

TORRES, Luís R. **Propostas pedagógicas para o ensino de lutas em escolas: uma visão sobre o universo do Kung Fu**. *Revista digital*. Buenos Aires, ano 15, nº147, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd147/o-ensino-de-lutas-em-escolas-o-universo-do-kung-fu.htm>. Acessado em 06/05/2018.

COSTA, Rafael Madeira da. **Lutas e artes marciais nas aulas de educação física: uma revisão da literatura**. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/lutas-e-artes-marciais-nas-aulas-de-educacao-fisica-uma-revisao-da-literatura>. Acessado em: 06/05/2018.

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL COMO TEMA TRANSVERSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

BONIN, Flávia Cruz¹
SOUSA, Francisco José Fornari²
MATOS, Fabricio Marcelo Ribeiro³
PADILHA, Iraci Ribeiro De Carvalho⁴

RESUMO

Introdução: A consciência ambiental é um tema de muita importância a ser trabalhado no ambiente escolar, e pode ser desenvolvido em diversas matérias como tema transversal. **Objetivo:** Pesquisar se os professores de educação física de Bom Retiro, S.C. desenvolvem o tema “Consciência ambiental” em suas aulas. **Metodologia:** pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica. Fizeram parte da amostra 10 professores de educação física de Bom Retiro- SC. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário com perguntas descritivas e objetivas. Os dados foram analisados através de estatística básica (f e %). **Resultados:** Notou-se um resultado positivo em relação as atividades que já vem sendo trabalhadas. Onde 100% dos entrevistados já haviam abordado o tema “consciência ambiental” em suas aulas, 90% se sentem preparados para ministrar este conteúdo, e 70% consideram muito importante incluir esta temática nas aulas de educação física. **Conclusão:** Conclui-se que os professores de educação física de Bom Retiro, S.C. se sentem preparados para abordar este assunto em suas aulas, entretanto não utilizam da unidade temática “esportes de aventura na natureza” como ferramenta para ministrar este conteúdo.

Palavras-chave: Educação Física. Meio Ambiente. Consciência Ambiental.

ABSTRACT

Introduction: Environmental awareness is a topic of great importance to be worked on in the school environment and can be developed in several subjects

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

E-mail: laviacruzbonin@hotmail.com - CV: <http://lattes.cnpq.br/9473457074835932>

²Coordenador e professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

E-mail: prof.francisco.fornari@unifacvest.edu.br - CV: <http://lattes.cnpq.br/5505016568685967>

³Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

as a cross-cutting theme. **Objective:** Research whether physical education teachers in Bom Retiro-SC develop the theme “Environmental awareness” in their classes. **Methodology:** Field, descriptive and diagnostic research. The sample included 10 physical education teachers from Bom Retiro S.C. As a data collection instrument, a questionnaire with descriptive and objective question was applied. The data were analyzed using basic statistics (f and %). **Results:** A positive result was noted in relation to the activities that are already being worked on. Where 100% of the interviewees had already addressed the topic “environmental awareness” in their classes, 90% feel prepared to teach this content, and 70% consider it very important to include this topic in physical education classes. **Conclusion:** It is concluded that physical education teachers from Bom Retiro-SC feel prepared to approach this subject in their classes, however they do not use the thematic unit “adventure sports in natures” as a tool to teach this content.

Keywords: Physical education. Environment. Environmental Awareness.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as práticas de esportes de aventura na natureza presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), agregado ao meio ambiente, tendo como foco a consciência ambiental e conseqüentemente a preservação.

As práticas de aventura na natureza é um tema pouco presente no dia a dia escolar e que se faz cada vez mais importante pois é agregada a educação ambiental. Segundo a Lei Nº 9.795/99 Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999, p.58):

Art. 1º Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial á sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

O tema a ser desenvolvido, foi escolhido a partir da necessidade que se tem de abordar o assunto na escola e a dificuldade que os professores de

educação física encontram em relacionar o tema com suas aulas. Mas de onde surge essa carência em desenvolver esse tema? E por que o abordar em aulas de educação física?

Diante do fato do ser humano ser o principal agente causador da destruição da natureza (fauna e flora), intervindo em biomas e ecossistemas através do uso irracional de recursos naturais, surge a necessidade de formar cidadãos conscientes que não reproduzam essas ações irresponsáveis (NEUENFELDT; MARTINS, 2016).

A educação física já chegou perto de ser retirada da grade escolar o que preocupa os atuais e futuros profissionais da área, por isso, é fundamental que exploremos cada vez mais os diversos temas que se fazem presentes na área.

A oportunidade que a educação física traz de aprender conteúdos na prática é um diferencial, e desenvolver o tema “consciência ambiental” nessas aulas, utilizando ambientes externos para reproduzir essa ideia, faz com que desperte maior interesse por parte dos alunos e com isso tenham maior facilidade em aprender.

Este artigo tem como objetivo principal, pesquisar se os professores de educação física de Bom Retiro, S.C. desenvolvem o tema “consciência ambiental” em suas aulas. E em caso positivo compreender como este conteúdo é abordado.

2. CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A educação física surgiu de diferentes necessidades sociais que foram aparecendo ao longo dos tempos em lugares distintos, por isso ela pode ser conceituada de diversas formas. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.50): A educação física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividade expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

A Educação Física escolar presente na BNCC na área de linguagens, abrange as práticas corporais de diversas formas e dentre elas se fazem presentes as “práticas corporais de aventura”, que são caracterizadas quando o praticante se encontra em um ambiente desafiador. Assim como todas as outras práticas corporais, ela também recebe classificações, que são caracterizadas pelo ambiente que necessitam para serem realizadas, que são esses: na natureza, e áreas urbanas (BRASIL, 2017).

A Educação Ambiental (EA) foi reconhecida internacionalmente em 1977 em virtude da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi na Georgia, União Soviética. Porém, no Brasil, em meados de 1970 já se percebia algumas pequenas atividades voltadas a preservação e melhoria do meio ambiente, por parte isolada de professores, estudantes e escolas (BRASIL, 2018).

Ao longo dos anos foram criados programas pelo governo, com foco na EA, alguns deles foram: Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA); Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA); Coordenação Geral de Educação Ambiental (Coea/MEC); Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA); Rede Brasileira de Educação Ambiental (Rebea); entre outros (BRASIL, 2018).

Para Franco (2011, p.267):

As faculdades de Educação Física e suas áreas de conhecimento só se deram conta de que todo esse movimento poderia ser-lhes pertinente tardiamente, quando o turismo e seus diversos tentáculos, lojas de aventura, grupos e ONGs, “donos” de cachoeiras e áreas naturais, políticos e empresários donos de marcas de pranchas, *skates*, acessórios e equipamentos diversos já haviam tomado as “rédeas” da administração, da venda e da prática desse universo, também chamado de radical.

Segundo a Lei Nº 9.795/99 Política Nacional de Educação Ambiental (1999, p.1): “Art. 2º. A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.”

Este estudo se faz importante por ser uma forma de entender como é trabalhado tema “consciência ambiental” agregado as práticas de aventura na natureza, nas aulas de educação física. E em contrapartida despertar o interesse dos professores que ainda não o incluíram em seu planejamento.

Segundo Schwartz (2006) praticar atividades físicas de aventura na natureza oferecem ao homem o afastamento da sua rotina diária, proporcionando assim momentos que são capazes de mudar sua visão em relação ao ambiente em que vive.

Para formar futuras cidadãs e cidadãos conscientes, que não reproduzam ações irresponsáveis diante do meio ambiente, e que tenham pelo menos o conhecimento básico sobre preservação, utilização de recursos naturais, reciclagem, descarte consciente do lixo e entre outros, é necessário

que seja trabalhado mesmo como conteúdo transversal o tema “meio ambiente” em diversas matérias do currículo escolar.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): meio ambiente e saúde (BRASIL 1997, p.15):

Essa consciência já chegou à escola e muitas iniciativas têm sido desenvolvidas em torno desta questão, por educadores de todo o País. Por estas razões, vê-se a importância de se incluir a temática do Meio Ambiente como tema transversal dos currículos escolares, permeando toda prática educacional.

Ter conhecimento sobre a importância de se preservar o ambiente em que vivemos é essencial, uma vez que ao longo da existência humana, nossos recursos naturais vêm sendo degradados. Cada dia mais as grandes cidades aumentam em nível descontrolado, nossas florestas são desmatadas, rios são poluídos, recursos naturais vêm sendo mais explorados, e o lixo é descartado em lugares impróprios, resultando no aquecimento global. (BRASIL, 2005)

Apesar de ser mais comum em aulas de biologia, ciências e geografia, e raramente ser trabalhada nas aulas de educação física, a consciência ambiental se faz presente na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) como “práticas corporais de aventura na natureza” (BNCC, 2017). Dessa forma pode ser trabalhado como tema transversal ao currículo escolar.

3. METODOLOGIA

Segundo o autor Gil (2008, p. 26): “Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.”

Foi realizada uma pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica, pois, segundo Andrade (2001, p. 19, 20): “[...] nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles.”. Sendo assim, esse tipo de pesquisa é a que melhor se aplica ao trabalho.

Fizeram parte da pesquisa 10 professores da rede municipal e estadual de Bom Retiro, S.C. Utilizado como critério de escolha o fato da facilidade de acesso a estes professores.

Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas. As questões foram elaboradas a fim de compreender se os professores estão preparados para abordar o tema “consciência ambiental” e entender como este tema é aplicado na prática.

Os dados foram analisados através de estatística básica (f e %) reproduzida em gráficos, discutidos segundo os autores da área.

3.1 Análise e discussão dos dados

As primeiras quatro questões da pesquisa (tabela 1, 2, 3 e 4), tem o intuito de identificar a amostra, com perguntas que ofereciam dados mais pessoais dos entrevistados. A fim de conhecer um pouco sobre quem estaria nos oferecendo os dados da pesquisa Bolfarine e Bussab (2004, p.6) apontam:

A unidade elementar, ou simplesmente o elemento de uma população, é o objeto ou entidade portadora das informações que pretende-se coletar. Pode ser uma pessoa, família, domicílio, loja, empresa, estabelecimento, classe de alunos, escola, etc. É muito importante que a unidade elementar seja claramente definida, para que o processo de coleta e análise tenha sempre um significado preciso e uniforme.

Em se tratando da primeira questão do questionário aplicado (tabela 1), que perguntava sobre a idade da amostra, (n=40%) possuem entre 20 e 30 anos, (n=20%) possuem entre 30 e 40 anos, (n=30%) possuem entre 40 e 50 anos e (n=10%) possui mais de 50 anos.

Tabela 1. Idade da amostra.

	f	%
20 a 30 anos	4	40%
30 a 40 anos	2	20%
40 a 50 anos	3	30%
Mais de 50 anos	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A segunda questão (tabela 2) relaciona-se ao sexo da amostra. Onde (n=20%) responderam a opção “feminino” e (n=80%) responderam a opção “masculino”.

Tabela 2. Sexo da amostra.

	f	%
Feminino	2	20%
Masculino	8	80%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A questão número 3 (tabela 3), tinha o intuito de identificar o tempo de formação da amostra. (n=20%) responderam menos de 1 ano; (n=30%) responderam entre 1 e 5 anos; e (n=50%) responderam 5 anos ou mais.

Tabela 3. Tempo de formação da amostra.

	f	%
Menos de 1 ano	2	20%
Entre 1 e 5 anos	3	30%
5 anos ou mais	5	50%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme a questão número 4 (tabela 4) que identifica o tempo de atuação como professor(a), responderam (n=0%) menos de 1 ano; (n=30%) entre 1 e 5 anos; (n=70%) 5 anos ou mais.

Tabela 4. Tempo de atuação como professor(a).

	f	%
Menos de 1 ano	0	0%
Entre 1 e 5 anos	3	30%
5 anos ou mais	7	70%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Os esportes de aventura na natureza ou as práticas corporais de aventura, estão presentes na BNCC como uma das seis unidades temáticas abordadas no ensino fundamental. Assim sendo, é essencial que os professores tenham conhecimento sobre esta unidade para desenvolverem a mesma em suas aulas. Chama atenção, a partir da pesquisa com uma amostra relativamente pequena, o fato de um dos entrevistados não ter conhecimento sobre esta unidade temática presente na BNCC.

Iniciando as questões que se referem ao tema da pesquisa, na tabela de número 5 responderam (n=90%) sim; (n=10%) não.

Tabela 5. Você já ouviu falar dos esportes de aventura na natureza, presentes na BNCC?

	f	%
Sim	9	90%
Não	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p.34): “Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo.”

Isto demonstra a importância de se preparar as aulas levando em consideração diversos aspectos que podem impactar positivamente a experiência dos alunos.

Conforme a questão seis (tabela 6), (n=40%) responderam que sim; e (n=60%) responderam que não.

Tabela 6. Você já trabalhou os esportes de aventura nas suas aulas?

	f	%
Sim	4	40%
Não	6	60%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Resultado este que nos preocupa, pois entre os 90% (tabela 5) que conhecem esta unidade temática, somente 40% (tabela 6) já desenvolveu o tema em suas aulas.

Sabemos que essas práticas de aventura são mais desafiadoras e exigem mais dos professores, porém não deveríamos deixar certas abordagens de fora do planejamento por insegurança ou medo de experimentar algo novo. Segundo Franco (2011, p.267):

Um fato importante é que tudo o que é novo ou diferente assusta. Principalmente, e via de regra, nossos chefes, sejam coordenadores, sejam diretores, não conseguem enxergar as atividades como os profissionais da área as veem e as antecipam. E mesmo que enxerguem, tem responsabilidades pesadas perante os pais e os supervisores. Por isso, o professor deve ter firmeza naquilo que pretende realizar.

É possível pressupor alguns motivos que levam ao resultado desta questão, em que a maioria dos professores afirmam nunca ter trabalhado as práticas corporais de aventura em aula. Como exemplo o fato de a palavra “aventura” trazer em sua conotação uma ideia de perigo, deste modo, se cria um imaginário negativo em torno de promover atividades desta forma com os alunos.

Na questão de número 7 (tabela 7), (n=80%) responderam que sim; (n=20%) responderam que não.

Que os alunos preferem aulas diferenciadas e em ambientes externos a escola, é um fato. E saber que 80% dos professores entrevistados utilizam desse recurso para ministrar suas aulas, é muito positivo.

Segundo Fritzen (2014, p.33):

Os espaços externos que a escola tem a oferecer precisam ser aproveitados tanto pelos professores e suas respectivas turmas como por toda a escola, oportunizando a todos os alunos vivências com espaços não escolarizados (espaço público), promovendo a socialização dos estudantes com a comunidade em geral, incluindo-os ainda mais na cultura do local.

Tabela 7. Você costuma utilizar os ambientes externos a escola para aplicar suas aulas?

	f	%
Sim	8	80%
Não	2	20%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Os ambientes externos podem ser um espaço muito propício para se trabalhar temas relacionados ao meio ambiente, por proporcionar aos alunos contato direto com a natureza. Além disso, despertam a curiosidade do aluno pois a aula se torna mais atrativa por sair da rotina e do ambiente escolar.

Em relação ao tema “consciência ambiental”, (n=100%) responderam que sim na questão de número 8 (tabela 8).

Tabela 8. Você já desenvolveu em suas aulas alguma atividade que envolvesse o tema “consciência ambiental”?

	f	%
Sim	10	100%
Não	0	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A educação ambiental não deve ser deixada de fora do currículo escolar por porte de nenhuma disciplina, porém nota-se que esta abordagem é mais comum em aulas de biologia, ciências e geografia. Segundo Medeiros et al (2011, p.3):

[...] é importante que a escola trabalhe atitudes práticas e não só teóricas em relação à educação ambiental. A importância da atividade prática neste tema, onde se insere a educação física, é que o aluno tem a oportunidade de vivenciar de perto as questões trabalhadas teoricamente em outras disciplinas.

A partir desta questão inicial, foi feita uma segunda pergunta descritiva sobre como os professores haviam colocado em prática este tema em suas aulas. Em geral, as respostas foram sobre reciclagem, feira de ciências, caça ao tesouro, gincanas e semana do meio ambiente, entretanto notou-se que as respostas não descreviam as atividades de forma mais detalhada.

Saber que este tema é abordado nas aulas de educação física por 100% dos entrevistados mostra que as instituições de ensino estão mais preparadas para formar cidadãos conscientes que podem atuar de forma mais comprometida com a realidade em que estão inseridos.

Em relação ao tema “consciência ambiental”, (n=90%) responderam que sim; (n=10%) responderam que não, na questão de número 9 (tabela 9).

Tabela 9. Você se sente preparado para desenvolver o tema “consciência ambiental” em suas aulas?

	f	%
Sim	9	90%
Não	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Estar preparado para ensinar sobre educação ambiental e qualquer outro conteúdo, é indispensável para que o professor consiga repassar seu conhecimento de forma clara e produtiva. Porém, dentro do contexto da educação física a ideia de conscientização ambiental é um tema pouco citado, o que traz a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada e uma maior dedicação dos professores para conseguir repassar este conteúdo.

A tabela 9, nos apresenta dados positivos em relação a este assunto, pois somente 1% dos entrevistados diz não estar preparado para abordar este tema em suas aulas. O que nos permite entender que os professores da cidade de Bom Retiro, em maioria dedicam-se e buscam trabalhar de forma ampla os conteúdos em suas aulas.

Segundo a Lei Nº 9.795/99 Política Nacional de Educação Ambiental (1999, art. 11): “A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todo os níveis e em todas as disciplinas”.

Na última pergunta fechada (tabela 10) da pesquisa, (n=0%) responderam ter pouca importância; (n=30%) responderam ser importante e (n=70%) responderam ter muita importância.

Tabela 10. Para você, qual a importância de se trabalhar o tema “consciência ambiental” nas aulas de educação física?

	f	%
Pouco importante	0	0%
Importante	3	30%
Muito importante	7	70%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

É compreensível que cada professor tenha um julgamento pessoal a respeito da importância dos temas a serem trabalhados em suas aulas. Entretanto, é importante levar em consideração o que indica a BNCC

[...] assegurar aos alunos (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito dos seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade. (BRASIL, 2017)

A partir da questão 10, foi solicitado que os entrevistados identificados como (P1; P2; P3; P4; P5) dessem suas considerações finais acerca do tema da pesquisa. Algumas delas foram:

P1: “É um tema de grande importância para todos nós professores e alunos, mostrando a importância do meio ambiente e incentivando os esportes de aventura”

P-2: “Em um mundo em que vivemos devemos todos fazer nossa parte e ainda mais como professores incentivar novas gerações a respeito do que os rodeia”

P-3: “A educação ambiental não pode ser trabalhada em apenas uma área na escola e sim fazendo um trabalho interdisciplinar e começando desde a educação infantil para formar cidadãos mais conscientes futuramente.”

P-4: “Todas as escolas deveriam de uma forma conjunta trabalhar mais forte este tema, incluindo todo ambiente escolar nas disciplinas através do currículo”

P-5: “A educação física é conectada com a natureza, pois relaciona-se com a conservação de ambientes, com ares de lazer, com os ciclos da natureza, enfim, está tudo dentro da proposta da transversalidade.”

Conforme a tabela 10 e as respostas transcritas, é notório que os professores entrevistados compreendem a importância da educação ambiental. Utilizar das aulas de educação física para reproduzir este conteúdo nas escolas, com jogos, brincadeiras, gincanas e entre outros, é uma ótima ferramenta, pois torna o desenvolvimento das aulas mais dinâmico e atrativo para os alunos.

4. CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa, foi possível constatar que os professores se sentem preparados para trabalhar o tema “consciência ambiental” em suas aulas de educação física. Notou-se que o resultado foi bastante positivo em relação às atividades que já vem sendo desenvolvidas sobre o tema. Entretanto, os professores entrevistados, em sua maioria, não utilizam a unidade temática “esportes de aventura na natureza” para abordar os assuntos relacionados à educação ambiental.

A pesquisa além de investigar se os professores de educação física de Bom Retiro, SC desenvolviam o tema “Consciência ambiental” com seus alunos, teve como contribuição despertar o interesse dos professores a desenvolver de forma mais significativa este tema. Espera-se que com esta pesquisa, os professores passem a utilizar mais recursos envolvendo esportes de aventura e educação ambiental em suas aulas.

A educação ambiental trata-se acima de tudo, de valores a respeito da consciência e preservação do meio ambiente, valores estes que devem se transformar em atitudes e habilidades em relação à natureza e seu meio. Para que sejamos educados ambientalmente é necessário que a preocupação com as questões ambientais deixe de ser apenas preocupações e se tornem ações, mas para que isso seja efetivo, é necessária uma mudança de



comportamento por parte dos sujeitos inseridos na sociedade, e neste sentido a educação física escolar e seus professores têm muito a contribuir.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Como Preparar Trabalhos Para Cursos de Pós-Graduação**. São Paulo: Atlas S.A., 2001.

BOLFARINE, Heleno; BUSSAB, Wilton O. **Elementos de Amostragem**. São Paulo: Blucher, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ Secretaria da Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Consumo Sustentável**: Manual de Educação. Brasília: *Consumers international/ MMA/ MEC/ IDEC*, 2005. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/consumo_sustentavel.pdf acesso em 08 de abril de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA)**. Brasília: MEC, SEF, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Meio Ambiente e Saúde. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>. acesso em 28 de maio de 2019

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei Nº 9.795/99. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm acesso em 04 de abril de 2020.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental Princípios e Práticas**. Ipiranga, SC: Vida & Consciência, 2004.

FRANCO, Laercio Claro Pereira. **Atividades Físicas de Aventura**. In: DARIDO,

Suraya Cristina (org.). **Educação Física Escolar**: compartilhando experiências. Compartilhando Experiências. São Paulo: Phorte, 2011.

FRITZEN, Joice Luisa. De espaços escolares e ambientes de aprendizagem: a importância da diversificação dos espaços para promover aprendizagem. 2014. 52 f. **Monografia (Especialização) – Curso de Pedagogia**, Centro Universitário Univates, Lageado, 2014. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/708>. Acesso em: 03 julho 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDEIROS, A. *et al.* A importância da educação ambiental nas escolas nas series iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**. 2011. Disponível em: <http://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/pdf/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf> Acesso em: 05/07/2020

NEUENFELDT, D.; MARTINS, C. Educação Física Escolar e Vivencias com a Natureza: Contribuições Para a Formação Ecológica de Estudantes. **Revista Didática Sistemica**. 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redis/article/view/7157>. Acessado em: 23/02/2020.

RODRIGUES, Renato; GONÇALVES, José Correia. **Procedimentos de Metodologia Científica**. 8 ed. Lages, SC. Papervest, 2017.

SCHWARTZ, Maria Gisele. **Aventuras na Natureza**: consolidando significados. Jundiaí, SP: Fontoura, 2016.

AValiação DO ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

BORTOLINI, Henrique¹
PADILHA, Iraci Ribeiro De Carvalho²
SOUZA, Marcos Antônio de³
BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz⁴

RESUMO

Introdução: Avaliar faz parte do processo de avaliação, saber se o educando está apto ou não a prosseguir para os próximos anos. Porém como saber se esse processo tem sido usado de forma a atender as necessidades da educação atualmente? **Objetivo:** Pesquisar as formas de avaliação na Educação Física. **Metodologia:** Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. Fizeram parte da amostra 10 professores da rede pública de ensino, tanto da rede municipal como da estadual, escolhidos de forma aleatória por serem mais acessíveis, entre escolas da cidade de Lages/SC. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário. Os dados foram analisados através de estatística básica (f e %) e apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** Em relação ao uso de instrumentos para avaliação, (n=7, 70%) diz usar provas práticas. (n=9, 90%) dizem que os alunos quase sempre obtiveram os conhecimentos passados. (n=6, 60%) quase sempre retoma as aulas para revisar o conteúdo. (n=8, 80%) dos professores acham que existem momentos específicos para avaliar. (n=5, 50%) acha que se deve avaliar depois de cada atividade. (n=9, 90%) diz que os alunos têm conhecimento de como serão avaliados. (n=9, 90%) acha que deve ser diferente a avaliação das séries iniciais para as médias. (n=10, 100%) dos entrevistados se mantém atualizados conforme os métodos de avaliação e (n=8, 80%) diz quase sempre ter tido aulas nos cursos de formação superior sobre o tema avaliação. **Conclusão:** Através do que foi apresentado podemos concluir que a maioria dos professores tem conhecimento do assunto avaliação, e que os cursos de formação precisam dar um maior enfoque ao assunto, usam de diversas formas de avaliar e nenhum deixa de estar correta.

Palavras-chave: Educação Física. Avaliação. Professor.

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Professora do Centro Universitário UNIFACVEST.

EVALUATION OF EDUCATION IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

Introduction: Evaluating is part of the evaluation process, knowing whether the student is able or not to proceed for the next few years. But how to know if this process has been used to meet the needs of education today? **Objective:** Research the forms of evaluation in Physical Education. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research. The sample consisted of 10 teachers from the public school system, both from the municipal and state schools, chosen at random because they are more accessible, among schools in the city of Lages/SC. As a data collection instrument, a questionnaire was used. Data were analyzed using basic statistics (f and %) and presented in the form of tables. **Results:** Regarding the use of instruments for assessment, (n=7, 70%) say they use practical tests. (n=9, 90%) say that students almost always obtained past knowledge. (n=6, 60%) almost always returns to classes to review the content. (n=8, 80%) of the teachers think that there are specific moments to evaluate. (n=5, 50%) thinks that it should be evaluated after each activity. (n=9, 90%) says that students are aware of how they will be evaluated. (n=9, 90%) thinks that the evaluation of the initial series for the averages should be different. (n=10, 100%) of the interviewees keep up to date with the evaluation methods and (n=8, 80%) say they almost always had classes in higher education courses about evaluation. **Conclusion:** Based on what has been presented, we can conclude that most teachers are aware of the subject of evaluation, and that training courses need to focus more on the subject, they use different ways of evaluating and none is wrong.

Keywords: Physical Education, Assessment, Teacher.

1. INTRODUÇÃO

Segundo diversos autores conceituados da área, a Educação Física passa por um processo de mudanças que tem relevante importância no que diz respeito aos métodos avaliativos, onde a “velha guarda” deixa o sistema, que antes tinha forte impacto na exclusão de alunos, para uma nova forma mais diagnóstica, onde os professores deixam de lado as notas aplicadas ao rendimento esportivo e focam em métodos que possam incluir a todos no esporte e consecutivamente aumentar o interesse na prática esportiva de todos.

As pesquisas realizadas nesse artigo revelam inúmeras opiniões acerca de como o profissional deve avaliar seus educandos, buscando sempre a inclusão de todos e avaliando através do desempenho durante o ano letivo, para que seja realizado um diagnóstico mais preciso sobre as evoluções e objetivos, se foram alcançados. Os autores ainda citam as matérias iniciais da graduação do profissional de educação física como grandes produtoras de conhecimento em relação as formas de conhecer e diagnosticar a correta aplicação de formas avaliativas com base nos conhecimentos adquiridos sobre a forma como o professor vê seus educandos.

Somos frutos de uma época em que a aptidão física era a principal forma de avaliação, e que essa forma está cada vez mais distante das concepções da educação física, pois a meta principal é desenvolver as capacidades de cada um e trazer o esporte como um aliado a ser empregado por toda vida nesse mundo onde a tecnologia está tomando conta do tempo das pessoas.

Esse artigo teve como base a elaboração de pesquisa em campo, a aplicação de questionário, pretendendo analisar como é realizada a avaliação na Educação Física dentro das escolas, como o professor age para com os alunos durante as aulas para que seja corretamente aplicada, objetivando o melhor resultado.

2. AVALIAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

2.1 Avaliação na escola e na educação física

Suraya Cristina Darido (2003) diz que ao longo da história a Educação Física usou de testes de capacidades físicas na escola, com objetivos pouco educacionais, que enalteciam os mais habilidosos, para compor a elite da escola e até mesmo do País. Era um modelo de medidas quantitativas em que os melhores recebiam as maiores notas. Porém o procedimento diagnóstico tem se mostrado muito mais eficaz em relação a avaliação para com os alunos.

Ela ainda cita que a forma diagnóstica de avaliação, que é a observação do avanço na aprendizagem do aluno, é muito mais eficaz para poder saber o quanto evoluiu e o que precisa para melhorar seus resultados, consequentemente levando o esporte para a vida.

Estamos vivendo uma época de constantes mudanças nas formas de avaliar os alunos em prol de um crescimento do conhecimento sobre formas avaliativas, decorrente da facilidade em se obter informação os professores têm buscado aprimorar suas ferramentas acerca dessa concepção. Porém,

nem todos pensam ou agem dessa forma, vivendo o comodismo e aceitando a padronização de conhecimentos. (PERRENOUD, 1999)

Perrenoud (1999) ainda levanta uma questão muito importante acerca do processo de avaliação, ele passa uma definição de que o aluno que fracassa é aquele que não atinge o resultado esperando dentro do prazo ao qual foi submetido pela instituição, conforme o programa estabelecido pelo estado. A partir dessa definição ele questiona como se sabe se o aluno realmente adquiriu os novos conhecimentos no prazo estabelecido? Como se sabe se realmente fracassou?

Mesmo que a avaliação não seja um fim em si, é raro que seja inteiramente ordenada em funções de objetivos bem definidos. Mesmo quando os objetivos são bem claros, os conteúdos e os procedimentos de avaliação adotados não são necessariamente a maneira ótima, mais eficaz ou a mais racional de alcançá-los (PERRENOUD, 1999. p.55).

Nessa postura é possível perceber que as formas como é realizada a avaliação não são sempre de forma a ajustar os conhecimentos aos educandos, mas na maioria das vezes apenas aplicar o que é pré-determinado para todos como um igual.

Jussara Hoffman (2014) entra na discussão com os professores acerca dos métodos, em suas pesquisas ela tem notado algumas perguntas frequentes que os educadores fazem a essa questão: “Como deixar de atribuir notas?” “Não estaríamos sendo injustos, imprecisos, vagos, muitas vezes?” Essa justiça que eles têm sobre a precisão do querer saber sobre os alunos faz com que a igualdade seja totalmente diferente da justiça, pois desconsidera como o aluno manifesta sua aprendizagem, já que existem inúmeras formas de como ele capta e evolui perante os conteúdos assim aprendidos.

Em nome da justiça da precisão, ocorre muita injustiça em avaliação. Os instrumentos de medida podem ser precisos e bem elaborados, mas isso não garante o seu bom uso e a decorrente orientação dos alunos. Muitos testes nem mesmo se aplicariam a certos alunos em certos momentos, pois se mostram completamente desconectados do desenrolar da sala de aula, anacrônicos em seu sentido (HOFFMAN, 2014. p.81).

Hoffman (2014) ainda diz que: “Não podemos discutir avaliação sem tratar seriamente dos procedimentos que lhe são rotineiros.”

Com base nessas perspectivas podemos perceber o quanto os métodos rotineiros podem influenciar quando o professor passa a avaliar seus alunos, positivamente, parcialmente ou negativamente, trazendo à tona o questionamento sobre como é realizado e como pode ser melhorado para que se tenha o máximo de proveito no crescimento educacional e não somente na preocupação de como “passar de ano”.

Na educação física esse questionamento vem sendo ainda maior. Marilene Soldi Schuhli questiona “O que avaliar? Como avaliar? Para que avaliar?” Ela diz que somos frutos de concepções que tinham a aptidão física e o rendimento esportivo como meta principal a ser trabalhada na disciplina, e que hoje essa abordagem não está mais presente nas novas concepções, mas existem muitas instituições e professores que guardam essa velha prática.

Diante desse quadro questiona-se sobre o entendimento em relação à disciplina Educação Física e o processo de avaliação: será que enquanto professores trabalhamos com uma metodologia que privilegia o pensamento crítico dos alunos? Será que nossas práticas avaliativas estão levando em consideração a opinião dos alunos, ou somente o nosso posicionamento enquanto professor? E ainda, será que a avaliação está colaborando com o processo de reflexão sobre o trabalho realizado e para ajustar pontos da caminhada, ou está servindo simplesmente como meio de mensuração e classificação? (SCHUHLI, 2008. p.7).

3. METODOLOGIA

Para Strauss e Corbin (1998), o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para se coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as ferramentas das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder nossa questão.

“O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos.” (JOSÉ FILHO, 2006. p.64)

Com base nisso foi feito uma pesquisa de campo em que fizeram parte da amostra 10 professores da rede pública de ensino, tanto da rede municipal como da estadual, do ensino fundamental, escolhidos de forma aleatória entre escolas da cidade de Lages/SC. Os professores foram escolhidos de acordo com a facilidade de acesso a eles.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas fechadas. O questionário foi validado por três professores de Educação Física.

Após a coleta, os dados foram analisados através da estatística básica, (f e %) e apresentados em forma de tabelas.

3.1 Análise e discussão dos dados

A tabela 1 está apresentando o sexo dos professores selecionados (n=6, 60%) masculino e (n=4, 40%) feminino. Pode-se constatar que a maioria dos professores são homens.

Tabela 1. Sexo dos professores.

Sexo	f	%
Masculino	6	60%
Feminino	4	40%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a tabela 1 podemos notar que os professores que fizeram parte da pesquisa têm pouca diferença em relação ao sexo, o que acarreta uma melhor análise dos dados.

A tabela 2 apresenta a idade dos professores que fizeram parte da pesquisa, (n=1, 10%) tem entre 18 e 28 anos, (n=5, 50%) tem entre 29 e 38 anos, (n=3, 30%) tem entre 39 e 48 anos e (n=1, 10%) tem 49 anos ou mais.

Tabela 2. Idade dos professores.

idade	f	%
18 - 28	1	10%
29 - 38	5	50%
39 - 48	3	30%
49 ou mais	1	10%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com os dados da tabela 2, as idades variam muito, porém a maioria dos professores tem idade entre 29 e 38 anos. Uma parte positiva é que as idades variantes trazem uma opinião de várias formações diferentes.

A tabela 3 apresenta o grau de escolaridade dos professores, (n=2, 20%) tem formação em nível superior e (n=8, 80%) além de formação superior, concluíram pós graduação.

De acordo com a tabela 3 os professores, todos os professores possuem graduação superior, sendo que a maioria possui também pós-graduação. Essa iniciativa de continuar os estudos faz com que os professores busquem uma melhora em suas aulas, onde aprendem trocando experiências sobre as mais diversas formas de avaliar seus educandos.

Tabela 3. Grau de escolaridade.

Nível de ensino	f	%
Ensino superior completo	2	20%
Especialização	8	80%
Mestrado	0	0%
Doutorado	0	0%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Ana Rita Martins (2017) diz que não é só o aluno que precisa de um bom professor para aprender. O educador também necessita de bons formadores para fazer a diferença na sala de aula.

A tabela 4 apresenta os instrumentos que os professores utilizaram para avaliar seus alunos durante as aulas, por ser uma questão de múltiplas escolhas (n=7, 70%) dizem usar provas práticas, (n=2, 20%) usam provas teóricas, (n=6, 60%) avaliam através da participação nas aulas, (n=6, 60%) usam a apresentação de trabalhos, (n=4, 40%) trabalha com pesquisas e (n=1, 10%) ainda utilizam outros métodos.

Tabela 4. Instrumentos utilizados para avaliar as aulas.

Instrumentos	f	%
Provas práticas	7	70%
Provas teóricas	2	20%
Participação nas aulas	6	60%
Apresentação de trabalhos	6	60%
Fichas	0	0%
Pesquisa	4	40%
Outros	1	40%

Fonte: dados da pesquisa.

Uma maior ênfase foi dada para provas práticas, participação e apresentação de trabalhos, onde alguns professores ainda usaram pesquisa e provas teóricas. Diversas formas de avaliar fazem parte de um conjunto, onde o professor administra a melhor forma de considerar os aspectos avaliativos. No entanto, segundo Perrenoud (1999) a avaliação não tem objetivos bem definidos, com qual cada professor deve lidar.

Mesmo que a avaliação não seja um fim em si, é raro que seja inteiramente ordenada em funções de objetivos bem definidos. Mesmo quando os objetivos são bem claros, os conteúdos e os procedimentos de avaliação adotados não são necessariamente a maneira ótima, mais eficaz ou a mais racional de alcançá-los (PERRENOUD, 1999. p.55).

A tabela 5 questiona se os conteúdos propostos foram de fato aprendidos pelo aluno durante as aulas, (n=1, 10%) diz que sempre foram aprendidos e (n=9, 90%) diz que quase sempre foram aprendidos.

Tabela 5. Aprendizagem dos conteúdos passados pelo professor.

Respostas	f	%
Sempre	1	10%
Quase sempre	9	90%
Nunca	0	0%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Com base na tabela 5, a maioria dos professores acredita que quase sempre conseguiu fazer com que seus alunos, de fato, aprendessem o proposto com base em seus métodos de ensino.

“Deve acontecer contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno.” (BRASIL, 2018. p.81)

A tabela 6 mostra a quantidade de professores que retomaram os conteúdos que não foram aprendidos pelos alunos em suas aulas posteriores, (n=4, 40%) disseram que sempre retomam os conteúdos e (n=6, 60%) quase sempre retomam.

Tabela 6. Retomada dos conteúdos que não ficaram claros.

Respostas	f	%
Sempre	4	40%
Quase sempre	6	60%
Nunca	0	0%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

As respostas mostram que a maioria volta com os conteúdos, e que alguns sempre retomam os conteúdos para enfatizar o aprendido. Autores dizem que o resultado das notas é muito complexo e diante disso vale uma nova forma de avaliação, se a última não foi eficaz.

Mediante a problemática sobre o resultado das notas dos educandos seja mais complexa do que imaginamos chegar a uma compreensão por nota ou conceitos, significa passar por uma análise bem mais ampla em termos de representação. Pela própria complexidade da tarefa avaliativa o uso dos conceitos evita cicatrizes da precisão e a injustiça decorrente do uso abusivo das notas (HOFFMANN, 2014, p. 45).

A tabela 7 apresenta os dados sobre se o professor tem momentos específicos para fazer a avaliação, (n=8, 80%) sim e (n=2, 20%) não.

Tabela 7. Momentos específicos para realização das avaliações.

Respostas	f	%
Sim	8	80%
Não	2	20%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Uma grande maioria dos professores acham que existem momentos específicos para a avaliação, porém a BNCC diz que o melhor método provém de como o professor avalia durante todo o ano letivo sobre como o educando evoluiu e buscou melhorar seus resultados.

É preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças (BRASIL, 2018. p.41).

A tabela 8 apresenta o momento que os professores acham que as avaliações devem ser realizadas, (n=5, 50%) acha que deve ser no começo do bimestre, (n=2, 20%) acha que deve ser no meio do bimestre e (n=3, 30%) acha que deve ser no final do bimestre.

Tabela 8. Momentos em que a avaliação deve ser realizada.

Momentos	f	%
Após cada atividade	5	50%
No meio do bimestre	2	20%
No final do bimestre	3	30%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Essa questão trouxe à tona os momentos em que os professores usam para avaliar seus alunos, variando bastante o entendimento de como cada um usa o tempo para avaliar. Segundo autores da área não deve haver um momento específico, mas o ato da avaliação deve ser continua o tempo todo.

Tal momento de avaliar a aprendizagem do aluno não deve ser o ponto de chegada, mas uma oportunidade de parar e observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade previamente estabelecida para esse processo de ensino e aprendizagem para retomar a prática pedagógica de forma mais adequada, uma vez que o objeto da ação avaliativa, no caso a aprendizagem, é dinâmico, e, com a função classificatória, a avaliação não auxilia o avanço e o crescimento para a autonomia (LUCKESI, 2005 apud GASPAS, 2019, p.2).

A tabela 9 mostra se os professores deixavam claro para seus alunos sobre como seriam avaliados durante o ano letivo, (n=9, 90%) disse que sim e (n=1, 10%) disse que as vezes dizia como iriam ser as avaliações.

A maioria dos professores deixa claro como são realizadas as avaliações dentro de suas aulas, e um professor às vezes tem este procedimento.

Diante desse quadro questiona-se sobre o entendimento em relação à disciplina Educação Física e o processo de avaliação: será que enquanto professores trabalhamos com uma metodologia que privilegia o pensamento crítico dos alunos? (SCHUHLI, 2008. p.7)

Tabela 9. Conhecimento dos alunos sobre como são avaliados.

Respostas	f	%
Sim	9	90%
Às vezes	1	10%
Não	0	0%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Com base na pesquisa, os entrevistados deixaram claro que deve ser passada a informação sobre como seus educandos serão avaliados, para que assim eles possam buscar melhorar suas habilidades para aquela condição.

A tabela 10 traz para a discussão a realização das avaliações para com séries iniciais e médias, se eram iguais ou se cada uma devia ser avaliada conforme suas condições, (n=1, 10%) disse que avaliava todas por igual e (n=9, 90%) disse que avaliava de forma diferente cada série.

Tabela 10. Critérios de avaliação iguais nos diferentes níveis de ensino.

Respostas	f	%
Sim	1	10%
Às vezes	0	0%
Não	9	90%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 10 mostra que os professores, em sua maioria utilizam formas diferentes de avaliação para os diversos níveis de escolaridade, um professor usa a mesma forma de avaliação. A BNCC diz que se deve aplicar formas avaliativas dependendo de cada turma e aluno individualmente, para a obtenção de um melhor desempenho.

Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos (BRASIL, 2018. p.19).

A tabela 11 busca saber se os professores se atualizam sobre novas formas de avaliação, (n=10, 100%) dizem buscar sempre novas formas de avaliar seus alunos.

Com base nos dados, todos os professores procuram se atualizar em relação aos critérios e formas de avaliação. Isso, segundo autores da área faz com que as formas de avaliação também sejam atualizadas e aprimoradas.

Tabela 11. Atualização sobre as novas formas de avaliação.

Respostas	f	%
Sim	10	100%
Às vezes	0	0%
Não	0	0%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial... A formação

contínua não deve desenrolar-se, necessariamente, apenas no quadro do sistema educativo: um período de trabalho ou de estudo no setor econômico pode também ser proveitoso para aproximação do saber e do saber-fazer (DELORS, 2003, p.160).

A tabela 12 traz em evidência a frequência em que eram realizados estudos durante a formação superior dos professores em relação as formas de avaliação e como elas deveriam ser feitas em suas aulas, (n=1, 10%) diz que nunca foram feitos estudos sobre isso, (n=8, 80%) disseram que quase sempre era comentado sobre isso no curso e (n=1, 10%) diz que nunca teve conhecimento sobre o tema durante o curso.

Tabela 12. Realização de estudos sobre as formas de avaliação durante o curso.

Respostas	f	%
Sempre	1	10%
Quase sempre	8	80%
Nunca	1	10%
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Podemos perceber que, segundo a pesquisa, a maioria dos cursos de nível superior possui em suas aulas a abordagem sobre o tema avaliação, a maioria dos professores responderam que quase sempre recebiam orientações sobre o tema e um deles respondeu que nunca teve o tema abordado em sala de aula. Porém o foco ainda não é bom o suficiente para que os professores busquem atualizar-se sobre o tema.

Estamos vivendo uma época de constantes mudanças nas formas de avaliar os alunos em prol de um crescimento do conhecimento sobre formas avaliativas, decorrente da facilidade em se obter informação os professores tem buscado aprimorar suas ferramentas acerca dessa concepção. Porém, nem todos pensam ou agem dessa forma, vivendo o comodismo e aceitando a padronização de conhecimentos (PERRENOUD, 1999, p.55).

4. CONCLUSÃO

Através do que foi apresentado podemos concluir que a maioria dos professores tem conhecimento do assunto avaliação, e que os cursos de formação precisam dar um maior enfoque ao assunto, usam de diversas formas de avaliar e nenhum deixa de estar correta.

A busca de conhecimento para melhorar as formas de avaliação, segundo a pesquisa, tem grande impacto, onde todos os professores que fizeram parte responderam que tentam sempre manter uma atualização sobre as novas formas de avaliação.

Porém é notado que a falta de abordagem das universidades para com o tema faz com que os educadores tenham uma certa dificuldade na hora de realizar a tarefa, pois a grande maioria ainda usa apenas de métodos de provas práticas e muito pouco outras formas de avaliar a capacidade intelectual dos educandos para com o tema esporte. O esporte tem muita teoria e ela não deve ser deixada de lado, sendo que a teoria faz a prática, e isso é o real ensinamento da educação física escolar.

No momento em que as universidades que têm cursos dirigidos a área da licenciatura em educação física tenham incentivo em buscar aprimorar o assunto avaliação em suas aulas, o professor saíra com uma habilitação mais completa no tema, trazendo consigo novas formas de avaliar os conteúdos e repassar, não só a prática, mas a teoria que tem muita importância para o desenvolvimento do aluno em sala de aula.

Avaliar a prática, a presença, trabalhos sobre temas e assuntos dirigidos ao esporte, além de apresentações teórico/práticas faz com que os alunos obtenham maior conhecimento, e o professor possa avaliá-los individualmente, não apenas pela capacidade física, mas principalmente pelo conhecimento que o educando adquiriu sobre os diversos temas que compõem a educação física.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2018.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. 8.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação**: Mito e Desafio. Uma Perspectiva Construtivista. 44.ed. Porto Alegre: MEDIAÇÃO, 2014.

KLEIN, Ruben; FONTANIVE, Nilma Santos. **Avaliação em larga escala**: Uma proposta inovadora. Brasília, 1995.

GASPAR, Magna Lúcia Furlanetto. **O processo de avaliação da aprendizagem escolar na prática pedagógica**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1770-6.pdf>. Acessado em: 4/12/2019.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SCHÜHLI, Marilene Soldi. **Um Novo Olhar Sobre Avaliação em Educação Física Escolar**: Os Desafios das Construções Coletivas. Porto Amazonas, 2008.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Noções básicas de pesquisa qualitativa**: teoria fundamentada procedimentos e técnicas. *Newbury Park, CA: Sage Publications*, 1998.

FUTSAL NA ESCOLA: FUNDAMENTOS BÁSICOS

BUENO, Lucas Madruga¹
BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz²
PEREIRA, Josilaine Antunes³
MOTA, Joao Everton⁴

RESUMO

Introdução: A Educação Física Escolar estimula a prática regular de atividades, desenvolvendo competências, capacidades e habilidades, associadas às dimensões afetivas, cognitivas, motoras, relacionadas à saúde e sociais. **Objetivo:** Pesquisar a percepção dos professores em relação ao futsal na escola. **Metodologia:** Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. Fizeram parte da amostra 5 professores de Educação Física, do Ensino Fundamental e Ensino Médio do município de Otacílio Costa, SC. Como instrumento de coleta de dados foi realizado um questionário com sete perguntas fechadas. Os dados foram analisados através de estatística básica (f e %) e apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** As informações adquiridas através dos instrumentos de coleta de dados mostraram que o Futsal auxilia o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social dos jovens. E mesmo que, por muitas vezes, falte materiais para as aulas ou local apropriado, os professores usam sua criatividade sendo possível trabalhar com o que está disponível. **Conclusão:** O Futsal como esporte ou matéria dentro da disciplina de Educação Física traz benefícios para a vida dos jovens.

Palavras-chave: Educação Física. Futsal. Escola.

FUTSAL IN SCHOOL: BASIC BASICS

ABSTRACT

Introduction: School Physical Education encourages the regular practice of activities, developing competencies, skills and abilities, associated with affective,

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Professora do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professora do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

cognitive, motor, health and social dimensions. **Objective:** To research teachers' perception regarding futsal at school. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research. The sample consisted of 5 teachers of Physical Education, Elementary and High School in the city of Otacílio Costa, SC. As a data collection instrument, a questionnaire with seven closed questions was performed. Data were analyzed using basic statistics (f and%) and presented as tables. **Results:** The information acquired through the data collection instruments showed that Futsal helps the motor, cognitive, affective and social development of young people. And even if class materials or appropriate locations are often lacking, teachers use their creativity to work with what is available. **Conclusion:** Futsal as a sport or subject within the discipline of Physical Education brings benefits to the lives of young people.

Keywords: Physical Education. Futsal School.]

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar estimula a prática regular de atividades, desenvolvendo competências, capacidades e habilidades, associadas às dimensões afetivas, cognitivas, motoras, relacionadas à saúde e sociais. Também podemos destacar sua atuação sobre indivíduos ou grupos de pessoas, onde visa auxiliá-las na formação de personalidade para que possam ser inseridos na sociedade (MUTTI, 2003).

Dentre os esportes, podemos citar que um dos principais é o futsal, modalidade muito praticada dentro das aulas de Educação Física. Portanto, teve atenção frente à forma que o mesmo é desenvolvido. Sendo assim, acreditou-se que o futsal possa ser desenvolvido através de estratégias cooperativas. Além disso, podemos acrescentar fatores importantes como: o aumento de experiências motoras, estimulação da persistência, raciocínio, e principalmente o companheirismo e o trabalho em equipe (MUTTI, 2003).

O futsal representa uma modalidade esportiva muito praticada em diferentes contextos de nosso país, especialmente na região Sul. Da mesma forma, tratou-se de uma modalidade muito praticada nas escolas, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Mesmo assim, temos percebido que se tratava muito mais de um esporte praticado na escola do que ensinado como um conteúdo da Educação Física.

Partimos do pressuposto que o futsal representa uma modalidade importante na cultura corporal de movimento de nossa região, sendo importante que foi um conteúdo a ser ensinado na escola, nas aulas de Educação Física.

Apresentamos os fundamentos básicos que envolvem a prática do futsal na Educação Física Escolar, e analisamos se os fundamentos básicos que envolvem a prática do futsal na Educação Física Escolar estão sendo ensinados de forma correta.

2. FUNDAMENTOS BÁSICOS DO FUTSAL NA ESCOLA

2.1 Fundamentação Teórica

A Educação Física tem no movimento tanto um meio quanto um fim para atingir seus objetivos educacionais dentro do contexto escolar. O movimento pode ser entendido como uma atividade, no caso, corporal, que se manifesta através do jogo, do esporte, da dança ou da ginástica. A Educação Física na escola assumiu o ensino do esporte (por vezes, praticamente como único conteúdo ou estratégia de aula (MUTTI, 2003).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

O Futsal, ao tornar-se uma prática escolar, acabou por incorporar as regras, os conteúdos e a normatividade do esporte de alto nível. As propostas, em geral que projetam o ensino do futsal na escola, numa vertente tradicional, não conseguem romper com o particularismo da “modalidade futsal”, tornando-se reféns de perspectivas esportivistas de ensino. A escola não seria nada mais do que um celeiro de atletas para o esporte de alto nível. O trabalho do planejamento em aulas de Educação Física não deveria ultrapassar questões referentes aos próprios fundamentos da modalidade e a metodologia de ensino nas mesmas se resumiria a problemas de ordem técnica e normativa (MUTTI, 2003).

A escola, junto com o professor, tem como função transpor todo o histórico cultural e nesse caso o futsal, mostrar aos alunos um pouco de sua história, sua herança cultural, sua relevância e importância á sociedade e principalmente

desenvolver habilidades próprias do futsal nos alunos, desenvolver diferentes aspectos, sejam eles conceituais, procedimentais e atitudinais (MUTTI, 2003).

Com isso fica claro que a importância de trabalhar a parte lúdica e de interação com os alunos é de fundamental importância durante as aulas com crianças na idade de 12 a 15 anos. E isso precisa estar bem claro durante as aulas de Educação Física, em especial o futsal.

Aprender no futsal, não é uma simples transmissão de conhecimento ou imitações de gestos, onde o aluno seja apenas um receptor passivo, acrítico, inocente e indefeso de seus fundamentos técnicos.

Segundo Reverditto e Scaglia (2009), ensinar futsal é uma prática pedagógica, desenvolvida dentro de um processo de ensino-aprendizagem, que leve em conta o sujeito aluno, criando possibilidades para construir esse conhecimento, inserindo e fazendo interagir o que o aluno já sabe, com o novo, ampliando-se assim, sua bagagem cultural e motora.

Dentro do ambiente escolar, uma aula de futsal deve incluir cinco etapas. A primeira parte se inicia com uma conversa sobre o que vai ser a aula. Na segunda parte o professor deve orientar jogos adaptados de futsal ou brincadeiras, referentes ao tema da aula anterior, observando erros e corrigindo alguns gestos. A terceira parte se dá com os exercícios específicos para determinada habilidade do futsal (DAMASCENO 2007).

A quarta parte é novamente um jogo adaptado ou alguma brincadeira tendo como tema a habilidade aprendida na aula atual. E por fim a quinta parte será uma roda da conversa em que os alunos deverão falar sobre a experiência na aula (DAMASCENO 2007).

E assim Reverditto e Scaglia (2009), argumentam que o ensino aprendizagem desses esportes devem acontecer sempre em uma escala que viabiliza primeiramente a aprendizagem motora para posteriormente trabalhar com o treinamento.

Contudo Voser (2003) destacam alguns pontos importantes que o professor deve se ater durante as aulas de futsal. Como estabelecer vínculo afetivo com seus alunos, transmitindo apoio e segurança sempre usando a motivação.

Promover a convivência entre meninos e meninas assim como a participação de todos. Escolher atividades que se encaixem ao fundamento específico, permitindo a adaptação da criança ao jogo na sua relação com materiais (bolas), colegas e adversários. Incentivar os alunos à criação e reformulação de regras, e acima de tudo mostrar-se organizado perante aos objetivos e o desenvolvimento da aula (VOSER, 2003).

Esportes coletivos são atividades ricas em situações de imprevisibilidade, necessitando de adaptação dos jogadores para resolver determinadas situações. No decorrer do jogo, surgem tarefas motoras de grande complexidade, cuja resolução depende das experiências adquiridas anteriormente (DAMASCENO, 2007).

Conforme Mutti (2003), a aprendizagem dos fundamentos do futsal deve ser realizada de maneira criteriosa e seguir alguns procedimentos didáticos: demonstração e descrição do movimento; execução pelo aluno no todo ou em partes, conforme o grau de dificuldade e correções em exercícios que existem dificuldades na sua realização.

O ensino do futsal na escola é um processo pelo qual os indivíduos adquirem e desenvolvem técnicas básicas para o esporte. É fundamental que seja trabalhado os fundamentos da técnica (com moderação) respeitando a individualidade e a fase de desenvolvimento de cada aluno (VOSER, 2003).

Em qualquer esporte existem fundamentos que serão mais executados durante a realização do jogo, isso não é diferente com o futsal, e apesar, do esporte ter uma semelhança com o futebol de campo, os fundamentos sofrem algumas alterações, isso acontece devido a diferença entre o peso da bola e o piso em que o jogo acontece.

De acordo com Júnior, Souza, Muniz (2005, p. 19): “[...] passe é a ação de enviar a bola a um companheiro. Também conhecido como toque.”

Essa ação deve ter como objetivo principal encontrar um companheiro de equipe em melhores condições de continuar uma jogada, permanecendo com a posse da bola ou que esteja em boa situação para efetuar o chute ao gol.

Embora o passe pareça ser um fundamento simples do jogo, a sua perfeição depende de muito treinamento, as dificuldades na execução aparecem com mais clareza nas categorias de base, pois nessa etapa a criança quase sempre está com um nível de concentração baixa e sua visão periférica não é satisfatória (JÚNIOR, SOUZA, MUNIZ, 2005).

Os erros mais frequentes na execução perfeita do passe são os seguintes: não dar força suficiente ou exagerar na força ao bater na bola, telegrafar ao adversário onde vai fazer o passe facilitando assim a roubada de bola, não saber avaliar a margem de segurança entre seu companheiro e adversário, fazendo isso com ele marcado (JÚNIOR, SOUZA, MUNIZ, 2005).

Segundo Júnior, Souza, Muniz (2005, p.19): “[...] o passe possui algumas classificações, sendo elas: “Quanto a distância, pode ser curto, médio ou longo. Quanto a trajetória, rasteira, parabólica ou meia altura. “Quanto a sua execução, parte interna do pé, externa do pé, dorso ou peito de pé e solado do pé.””

Para Júnior, Souza, Muniz (2005, p. 20): “[...] domínio é a ação que consiste em amortecer a bola para si, vinda de um passe, colocando-a em condições adequadas para prosseguir a jogada. Também conhecida como “matada de bola””.

No entanto o domínio pode acontecer também após a interceptação de um passe efetuado pelo adversário. No futsal diferentemente do futebol de campo usa-se com maior frequência o domínio com o soldado do pé, pois o jogo é mais rápido e a bola ganha maior velocidade.

Esse fundamento tem como maiores dificuldades, recepcionar a bola de maneira com que ela fique longe de seu domínio, facilitando dessa maneira a recuperação da bola pelo adversário.

Júnior, Souza, Muniz (2005, p. 22) afirmam que: “[...] condução é a ação que o jogador realiza após receber a bola, deslocando-se, de posse da mesma, e objetivando achar espaços no jogo para prosseguir a jogada.”

A condução da bola é dos fundamentos mais importantes dentro do futsal, haja vista que se tal fundamento for bem feito o atleta terá maior facilidade para dar um passe, fazer o drible ou finalizar ao gol (JÚNIOR, SOUZA, MUNIZ, 2005).

A condução deve ser feita com a cabeça erguida para que o atleta tenha a noção de espaço e tempo, em relação ao seu adversário e seu companheiro de equipe, é fundamental que durante a condução a bola esteja perto do corpo para que o jogador possa realizar um passe, drible ou chute ao gol.

Para Júnior, Souza, Muniz (2005, p.23): “[...] o chute é a ação de golpear a bola com os pés, objetivando fazê-la entrar no gol adversário, ou tirá-la da proximidade do seu próprio gol.”

De acordo com Ferreira (1994, p.52): “[...] chute é a ação de golpear a bola, visando desviar ou dar trajetória a mesma, estando ela parada ou em movimento.”

A técnica empregada no chute é semelhante aquela usada para fazer um passe, sendo que o diferencial está na força para executar cada um dos fundamentos.

No futebol de salão moderno esse fundamento é de extrema importância para o sucesso de um atleta, existem equipes que possuem um especialista nesse fundamento, esses atletas são utilizados em cobranças de falta ou penalidades.

Para Santos Filho (1998, p. 164): “[...] drible é o modo pelo qual se pode conduzir a bola, através de toques sucessivos, com o objetivo de ultrapassar o adversário, mantendo o domínio da bola.”

O drible é a capacidade que o indivíduo tem de resolver bem uma situação adversa, enfrentado e superando tal situação de maneira que consiga efetuar um passe ou definir a gol.

Santos Filho (1998, p.164) conceitua: “[...]finta como ação de, estando sem a bola, desequilibrar e deslocar o adversário, saindo, desta forma, de sua marcação.”

Essa ação é fundamental para que se consiga receber a bola, sem que o adversário esteja próximo, para isso é necessário o deslocamento sem a bola. Sentimos assim, que através do futsal é possível disciplinar, é possível ensinar e educar. A educação é a meta principal, o objetivo geral de qualquer professor. Assim acredita-se que o futsal em horários extraclasse (nas escolinhas) possa andar lado a lado com a educação, formando uma parceria, trabalhando junto, para ajudar a melhorar cada vez mais a qualidade da educação e disciplina das nossas crianças.

3. METODOLOGIA

Segundo Strauss & Corbin (1998), o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para se coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as “ferramentas” das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder nossa questão.

Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica.

Fizeram parte da amostra cinco professores de Educação Física da cidade de Otacílio Costa–SC, do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, que foram escolhidos pelo fácil acesso na escola do município, e por trabalharem com o futsal em suas aulas.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com 8 questões fechadas.

Os dados foram analisados e discutidos segundo os autores da área, através de estatística básica (f e %) e apresentados em forma de tabela.

3.1 Análise e Discussão de Dados

Tendo como base o questionário aplicado para cinco professores da área, seguem as análises e discussões. Na pergunta 1, os professores responderam com qual frequência os fundamentos do futsal são trabalhados em suas aulas.

Conforme a tabela 1, (n=1, 20%) dos professores trabalham todos os dias e (n=4, 80%) alguns dias na semana.

Tabela 1. São trabalhados com frequência os fundamentos do futsal nas suas aulas?

	f	%
Todos os dias	1	20%
Alguns dias na semana	4	80%
Não trabalho os fundamentos	0	0%
Total	5	100%

Fonte: Dados da Pesquisa.

A maioria dos professores trabalha com frequência os fundamentos do futsal, por se tratar de exercícios e atividades que são a base do trabalho do professor para posteriormente poder trabalhar com a parte tática (sistemas de ataque e defesa).

“Os fundamentos são as práticas básicas que devem ser aprendidas para se jogar futsal. São eles: Domínio ou recepção, condução, chute, passe, drible e finta.” (DA SILVA, 2012, p.8)

Na opinião dos professores sobre o interesse em aprender sobre o futsal por parte dos alunos (tabela 2), todos responderam que sim (n=5, 100%). O futsal já deixou de ser um esporte que desperta grande interesse apenas nos meninos, passando a chamar a atenção de todos os alunos, sem distinção de gênero (TAVARES, SOUZA, LIMA, 2019).

O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender. Ao estimular o aluno, o educador desafia-o sempre, provoca no aluno interesse para aquilo que vai ser aprendido. É fundamental também que o aluno queira aprender, pois o processo de aprendizagem é pessoal (TAVARES, SOUZA, LIMA, 2019, p.8).

Tabela 2. Os alunos demonstram interesse em aprender sobre o futsal?

	f	%
Sim	5	100%
Não	0	0%
Somente alguns alunos	0	0%
Total	5	100%

Fonte: Dados da Pesquisa.

Sobre a estrutura da escola para se trabalhar o futsal (tabela 3), (n=1, 20%) respondeu que a escola disponibiliza materiais necessários para prática das aulas e (n=4, 80%) que a escola não oferece os materiais necessários.

Tabela 3. A escola na qual você trabalha disponibiliza os materiais necessários para prática das aulas?

	f	%
Sim	1	20%
Não	4	80%
Total	5	100%

Fonte: Dados da Pesquisa.

Muitas vezes, as escolas não disponibilizam de um acervo grande de materiais para a Educação Física, em alguns casos não contam nem com local apropriado para as práticas. Nesses casos, conta muito a criatividade do professor em conseguir trabalhar com aquilo que se tem e criar meios novos para que as aulas de Educação Física não sejam prejudicadas.

Para Assumpção, Arruda e De Souza (2009, p.278): “[...] a utilização de materiais alternativos nas aulas de Educação Física pode ser uma estratégia muito interessante não só para lidar com a falta de materiais em algumas ocasiões, mas também para trabalhar o lúdico, a criatividade e a auto-estima dos alunos.”

A tabela 4 mostra que todos os professores utilizam uma metodologia para avaliar o aluno (n=5, 100%).

Tabela 4. Você utiliza alguma metodologia para avaliar seu aluno?

	f	%
Sim	5	100%
Não	0	0%
Total	5	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Faz-se necessário contar com um método para avaliar os alunos, de forma a ter a certeza que as aulas vêm contribuindo para seu desenvolvimento.

Para Teston e Coelho (2016, p.5):

[...] avaliar é uma maneira de subsidiar a aprendizagem satisfatória do aluno. Deste modo, é a partir do diagnóstico realizado a respeito do aluno que se pode decidir a favor da melhor maneira de ensinar. Sendo assim vemos que a LDB 9.394/96 nos direciona para uma avaliação vista como uma metodologia para auxiliar o professor em sua prática educativa, prevalecendo a qualidade da avaliação sobre a quantidade.

Quando questionados, se conseguiam integrar todos os alunos nas atividades relacionadas ao futsal em suas aulas (tabela 5), (n=3, 60%) dos professores disseram conseguir, (n=1, 20%) não e (n=1, 20%) parcialmente.

Tabela 5. Em suas aulas, você consegue integrar todos os alunos nas atividades relacionadas ao futsal?

	f	%
Sim	3	60%
Não	1	20%
Somente alguns alunos	1	20%
Total	5	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Como citado na tabela 1, é preciso que o professor crie estratégias para envolver os alunos nas atividades passadas em aula.

Para Miquelin et al. (2019, p.13):

[...] é papel do professor de Educação Física instigar os alunos a sempre participarem das atividades que foram planejadas para este momento, frisando sempre que esta prática os ajudará, melhorando sua qualidade e os tornando conscientes de suas habilidades e capacidades de percepção e interação do meio em que estão inseridos.

Todos os professores (n=5,100%) utilizam alguma metodologia para trabalhar com o futsal em suas aulas (tabela 6).

Tabela 6. Você utiliza alguma metodologia para trabalhar o futsal?

	f	%
Sim	5	100%
Não	0	0%
Total	5	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

O professor tem a liberdade de escolher qual metodologia acredita ser mais adequada para trabalhar o futsal com determinada turma.

Klein (2014, p. 3): “[...] traz em seu artigo algumas metodologias para o ensino do Futsal, tais como método: parcial, global, misto, de confrontação, recreativo, situacional, entre outros. Cabe ao professor dentro de seu contexto diário, analisar o melhor método a ser aplicado.”

Quando questionados se acreditam que o Futsal auxilia no desenvolvimento psicomotor da criança (tabela 7), todos concordam que sim (n=5, 100%).

“A educação física exerce uma função social relevante, principalmente porque ela favorece a ludicidade e a criatividade como elemento fundamental no processo de ensino e aprendizagem e no desenvolvimento psicomotor.” (MELLO, 2013, p.26)

Tabela 7. Futsal auxilia no desenvolvimento psicomotor da criança?

	f	%
Sim	5	100%
Não	0	0%
Total	5	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

O Futsal, assim como toda e qualquer atividade física vinculada a prática de esportes ou mesmo dentro das aulas de Educação Física traz benefícios ao desenvolvimento da criança, jovem ou adulto. Auxilia no desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social.

4. CONCLUSÃO

Os dados mostram que a percepção dos professores em relação ao Futsal na escola é clara. O esporte é apresentado com metodologias específicas

para que os alunos aprendam seus fundamentos, tirando o máximo de aproveitamento possível.

A Educação Física trás vários benefícios para a vida dos jovens, assim como a prática de atividades físicas. O futsal é um importante instrumento para o desenvolvimento físico e cognitivo do aluno, aliados as aulas de Educação Física fazem com que os benefícios se espalhem trazendo uma melhora entre as outras matérias e para a vida do jovem.

Com o desenvolvimento deste artigo, foi possível compreender melhor a importância do Futsal apresenta no desenvolvimento das crianças.

A pesquisa foi de importância para comprovar que através de metodologias certas, é possível que o Futsal, inserido corretamente nas aulas de Educação Física, traga benefícios para o desenvolvimento do jovem.

REFERÊNCIAS

ASSUMPTÃO, Claudio de Oliveira; ARRUDA, Debora Paes de. **Utilização de Materiais alternativos nas aulas de Educação Física:** Exercitando a Criatividade. 2009. Volume III. Nº 4. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2011/09/1-utilizacao-de-materiais-alternativos-nas-aulas-de-educacao-fisica-exercitando-a-criatividade-2010.pdf>. Acessado em: 05/12/2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acessado em 25 de maio de 2019.

DAMASCENO, G. **Aprendizagem no Futsal, método global ou analítico.** Caratinga: 2007. Disponível em: <http://www.ferretifutsal.com.br>. Acessado em 17 mai. 2019.

DA SILVA, Josemar Edson. **O professor PDE e os desafios da escola pública Paraense.** Produção Didático-Pedagógica. Volume II. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uepg_edfis_pdp_josemar_edson_da_silva.pdf. Acessado em: 05/12/2019.

DE MELO, Pakysa Rodrigues. **O Futsal: Influência no Desenvolvimento Corporal**

e Aspectos Formativos do Adolescente. 2013. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6506/1/2013_PakysaRodriguesDeMelo.pdf. Acessado em: 05/12/2019.

FERREIRA, R. L. **Futsal e a iniciação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JÚNIOR, Edson Farret da Costa. SOUZA, Sandro C. MUNIZ, Augusto César P. **Futsal: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

KLEIN, Rafael Rodrigo. **Métodos de Ensino para o Futsal Escolar**. 2014. Disponível em: <file:///D:/Pictures/Mariane/Faculdade/Lucas/1674-Texto%20do%20artigo-1806-1-10-20150316.pdf>. Acessado em: 05/12/2019.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MUTTI, D. **Futsal: da iniciação ao alto nível**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2003.

PRANDINA, Marilene Zandonade; SANTOS, Maria de Lourdes. **A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área**. 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/5745>. Acessado em: 05/12/2019.

REVERDITTO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do Esporte: Jogos Coletivos de Invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

SANTOS FILHO, J. L. A. **Manual de Futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. 2 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

TAVARES, Maria Petrucia Faustino; SOUZA, Poliana Freire da Rocha; LIMA, Gizelle Duarte Martins. **Avaliação do Interesse dos Alunos nas Aulas de Educação Física**

no Ensino Médio. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA3_ID9026_04082016211857.pdf Acessado em: 05/12/2019.

TESTON, Roseane V. P.; COELHO, João Paulo P. **Avaliar pra quê? Metodologias para a Análise de Erros dos Alunos nas Avaliações do Ensino Fundamental**. 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cader-nospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_cien_unespar-parana-vai_roseanevalentimpaveziteston.pdf. Acessado em: 05/12/2019.

VOSER, Rogério da Cunha. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. 2.ed. Canoas: Ulbra, 2003.

INICIAÇÃO ESPORTIVA NAS ESCOLAS

DUARTE, Gabriel Bastos¹
BONFIGLIO, Neuranei Salet²
MESCKE, Jose Mario³
MOTA, Joao Everton⁴

RESUMO

Introdução: A iniciação esportiva nas escolas é um tema que abrange muito mais do que a prática esportiva. Este é um assunto que diz respeito ao desenvolvimento motor e cognitivo da criança, que à influenciara por toda a vida. **Objetivo:** Descobrir qual a metodologia utilizada pelos professores de Educação Física nas escolas para executar a iniciação esportiva. **Metodologia:** Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. Fizeram parte da pesquisa 4 professores de Educação Física da rede pública estadual da cidade de Ponte Alta, S.C., Brasil. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário, elaborado pelo autor e validado por três professores da área. A análise e discussão de dados foi feita através de estatística básica (f e %). **Resultados:** Todos os professores que participaram da pesquisa são graduados e metade deles já possui mais de 10 anos de experiência na área. Metade deles também trabalha a iniciação esportiva de forma regular nas escolas. Para trabalhar a iniciação esportiva eles utilizam conteúdos como BNCC, Proposta Curricular de Santa Catarina, abordagem Crítico Superadora e Crítico emancipatória. Os esportes que possuem maior conhecimento e poder de ensino são os mais populares (futsal, voleibol etc.). Tendo em vista que a educação é um tema de debate recorrente no Brasil, ao menos em Ponte Alta, o suporte proporcionado para a iniciação esportiva, segundo todos os entrevistados, é bom. **Conclusão:** Foram descobertas as metodologias utilizadas pelos professores e quais conteúdos eles utilizam, sendo que ambos são graduados e possuem anos de experiência. Dominam o ensino dos esportes mais populares e tem um bom suporte para trabalhar a iniciação esportiva. Metade deles realmente à aplica com frequência.

Palavras-chave: Educação Física. Iniciação Esportiva. Avaliação.

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Professora do Centro Universitário UNIFACVEST

³Profissional de Educação Física efetivo do município de Lages, S.C.

⁴Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

SPORTS INITIATION IN SCHOOLS

ABSTRACT

Introduction: The initiation of sports in schools is a topic that covers much more than sports. This is a subject that concerns the motor and cognitive development of the child, which will influence it for life. **Objective:** To find out which methodology is used by Physical Education teachers in schools to perform sports initiation. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research. The study included 4 Physical Education teachers from the state public network (100%) of the city of Ponte Alta, Santa Catarina, Brazil. As a data collection instrument, we used a questionnaire, prepared by the author, and validated by three teachers in the area. Data analysis and discussion was performed using basic statistics (f and%). **Results:** All teachers who participated in the research are graduates and half of them already have more than 10 years of experience in the area. Half of them also work on sports initiation on a regular basis in schools. To work on sports initiation, they use content such as BNCC, Santa Catarina Curriculum Proposal, Overcoming Critical approach, and emancipatory Critic. Sports that have greater knowledge and teaching power are the most popular (futsal, volleyball, etc ...). Given that education is a recurring topic of debate in Brazil, at least in Ponte Alta, the support provided for sports initiation, according to all respondents, is good. **Conclusion:** The methodologies used by the teachers were discovered and what content they use (BNCC, Santa Catarina Curriculum Proposal, Overcoming Critical approach, and emancipatory Critic), both of which are graduated and already have years of experience. They dominate the teaching of the most popular sports and have a good support for working on sports initiation, half of them applying it often.

Keywords: Physical Education. Sports Initiation. Evaluation.

1. INTRODUÇÃO

O esporte utiliza do corpo em movimento para executar a prática do mesmo, tendo suas variações conforme a modalidade, sendo de rendimento ou não, com suas diferentes finalidades. A educação física escolar utiliza a prática esportiva, principalmente coletiva, visando diversos objetivos, como por exemplo a educação, caráter, respeito e principalmente a saúde.

Para o aprendizado, o esporte conta com uma iniciação, para que o aluno entre num processo evolutivo e ao decorrer deste aprendizado vá adquirindo os conceitos objetivados pelo professor de educação física.

Greco (1998) diz que o processo da iniciação em esportes coletivos é exigido a variação dos métodos de ensino e das técnicas, enriquecendo assim a experiência do indivíduo que recebe estes ensinamentos.

Utilizando uma pesquisa de campo descritiva e um questionário, foram indagados os professores de Educação Física das escolas públicas do estado, na cidade de Ponte alta, para assim obter os dados pretendidos, que serão analisados através de estatística básica (f e %) e, por fim, chegando à uma conclusão sobre o conteúdo embasado.

Este artigo tem como objetivo investigar qual a metodologia utilizada pelos professores para aplicar a iniciação esportiva nas escolas.

2. INICIAÇÃO ESPORTIVA NAS ESCOLAS

2.1 Fundamentação teórica

Na escola, quem recebe a função de passar o conhecimento sobre o corpo, exercícios, esportes, entre muitas outras coisas com estas relações, é o professor da disciplina de Educação Física.

Conforme define Soares et al. (1992, p.50):

[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

A iniciação esportiva pode ser considerada um importante fator para com a Educação Física, pois esta agregada aos esportes, fonte principal de ensino nas aulas desta disciplina nas escolas, e é a ponte entre a criança e a adesão de um futuro de práticas saudáveis para a vida humana. Esta, segundo Novikoff, Costa e Triani (2012, p.1): “[...] pode ser definida como o momento em que o jovem ou a criança começa a prática sistemática de um ou mais esportes.”

Segundo uma pesquisa feita pela Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apud Franco (2017), em 2015, menos de 40% dos brasileiros costumam praticar algum tipo de esporte ou atividade física. Sendo a falta de tempo o principal

motivo declarado pelos adultos, enquanto os jovens têm como principal motivo “não gostar” ou “não querer.”

Portanto, para que o aluno compreenda a importância da prática de esportes, não só para diversão, mas também para ter uma boa qualidade de vida, é necessário um bom ensino. “Acolher diferentes habilidades é um passo essencial para que os alunos gostem das aulas de Educação Física e criem, desde cedo, uma boa relação com a atividade física e lazer.” (BOOG; URIZZI, 2017, p.43)

Conforme afirmam Falk e Pereira (2010), o treinamento objetiva aspectos básicos e visam uma melhora no desempenho dos atletas e, fatores como o bom relacionamento do grupo, preparação física, técnica e tática possibilitam este avanço. Neste caso os autores explanam especificamente sobre gestão e treinamento do futebol.

Sabe-se que na escola a finalidade da prática esportiva não é o rendimento, mas uma semelhança que existe entre os dois é, justamente, o objetivo de ensinar algo nas melhores condições possíveis, para assim obter os melhores resultados e, como dizem os autores, levando em consideração fatores influenciadores.

Migrando para outro pensamento, Bompa (2002, p. 215) diz:

É necessário organizar um modelo de treinamento a longo prazo para todos os envolvidos no treinamento infantil. Tal modelo proporciona uma diretriz básica a ser seguida. Embora possa sofrer alterações ou acréscimos, o plano básico está ali, impedindo que se apresse a implementação de um programa infantil sem propósito como um navio sem leme.

Seguindo essa ideia, vemos, através do autor, a eficácia de um bom planejamento para alcançar o melhor rendimento no quesito treinamento, pois este orienta e produz foco no objetivo. Então é sensato pensar que o mesmo conceito é inserido à iniciação esportiva escolar, onde também acontece um ensino, semelhante ao treino, para buscar o desenvolvimento pleno da criança, de forma lúdica e prazerosa, para a formação de um adulto com um bom padrão de qualidade de vida.

O livro Práticas Corporais e a Educação Física Escolar (BOOG; URIZZI, 2017), contido no Manual do professor do Ensino Fundamental de 3º a 5º ano, disponibilizado pelo Ministério da Educação aos professores de escolas públicas do Brasil, analisa a importância que o esporte tem no âmbito escolar e diz que os esportes são tidos como produtos culturais, onde se prioriza a experiência de vivência dos alunos, respeitando suas individualidades.

Portanto, entende-se que o fator “cada aluno é único e aprende de modos e maneiras diferentes”, é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Daí a importância de professores adquirirem um bom nível de conhecimento, para assim formular um planejamento, visando abordar todos os alunos do ambiente, levando em conta suas dificuldades, contexto social e familiar, que são itens influenciadores do aprendizado (BOOG; URIZZI, 2017).

Compactuando desta ideia, Greco (1998, p.39) diz:

A escolha que um professor faz por um determinado método de ensino da Iniciação Esportiva é de grande importância para o sucesso do praticante no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. O método escolhido deverá facilitar o ensino-aprendizagem, bem como preparar o iniciante para o processo de treinamento, sem, contudo, tornar-se maçante ou desmotivá-lo.

Por fim, ainda no tema planejamento, sobre os cuidados que o educador físico deve ter, Nascimento Júnior (2010) diz, em seu artigo baseado em obras de autores como Gallahue e Bompa, a iniciação esportiva quando aplicada de maneira correta, evitando a especialização precoce da criança e proporcionando atividades lúdicas e criativas, auxilia nas habilidades motoras, não só na prática esportiva, mas também em atividades do cotidiano.

Este pensamento se deve ao fato de que o ser humano passa por fases de maturação mental e física, e isso deve ser levado em consideração, principalmente na escola e no processo de ensino, para que o resultado seja benéfico para os indivíduos.

3. METODOLOGIA

De acordo com Ander-Egg (1978, p.28) apud Marconi e Lakatos (2003, p.155) pesquisa é classificada como um: “[...] procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento.”

Portanto, a pesquisa, como procedimento formal, se dedica a aplicar métodos de pensamento e reflexão, sobre as diretrizes de um tratamento científico como forma de conhecer a realidade.

Foi realizada uma pesquisa descritiva, diagnóstica e de campo, que tem como objetivo descobrir novos fenômenos ou relações de conhecimento entre problema, hipótese e as suas respostas, usando de coleta de dados para tais fins (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Esta pesquisa foi efetuada na cidade de Ponte Alta, no estado de Santa Catarina, Brasil.

Fizeram parte da amostra quatro (4) professores de Educação Física da rede pública estadual da cidade de Ponte Alta, S.C. Sendo este número 100% da população de professores, na rede estadual de ensino.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário, elaborado pelo autor e validado por três professores da área, com perguntas abertas e fechadas.

A análise de discussão de dados será feita através de estatística básica (f e %), os dados serão apresentados na forma de tabelas.

A pesquisa foi enviada ao comitê de ética em Pesquisa CEP da instituição e aprovada tendo como Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 21923619.7.0000.5616 e protocolo parecer número: 3.633.893.

Nas respostas abertas os professores entrevistados serão identificados pela letra maiúscula “P” e um número em sequência (exemplo: P1).

3.1 Análise e discussão dos dados

Diante dos resultados da pesquisa, depois de entrevistados quatro professores de educação física, foram feitas algumas análises, em forma de tabela.

A tabela 1 exhibe a quantidade de professores graduados que responderam o questionário. Podemos observar que (n=4, 100%) dos entrevistados são graduados em Educação Física.

Analisando a tabela1 conclui-se que todos os professores de educação física, da rede pública do estado, que trabalham na cidade de Ponte Alta, são graduados. Isto é um ponto positivo, pois mostra que todos já passaram pelo processo de formação básica, e isso se reflete positivamente na didática.

Tabela 1. Você é um profissional graduado.

	f	%
Sim	4	100%
Não	0	0%
Total	4	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Porém, como ressaltam Oliveira e Pereira (2005), mesmo com a graduação, o indivíduo não sai com o conhecimento que o permite trabalhar com toda segurança possível, falando especificamente sobre as questões de legislação.

Segundo os autores, é limitado o preparo que os profissionais adquirem sobre a responsabilidade legal que terão para com a sociedade.

É fato que mesmo graduado o profissional precisa seguir aprimorando seus conhecimentos e recebendo suporte para isso, afinal, a educação física está em constante evolução e seus profissionais devem sempre estar aptos para exercer essa profissão tão importante (OLIVEIRA; PEREIRA, 2005).

A tabela número 2 mostra o tempo de experiência de cada entrevistado possui. Observa-se que (n=1, 25%) possui entre 1 e 5 anos de experiência, (n=1, 25%) possui entre 5 e 10 anos e (n=2, 50%) possuem mais de 10 anos de experiência.

Segundo Marcelo (2009) apud Sbrissia e Kogut (2015), o que dá uma identidade ao profissional da educação física é sua aprendizagem no decorrer de sua carreira e vida, pois ele está constantemente evoluindo.

Dito isto e, pensando que no meio escolar, não só os alunos, mas também os professores estão em constante processo de aprendizagem, podemos concluir que quanto maior o período de atuação, maior as chances de torna-se um profissional mais qualificado.

Tabela 2. Quanto tempo de experiência na área da Educação Física.

	f	%
Menos de 1 ano	0	0%
Entre 1 e 5 anos	1	25%
Entre 5 e 10 anos	1	25%
Mais de 10 anos	2	50%
Total	4	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A tabela número 3 expõe se os entrevistados trabalham com a iniciação esportiva regulamente ou não. Conforme a análise dos dados metade (n=2, 50%) não trabalham regularmente com a iniciação esportiva, e a outra metade (n=2, 50%) sim.

Tabela 3. Trabalha regularmente a iniciação esportiva.

	f	%
Sim	2	50%
Não	2	50%
Total	4	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

É de conhecimento geral que a prática de esportes faz a manutenção do corpo, causando, nas condições certas, efeitos positivos para a saúde. Dito isto, é lógico pensar que para o indivíduo praticar um determinado esporte com regularidade, seja com a finalidade de rendimento ou apenas por lazer e saúde, ele deva saber como fazê-lo.

Esta base cabe muito ao profissional da Educação Física, principalmente na escola, e é seu papel proporcionar o suporte necessário para que os alunos aprendam a praticar esportes da forma correta, desenvolvendo o prazer da prática e, conseqüentemente, bons costumes. Tudo isso tem sua origem na iniciação esportiva, levando a crer que esta é indispensável no meio escolar e de extrema importância.

A iniciação ao esporte deve ser realizada por profissional de educação física, que poderá observar e atender as particularidades de cada criança, formando assim uma sólida base para que a mesma continue no caminho do esporte e consiga desenvolver e explorar seu potencial ao máximo (NOVIKOFF; COSTA; TRIANI, 2012, p.1).

Quando questionados se a metodologia de ensino utilizada em suas aulas é baseada em algum conteúdo ou proposta (pergunta número 4 do questionário), os professores responderam da seguinte forma:

P1: “Baseada na proposta curricular e na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) considerando sempre a individualidade de cada estudante e de cada turma.”

P2: “Me baseio muito na ludicidade, mas me sinto à vontade com as abordagens crítico-superadora e emancipatória.”

P3: “Sim, BNCC.”

P4: “Proposta Curricular de Santa Catarina, BNCC.”

Apesar de alguns professores ainda usarem a Proposta Curricular de Santa Catarina, outros já utilizam a BNCC. Um professor (P2) não utiliza nenhum documento específico como base para ensino, porém utiliza conceitos crítico superadora e emancipatória, que são abordagens que propõem a inclusão e liberdade do aluno. Isto já é um avanço, tendo em vista que alguns anos atrás muitos ainda utilizavam abordagens ultrapassadas.

Revisando a Proposta Curricular de Santa Catarina de (2014), que é a versão mais atualizada, podemos perceber que a iniciação esportiva no sentido literal, não é citada.

Cita o esporte e algumas atribuições, o conteúdo diz o seguinte:

Em se tratando da Educação Física, nas relações forma/função, vale mencionar o esporte: em todos os esportes coletivos de oposição (como o futebol, o voleibol, o handebol, o hóquei etc.) encontram-se ‘formas comuns’, como o passe e a recepção, a finalização, o dribble etc. Assim, cada um desses comportamentos pode, inicialmente, ser definido de forma geral: o passe, por exemplo, pressupõe lançar o móvel (bola, peteca, entre outros) em direção a um companheiro da equipe, seja para fins defensivos ou ofensivos, e terá validade em qualquer um desses esportes, porém só será efetivo se situado em uma modalidade esportiva específica. Essa mesma proposição vale também para outras capacidades como as referidas às noções de tempo e espaço. Por outro lado, essa forma de análise permite compreender que o princípio que funda a forma geral poderá ser discutido, em primeiro lugar, de modo amplo, para, posteriormente, ser contextualizado de maneira concreta a partir do seu uso em uma determinada prática corporal (SANTA CATARINA, 2014, p. 133).

Falando sobre a Abordagem Crítico Emancipatória, Kunz (1998) diz que, na prática, a didática deve ser comunicativa, para assim esclarecer e justificar o porquê daquela maneira de ensinar, assim beneficiando de diversas formas o aluno, desenvolvendo sua capacidade crítica e reflexiva.

Já a crítico-superadora, segundo o Coletivo de Autores (1992), é uma abordagem teórico-metodológica sobre o ensino, que não ignora quesitos técnicos e táticos, porém não trata esses aspectos como prioridade. Aqui o professor pode encontrar conteúdo para elaborar, teoricamente, uma metodologia pedagógica e ainda nivelá-la.

Na BNCC não são citadas as palavras “iniciação esportiva”. Lá constam unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. Um exemplo é no 1º e 2º ano do ensino fundamental, onde no quesito esportes de marca e precisão, consta: “Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.” (BRASIL, 2018, p.229)

Então, basicamente, a BNCC auxilia por etapas quais tipos de esportes aplicar, para quais turmas, quais habilidades são desenvolvidas, além de frisar a diversidade e os benefícios proporcionados pela prática do esporte.

“Elaborada por especialistas de todas as áreas do conhecimento, a Base é um documento completo e contemporâneo, que corresponde às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro.” (BRASIL, 2018, p.7)

Referente a questão número 5 do questionário, que indaga quais esportes o indivíduo possui maior conhecimento e poder de ensino, os entrevistados chegaram as seguintes respostas:

P1: “Voleibol, handebol e atletismo.”

P2: “Futsal, vôlei, basquete e tênis de mesa.”

P3: “Voleibol.”

P4: ‘Esportes de precisão, campo e taco, rede, parede, invasão e combate.’

Todos os esportes contribuem de alguma forma para o desenvolvimento da criança, e é importante ter conhecimento sobre diversos deles, pois esta é a melhor maneira de “alcançar” todos os alunos, incluindo-os no contexto em que se identifiquem melhor.

Bettega (2014, p.1) diz que: “[...] transferência de experiências de um esporte para outro, amplia o repertório de aprendizagens, sendo que cada esporte apresenta características vinculadas às dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais.”

Na questão número 6 do questionário é abordado, de um ponto de vista pessoal, sobre a diversidade na iniciação de esportes na escola e, se ela deve existir ou deve-se optar pelos esportes populares (futsal, vôlei etc.). Responderam da seguinte forma:

P1: “Deve existir diversidade, possibilitando o desenvolvimento de forma global, respeitando as limitações de cada um e sua individualidade, mas buscando sempre seu desenvolvimento motor.”

P2: “Deve sim existir uma diversidade, para que o aluno tenha uma base mais ampla e no decorrer de sua vida possa encontrar uma modalidade que lhe agrade e se sinta confortável.”

P3: “Sim, todos os alunos devem ter a oportunidade de conhecer os mais diversos esportes, basta ter dedicação e empenho do seu professor.”

P4: “Sim, as habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas nos diferentes contextos escolares e na diversidade com os esportes.”

Conforme concordam todos os professores entrevistados, a diversidade deve existir na iniciação esportiva. Isto se deve ao fato de que existem diversos tipos de indivíduos, com personalidades e gostos diferentes.

Não existem motivos cabíveis para limitar a aprendizagem esportiva a apenas um esporte ou dois. É sensato pensar que, quanto maior a diversidade, mais alunos serão incluídos no meio esportivo, e o índice de desenvolvimento será mais amplo.

Dizem que o Brasil é o país do futebol. Esta afirmação está correta, mas não completa. Hoje ficaria melhor, se escrita assim: o Brasil é o país do futebol, do vôlei, da ginástica, do tênis, do automobilismo e de tantos outros esportes, com atletas e times campeões do mundo (BOTELHO; MONTEIRO; VALLS, 2007, p.1).

A tabela 4, que diz respeito a pergunta 7 do questionário e questiona, de maneira pessoal, como o entrevistado classifica o suporte proporcionado para evolução do seu conhecimento e para aplicação da iniciação esportiva nas escolas. Observando a tabela 4, vemos que todos (n=4, 100%) classificam o suporte como “bom.”

Tabela 4. Nível de suporte para elevar conhecimento e para aplicação da Iniciação Esportiva.

	f	%
Péssimo	0	0
Regular	0	0
Bom	4	100%
Otimo	0	0
Total	4	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A BNCC é um documento de suporte, para auxiliar os professores em uma educação de qualidade elevada. Suporte este que é citado na pergunta 7 do questionário e, como vimos na pergunta 4, alguns professores utilizam este documento. Ou seja, o suporte, mesmo que mínimo, existe e está em vigor. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p.7): “A aprendizagem de qualidade é uma meta que o País deve perseguir incansavelmente [...]”

4. CONCLUSÃO

A metodologia utilizada pelos professores para trabalhar a iniciação esportiva tem suporte nas seguintes propostas: BNCC, Proposta Curricular de Santa Catarina e as abordagens Crítico-superadora e Crítico-emancipatória.

Todos entrevistados possuem a graduação na área da educação física, e metade deles já possui mais de dez anos de experiência. Cinquenta por cento deles afirma trabalhar regulamentemente a iniciação esportiva em suas aulas.

Apesar de todos os entrevistados afirmarem compactuar com a ideia de diversidade sobre os esportes, a maioria possui maior conhecimento e poder de ensino para como os mais populares e aclamados pela mídia, como futsal e voleibol.

Por fim, através dos dados coletados, analisamos que o objetivo deste artigo foi alcançado. Foram descobertas as metodologias utilizadas pelos professores e quais conteúdos eles utilizam. Sugere-se então, a continuidade do trabalho, efetuando mais pesquisas para dimensionar todas as questões envolvendo este tema.

REFERÊNCIAS

BOOG, A. C; URIZZI, E. J. **Práticas Corporais e a Educação Física Escolar: 3º ao 5º ano Vol. 2.** São Paulo: Editora LTDA, 2017.

BOMPA, T. O. **Treinamento Total para Jovens Campeões.** Brasil: Editora Manole Ltda, 2002.

BOTELHO, M. A; MONTEIRO, A. M; VALLS, V. **A gestão do conhecimento esportivo: a experiência da biblioteca da Seme.** Brasília, 2007.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular.** 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2019.

BETTEGA, O. B. **Iniciação ao futebol: diversidade esportiva ou especificidade?** 2014. Disponível em <<https://universidadedofutebol.com.br/iniciacao-ao-futebol-diversidade-esportiva-ou-especificidade/>> Acesso em: 03 de outubro de 2019.

FALK, P. R. A; PEREIRA, D. P. **Futebol Gestão e Treinamento.** São Paulo: Editora Ícone, 2010.

FRANCO, L. **Menos de 40% dos brasileiros praticam esporte ou atividade física.** Folha de São Paulo, 2017. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/05/1884820-menos-de-40-dos-brasileiros-praticam-esporte-ou-atividade-fisica.shtml>> Acesso em: 02 de abril de 2019.

GRECO, P. J. **Iniciação Esportiva Universal.** 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte.** Ijuí: Unijuí, 1998.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO JÚNIOR, J. R. A. **A importância da iniciação esportiva para o desenvolvimento motor infantil**. 2010. Disponível em <<https://universidadedofutebol.com.br/a-importancia-da-iniciacao-esportiva-para-o-desenvolvimento-motor-infantil/>> Acesso em: 30 de abril de 2019.

NOVIKOFF, C; COSTA, L, F, O; TRIANI, F, S. **Os efeitos da iniciação esportiva na vida de crianças**: o que a literatura vem apontando. Revista Digital, Buenos Aires, 2012. Disponível em <<https://www.efdeportes.com/efd173/os-efeitos-da-iniciacao-esportiva.htm>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

OLIVEIRA, A. L.; SILVA, M. P. **O profissional de educação física e a responsabilidade legal que o cerca**: Fundamentos para uma discussão. 2005. Disponível em <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/comunicacao_oral/art4.pdf> Acesso em: 02 de outubro de 2019.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SBRISSIA, A. P. A; KOGUT, M. C. **A carreira de um docente considerado bom professor**. Paraná, 2015. Disponível em < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16815_8193.pdf > Acesso em: 03 de outubro de 2019.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Formação Integral na Educação Básica. 2014.

LATERALIDADE NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

LIMA, João Victor Klein¹
SOUSA, Francisco José Fornari²
SPINDLER, Christiano de Figueiredo³
CRUZ, Elves Rodrigues Da⁴

RESUMO

Introdução: A psicomotricidade é uma ferramenta muito utilizada nas aulas de Educação Física, a mesma tem como seu papel desenvolver e proporcionar o conhecimento das crianças através do movimento pelas atividades motoras, sendo elas de forma lúdica ou dinâmica. **Objetivo:** Pesquisar o nível de lateralidade dos alunos da faixa etária entre seis a oito anos. **Metodologia:** Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. Farão parte da pesquisa 42 alunos do ensino fundamental I de uma escola pública municipal de Lages, Santa Catarina, na faixa etária entre seis e oito anos de idade. Onde 19 alunos são do 1º ano, sendo 9 meninas e 10 meninos e 23 alunos do 2º ano, tendo 7 meninas e 16 meninos. Como instrumento de coleta de dados serão realizados os testes de lateralidade conforme o livro Manual de Avaliação Motora, de Francisco Rosa Neto. Os dados serão analisados através de estatística básica e apresentados em forma de tabelas. **Resultados:** Após a análise dos testes em 42 alunos, onde 41% dos testados são destro completo, 50% dos avaliados tem lateralidade cruzada, 7% tem sua lateralidade indefinida e somente 2% sinistro completo. Com isso, podemos analisar que 39 alunos testados, possuem sua lateralidade definida e somente 3 estudantes ainda não possui sua lateralidade definida.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Lateralidade. Educação Física.

ABSTRACT

Introduction: Psychomotricity is a tool widely used in Physical Education classes. Its role is to develop and provide children's knowledge through movement

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Coordenador e professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST.

through motor activities, in a playful or dynamic way. **Objective:** To search the level of laterality of the students of the age group between six and eight years. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research. They will be part of the survey 42 primary school students I of a public school in Lages, Santa Catarina, in the age group between six and eight years old. Where 19 students are from the first year, being 9 girls and 10 boys and 23 students from the 2nd year, having 7 girls and 16 boys. As an instrument of data collection will be performed the tests of laterality according to the book Manual of Motor Assessment, Francisco Rosa Neto. The data will be analyzed through basic statistics and presented in the form of tables. **Results:** After analysis of the testicles in 42 students, 41% of the test subjects were complete right-handed, 50% of the latter had lateral laterality, 7% had undefined laterality and only 2% had complete sinusitis. With this, we can analyze which are the 39 students tested, have their laterality defined and only 3 exercises still do not have their defined laterality.

Keywords: Psychomotricity. Laterality. Physical education.

1. INTRODUÇÃO

Muito tem se discutido, sobre a evolução do método de educação utilizada nas escolas nos dias atuais. Na Educação Física não é diferente, podemos e devemos sempre estar renovando a metodologia de ensino, pois a diversas formas de se educar os alunos através do movimento.

No entanto, pode-se notar que a psicomotricidade é uma das ferramentas utilizadas nas aulas de Educação Física, onde a mesma está em todos os lugares, por exemplo: caminhando, correndo, escrevendo, lendo, ou seja, ela esta inserida na nossa vida sem que percebamos a influência e a importância dela no nosso cotidiano. Assim, a mesma auxilia desenvolver e proporcionar o conhecimento das crianças através do movimento pelas atividades motoras sendo elas de formas lúdicas, atraentes e dinâmicas.

Segundo Le Boulch (2001, p.63): “É de grande importância a educação pelo movimento no processo escolar, uma vez que seu objetivo central é contribuir para o desenvolvimento motor da criança o qual auxiliará na evolução de sua personalidade e no seu sucesso na escola.”

A psicomotricidade enfoca-se na transcendência e significação biocultural do corpo agido, vivido e criativo, integrado e orientado no espaço e no tem-

po, aberto e modificado para diálogo como os objetos e com os outros; isto é, um corpo conscientizado, propenso à melodia cinéptica expressiva em que se reforce a primazia das funções subcorticais, corticais e neocorticais (FONSECA, 2004, p.11).

Portanto, a psicomotricidade visa conhecer o ser humano através do movimento e a partir de suas atividades motoras, desenvolver uma prática que proporcione potencializar a aprendizagem do mesmo. Segundo Rosa Neto (2013, p.864): “A maturação do córtex promove melhora nas funções motoras, sendo seu desenvolvimento intimamente ligado aos estímulos ambientais que a criança recebe.”

Dentre as diversas áreas da psicomotricidade, temos: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, dentre outras. A lateralidade é uma das ferramentas que a psicomotricidade trabalha no seu desenvolvimento, onde a mesma ajuda no deslocamento da pessoa auxilia na direção de esquerda e direita, dentre outras habilidades.

No entanto, podemos observar em crianças, adolescentes e até mesmo adultos não tem a percepção do que é esquerda e direita, ou seja, sua lateralidade é indefinida. Conforme Rosa Neto (2002, p.24): “A lateralidade está em função de um predomínio que outorga a um dos dois hemisférios a iniciativa da organização do ato motor.”

Com isso, devemos estimular o desenvolvimento lateral dos educandos para que ocorra uma lateralidade definida, seja ela esquerda ou direita. De acordo com Rosa Neto (2002, p.24): “A ação educativa fundamental para colocar a criança nas melhores condições para aceder a uma lateralidade definida, respeitando fatores genéticos e ambientais, é a que lhe permita organizar suas atividades motoras.”

Assim sendo, este trabalho tem como fim pesquisar o nível de lateralidade dos alunos da faixa etária entre seis a oito anos, avaliando os mesmos para saber qual lateralidade dominante de cada educando, demonstrar a importância de ter uma lateralidade definida e onde utilizamos a mesma no dia-a-dia. Auxiliando a área da Educação Física para que se possa a partir deste trabalho, possa ser criados novos métodos ou utilizar alguns métodos já existentes para a melhoria do desenvolvimento da lateralidade dos alunos nas séries iniciais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muito vem se observando nas disciplinas e vieram evoluindo no decorrer dos últimos anos, a Educação Física não ficou para trás nesse quesito. Segundo Darido (2003, p.4): “[...] a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, propugnado a especificidade do seu objetivo.”

Com isso a autora também cita que: “Atualmente coexistem na área da Educação Física várias concepções, todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, fruto de uma etapa recente da Educação Física.” (DARIDO, 2003, p.3)

No entanto, atualmente no Brasil possui uma base curricular a qual é conhecida como Base Nacional Comum Curricular, onde mostra que os alunos devem aprender nas escolas e nas disciplinas que regem a mesma, seja elas instituições estaduais, municipais ou particulares.

Diante do compromisso com a formação estética, sensível e ética, a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas (BRASIL, 2017, p.222).

Assim, pode-se observar que nos últimos anos a educação vem passando por uma grande transformação no seu processo de ensino, da mesma forma que outras ciências foram se desenvolvendo a Educação física também evoluiu, onde um dos temas que se desenvolve nessa matéria é a psicomotricidade. Vem promovendo a possibilidade de um ser dominar seu corpo e aprimorar suas habilidades, sendo elas equilíbrio, lateralidade, coordenação motora entre outras.

Comforme Coste (1989, p.9): “[...] a psicomotricidade é uma ciência-encruzilhada ou, mais exatamente, uma técnica que cruzam e se encontram múltiplos pontos de vista, e que utiliza as aquisições de numerosas ciências constituídas (biologia, psicologia, psicanálise, sociologia e linguística).”

No entanto, a psicomotricidade tem sua história muito recente, onde podemos encontrar alguns relatos na medicina, mais exatamente na área neurológica. Segunda a Associação Brasileira de Psicomotricidade (2018, p.1): “A figura de Dupré, neuropsiquiatra, em 1909, é de fundamental importância para o âmbito psicomotor, já que é ele quem afirma a independência da debilidade motora (antecedente do sintoma psicomotor) de um possível correlato neurológico.”

Já para Coste (1989, p.10): “A psicomotricidade nasce com a história do corpo, um longo percurso marcado às vezes por cortes revolucionários e reformulações decisivas, que vieram culminar em nossas modernas concepções e permitem compreendê-las.”

No entanto, se pode observar que no meio escolar, cada criança possui sua própria emoção, seus desejos e sentimentos. Com isso os educadores tem um papel importante com seus educados, o qual é fazer com que os mesmos tenham possibilidades de descobrir novas experiências sobre si e sobre o mundo que o cerca, proporcionando uma melhora desse aluno nas habilidades corporais e intelectuais. Lapiere e Aucouturier (1974, p.26): “[...] comentam que o desenvolvimento da personalidade da criança e de sua inteligência requer a organização e a estrutura do eu do mundo a partir da concepção de algumas noções fundamentais.”

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), deve-se criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras como: danças, teatro, músicas entre outros.

Portanto, dentro da psicomotricidade devem ser trabalhados alguns aspectos, dentre eles encontra-se a lateralidade, quando não desenvolvida cria-se diversas dificuldades na área escolar como na vida pessoal do aluno. Conforme Meur e Staes (1991, p.8): “Uma criança cuja lateralidade não está bem definida encontra problemas de ordem espacial, não percebe diferença entre esquerda e direita é incapaz de seguir a direção gráfica, ou até mesmo reconhecer a ordem de um quadro.”

Neste trabalho serão apresentados os benefícios para desenvolver a lateralidade dos alunos no meio escolar. Onde para Meur e Staes (1991, p. 11): “Durante o crescimento, naturalmente se define uma dominância lateral na criança: será mais forte, mais ágil do lado direito ou do lado esquerdo. A lateralidade corresponde a dados neurológicos, mas também é influenciada por certos hábitos sociais.”

Já para Rosa Neto (2002, p.24): “A lateralidade está em função de um predomínio que outorga a um dos dois hemisférios a iniciativa da organização do ato motor, o qual desembocará na aprendizagem e na consolidação das praxias.”

De modo geral a lateralidade nada mais é do que a preferência da utilização de uma das partes do corpo como mão, olho, ouvido e pernas sejam elas esquerda ou direita. Os aspectos da lateralidade tem sua extrema influência no desenvolvimento de aprendizagem do aluno, exemplo: nas disciplinas de português e matemática.

No entanto, a lateralidade pode ser classificada em quatro tipos, de acordo com Rosa Neto (2013, p.865).

Primeiro: Lateralidade Cruzada, quando a criança tem uma discordância na utilização de uma dessas partes, por exemplo: escreve com a mão direita e chuta com o pé esquerdo.

Segundo: Lateralidade Indefinida, onde apresenta que não está definido o domínio do lado esquerdo ou direito.

Terceiro: Lateralidade Sinistro Completo, a criança tem total domínio do lado esquerdo do seu corpo.

Quarto: Lateralidade Destro Completo escreve com a mão direita e chuta com a perna direita.

Com isso, uma das funções dos educadores físicos nas séries iniciais é colaborar no desenvolvimento motor dos alunos e melhorar as condições para aceder uma lateralidade definida, respeitando os fatores genéticos e ambientais de cada educando.

3. METODOLOGIA

Segundo Andrade (2010, p.109): “A pesquisa é o conjunto de procedimento sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos.”

Contudo esta pesquisa caracteriza-se, uma pesquisa descritiva, conforme Andrade (2010, p.112): “[...] este tipo de pesquisa os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Ou seja, que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador.”

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de Lages, Santa Catarina, com os alunos do 1º ano e 2º ano do período matutino do ensino fundamental I. Onde o número total de alunos dessas duas turmas é de 42 educandos, entre a faixa etária de seis a oito anos de idade. Sendo que 19 alunos são do 1º ano, onde são 9 meninas e 10 meninos e 23 alunos do 2º ano, tendo 7 meninas e 16 meninos.

A coleta de dados foi realizada somente com essas duas turmas, pois os mesmos estão nos seus primeiros anos de escola. Tendo como objetivo saber o nível de lateralidade que estes estão ao integrar o corpo estudantil.

Foram realizados os testes de lateralidade conforme o livro Manual de Avaliação Motora, de Francisco Rosa Neto, onde no mesmo podemos avaliar a lateralidade dos alunos.

A metodologia de apresentação dos resultados da pesquisa em campo será demonstrada em formato de tabelas, utilizando o método de estatística básica.

3.1 Análise e discussão de dados

Tendo como base os testes aplicados seguem os resultados obtidos nas análises e discussões abaixo.

Na tabela 1, se pode observar o nível de lateralidade em meninas do 1º ano do ensino fundamental I. Sendo que (n=4, 44,44%) destro completo. Por sua vez, (n=1, 11,11%) é sinistro completo, já (n=3, 33,33%) tem lateralidade cruzada e (n=1, 11,11%) sua lateralidade é indefinida.

Com tudo a lateralidade é a preferência da utilização de uma das partes do corpo, seja ela mão, olho e perna.

Tabela 1. Teste de Lateralidade em meninas do 1º ano do ensino fundamental I.

	f	%
Destro Completo	4	44,44
Sinistro Completo	1	11,11
Lateralidade Cruzada	3	33,33
Lateralidade Indefinida	1	11,11
Total	9	100

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com Rosa Neto (2013, p.865):

Lateralidade cruzada quando escreve com a mão direita e chuta com o pé esquerdo, lateralidade indefinida escrever tanto com mão direita, quanto com a esquerda. Sinistro completo (escreve com a mão esquerda, chuta com o pé esquerdo), ou destro completo (escreve com a mão direita, chuta com o pé direito).

De acordo com a tabela 2, observa-se o nível de lateralidade em meninos do 1º ano do ensino fundamental I. Onde (n=3, 30%) é destro completo, já (n=5, 50%) tem lateralidade cruzada e (n=2, 20%) sua lateralidade é indefinida.

Por tanto, analisando os dados da tabela 1 e a tabela 2, onde o total de avaliados foi de 19 alunos (n=19, 100%) de 6 e 7 anos do 1º ano do ensino

fundamental I. Podemos comparar com os resultados do livro Manual de Avaliação Motora, de Francisco Rosa Neto, onde o mesmo teste realizado com 29 alunos (n=29, 100%) da mesma faixa etária. Sendo 40% destro completo, 10% sinistro completo, 38% lateralidade cruzada e 14% lateralidade indefinida.

Tabela 2. Teste de Lateralidade em meninos do 1º ano do ensino fundamental I.

	f	%
Destro Completo	3	30
Sinistro Completo	0	0
Lateralidade Cruzada	5	50
Lateralidade Indefinida	2	20
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Com isso, se pode analisar que 42% dos avaliados têm sua lateralidade dominante já definida, sendo destro ou sinistro completo. No entanto, certa de 42% dos alunos testados tem sua lateralidade cruzada e 16% dos educados analisados tem a lateralidade indefinida.

Assim sendo, conforme Rosa Neto (2013, p.865): “A definição da lateralidade ocorre por volta dos seis anos, e nesse fato reside a importância da criança ao ingressar na escola já possuir uma dominância lateral estabelecida.”

Tabela 3. Teste de Lateralidade em meninas do 2º ano do ensino fundamental I.

	f	%
Destro Completo	2	28,57
Sinistro Completo	0	0
Lateralidade Cruzada	5	71,43
Lateralidade Indefinida	0	0
Total	7	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme a tabela 3 o nível de lateralidade em meninas do 2º ano do ensino fundamental I. Tem (n=2, 28,57%) destro completo e (n=5, 71,43%) lateralidade cruzada.

Segundo a tabela 4 o nível de lateralidade em meninos do 2º ano do ensino fundamental I. Possui (n=8, 50%) destro completo e (n=8, 50%) lateralidade.

Examinado as tabelas 3 e 4, tendo um total de 23 alunos (n=23, 100%) com a faixa etária de 7 e 8 anos, comparando com os resultados do livro Manual de Avaliação Motora de Francisco Rosa Neto, onde o mesmo teste realizado com 17 alunos (n=17, 100%) da mesma faixa etária. Onde 77% são destro completo, 0% sinistro completo, 18% lateralidade cruzada e 6% lateralidade indefinida.

Tabela 4. Teste de Lateralidade em meninos do 2º ano do ensino fundamental I.

	f	%
Destro Completo	8	50
Sinistro Completo	0	0
Lateralidade Cruzada	8	50
Lateralidade Indefinida	0	0
Total	16	100

Fonte: Dados da pesquisa.

No entanto, podemos observar que os alunos testados do 2º ano comparando com os do 1º ano, não tem educandos com uma lateralidade indefinida ou com a dominância do lado esquerdo do corpo (sinistro completo). Com isso, cerca de 44% dos testados tem sua lateralidade como destro completo e 56% possuem lateralidade cruzada.

Desta forma, pode-se analisar que a lateralidade se define entre os seis, como relata Francisco Rosa Neto no artigo A Lateralidade cruzada e o desempenho da leitura e escrita em escolares. No entanto, para Jean Le Boulch (1988, p.22): “[...] a criança, entre os seis e os sete anos, é capaz de reconhecer a direita e esquerda [...]”

Analisando o que ambos os autores relatam, fica clara que nos testes realizados nos alunos desta pesquisa, estão dentro do padrão da definição da lateralidade. Sendo que nas tabelas 3 e 4, onde foram testados alunos do 2º ano do ensino fundamental I, possuem sua lateralidade definida. Diferente das tabelas 1 e 2, onde 31,11% dos testados não possuem uma lateralidade definida.

4. CONCLUSÃO

A partir do presente estudo, foi possível verificar o nível de lateralidade dos alunos entre as faixas etárias de seis a oito anos. Assim sendo, observar que ao final de todos os testes aplicados nos 42 testados (n=42, 100%).

Que 41% dos alunos testados são destro completo, 50% dos avaliados tem lateralidade cruzada, 7% tem sua lateralidade indefinida e somente 2% sinistro completo.

Conforme os dados coletados ficam claro que os alunos testados têm sua lateralidade definida entre 7 e 8 anos. Sendo assim, comprovam a teoria de Le Boulch, onde o indivíduo forma sua lateralidade entre seis e sete anos.

Com isso, fica claro que é de extrema importância aplicar a lateralidade nas aulas de Educação Física. Pois com este trabalho podemos melhorar este aspecto dos alunos que já possuem uma lateralidade definida, seja ela destro completo, sinistro completo ou lateralidade cruzada e fazer com que o educando que possui uma lateralidade indefinida, consiga defini-la através das atividades desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria. **Metodologia Científica**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Associação Brasileira de Psicomotricidade. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/historico-da-psicomotricidade/>> Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (2017). Disponível em: <http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMeio_embaixa_site.pdf> Acesso em: 20 maio 2018.

COSTE, Jean-Claude. **A Psicomotricidade**. 4.ed. Paris: Guanabara Koogan, 1989.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan S.A., 2003.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares**. São Paulo: Artmed, 2004.

LAPIERRE, A; AUCOUTURIER, B. **A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1974.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MEUR, A. De; STAES, L. **Psicomotricidade Educação e reeducação**. França: Manole, 1991.

RODRIGUES, Renato; GONÇALVES José Correa. **Procedimento de metodologia científica**. 7. ed. Lages, SC. PAPERVEST. 2014.

ROSA NETO, F. et al. **A Lateralidade cruzada e o desempenho da leitura e escrita em escolares** (2013). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n4/14.pdf>> Acesso em: 15 março 2018.

ROSA NETO, Francisco. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LATERALIDADE

LATERALIDADE DAS MÃOS



A criança está na posição de pé, sem nenhum objeto ao alcance de sua mão. "Você irá demonstrar como realiza tal movimento...".

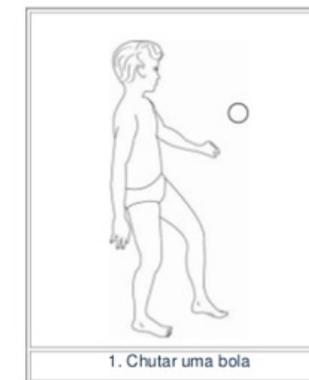
LATERALIDADE DOS OLHOS

- ✓ **CARTÃO FURADO** - cartão de 15 x 25 com um furo no centro de 0,5cm (de diâmetro). "Fixa bem neste cartão, tem um furo e eu olho por ele". Demonstração: o cartão sustentado pelo braço estendido vai aproximando-se lentamente do rosto. "Faça você o mesmo".
- ✓ **TELESCÓPIO** (tubo longo de cartão) – Você sabe para que serve um telescópio? "Serve para visualizar um objeto (demonstração). Toma, olha você mesmo..." (indicar-lhe um objeto).



LATERALIDADE DOS PÉS

- ✓ **CHUTAR UMA BOLA** - (bola de 6 cm de diâmetro) "Você irá segurar esta bola com uma das mãos, depois soltará a mesma e dará um chute, sem deixá-la tocar no chão". Nº de tentativas: duas.



RESULTADOS

LATERALIDADE	MÃOS	OLHOS	PÉS
D (direito)	3 provas com a direita	2 provas com o direito	2 chutes com o direito
E (esquerdo)	3 provas com a esquerda	2 provas com o esquerdo	2 chutes com o esquerdo
I (indefinido)	1 ou 2 provas com a direita ou esquerda	1 prova com o direito ou esquerdo	1 chute com o direito ou esquerdo

PONTUAÇÃO GERAL

DDD	DESTRO COMPLETO
EEE	SINISTRO COMPLETO
DED / EDE / DDE	LATERALIDADE CRUZADA
DDI / EEI / EID	LATERALIDADE INDEFINIDA

CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A DANÇA ESCOLAR

OLIVEIRA, André Farias de¹
SOUSA, Francisco José Fornari²
SOARES, Fabio Eduardo Grunewald³
MATOS, Fabricio Marcelo Ribeiro⁴

RESUMO

Introdução: A dança é um dos conteúdos propostos na grade de Educação Física Escolar. Ela contribui para a formação integral dos alunos, pois estimula a lateralidade, conhecimento sobre o esquema corporal, o equilíbrio dentre vários outros benefícios advindos de sua prática. **Objetivo:** Pesquisar o nível de conhecimento dos professores de Educação Física sobre a Dança escolar. **Metodologia:** Pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica, foram entrevistados 8 professores de Educação Física do município de São José do Cerrito, SC, 1 professor de escola da rede municipal, 6 professores da rede estadual e um professor que trabalha na APAE. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, os dados coletados foram analisados através de estatística básica (f e %) e apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** A maioria dos professores possui ensino superior completo, 50% do sexo feminino e 50% do masculino e a maioria trabalha no cargo de professor ACT; todos tiveram a disciplina de dança na graduação; 50% tiveram algum curso de dança além da faculdade. Todos os professores ministram a dança e se sentem capazes em trabalhar em suas aulas; buscam bibliografia sobre a dança e na maioria das vezes a ministram em época de festa junina. A maioria dos professores opta em passar modalidades esportivas em suas aulas ao invés da dança. **Conclusão:** O conhecimento sobre a modalidade de Dança na escola pelos professores de Educação Física contribui para o desenvolvimento motor, afetivo e social dos alunos e os professores devem ministrá-la em suas aulas pois é um dos conteúdos a serem trabalhados na Educação Física Escolar. Os professores precisam dar continuidade a sua formação na área da dança e na área dentro da Educação Física.

Palavras-chave: Dança. Educação Física. Avaliação.

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Prof. Coordenador de curso e da disciplina de TCC I do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Profissional de Educação Física egresso do Centro Universitário UNIFACVEST

KNOWLEDGE OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS ABOUT SCHOOL DANCE

ABSTRACT

Introduction: Dance is one of the contents proposed in the School Physical Education grid. It contributes to the integral formation of students, as it stimulates laterality, knowledge about the body scheme, balance, among many other benefits arising from its practice. **Objective:** To investigate the level of knowledge of Physical Education teachers about school dance. **Methodology:** Field research, descriptive and diagnostic, were interviewed 8 teachers of Physical Education in the city of São José do Cerrito, SC, 1 schoolteacher from the municipal network, 6 teachers from the state network and a teacher who works at APAE. The data collection instrument was a questionnaire with open and closed questions, the collected data were analyzed using basic statistics (f and %) and presented in the form of tables. **Results:** Most teachers have completed higher education, 50% are female and 50% male, and most work as ACT teachers; all took the dance course at graduation; 50% had some dance course in addition to college. All teachers teach dance and feel capable of working in their classes; they look for bibliography on dance and most of the time they give it during the June festival. Most teachers choose to teach sports in their classes instead of dancing. **Conclusion:** Knowledge about the modality of Dance at school by Physical Education teachers contributes to the motor, affective and social development of students and teachers should teach it in their classes as it is one of the contents to be worked on in School Physical Education. Teachers need to continue their training around dance and in the area within Physical Education.

Key words: Dance. Physical Education. Evaluation.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo irá abordar as variáveis como nível de conhecimento dos professores de Educação Física sobre Dança escolar, contribuição da modalidade Dança como: “A dança, uma das principais expressões corporais, favorece o desenvolvimento de habilidades e harmonização entre o corpo e a mente.” (OLIVEIRA; SARTORI; LAURINDO, 2014, p. 28)

Também este estudo serve para avaliar, conhecer o nível de saber/ conhecimento dos professores de Educação Física que trabalham no município de São José do Cerrito, saber se eles possuem uma base para trabalhar a Dança na escola, se eles ministram a modalidade em suas aulas, se eles possuem material bibliográfico para dar a modalidade que muitos não possuem pois segundo Marques (2012, p.25):

Não poderia de mencionar a dificuldade de encontrar bibliografia especializada na área da dança e, até mesmo, a recusa de muitas editoras conhecidas em publicar trabalhos que certamente contribuiriam para o desenvolvimento mais crítico da área, alegando “falta de mercado.” (grifo do autor)

E se eles já alguma vez já trabalharam com a Dança em suas aulas ou se nunca trabalharam com ela, se eles sabem como trabalhar a Dança na escola: “[...] Na grande maioria dos casos, professores não sabem exatamente o que, como ou até mesmo porque ensinar dança na escola.” (MARQUES, 2012, p.24)

Levando em conta que a modalidade Dança é um dos conteúdos da Educação Física Escolar, onde muitos professores não a lecionam em suas aulas. Os motivos da prática ou da não prática da modalidade podem ser a falta de experiência, vivência, muitos professores têm acesso a matéria Dança em apenas um semestre no curso de graduação assim se sentindo inseguros para aplica – lá em aula como relata Sousa, Hunger e Caramaschi (2010).

Por fim, este estudo tem como finalidade observar, registrar/relatar como é prática da modalidade Dança nas escolas do município de São José do Cerrito, S.C., saber se os professores estão buscando formação, (cursos) sobre o tema, e mostrar quais são os benefícios da sua prática.

Conforme relata Oliveira, Sartori e Laurindo (2014, p.28): “Ampliar repertório pessoal de movimentos, experimentar formas variadas de se mover, vivenciar experiências de criação e recriação da dança, reconhecer e inovar movimentos, vivenciar processos coreográficos, elaboração e produção.”

2. CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A DANÇA ESCOLAR

O sistema de ensino no Brasil sofreu diversas alterações no decorrer dos anos, em 2018 foi criada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Que segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p.7):

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). “grifo do autor”

Uma das disciplinas que fazem parte do âmbito escolar e que também faz parte da BNCC é a Educação Física, uma disciplina onde um dos seus instrumentos de estudo é a cultura corporal e o movimento do corpo humano. Seguindo esta perspectiva dizem Oliveira, Sartori e Laurindo (2014, p.17):

É o componente curricular obrigatório em todos os níveis da Educação Básica caracterizado pelo ensino de conceitos, princípios, valores, atitudes e conhecimentos sobre o movimento humano na sua complexidade, nas dimensões biodinâmica, comportamental e sociocultural.

Além do que: “O objetivo da educação física é levar a criança a aprender a ser cidadã de um novo mundo[...]”, (FREIRE; SCAGLIA, 2009, p.30), ou seja, criar um ser com autonomia, independente, respeitoso entre outros, valores que são adquiridos através das atividades físicas, jogos, das modalidades esportivas variadas que são trabalhados nas aulas de Educação Física.

Também como relatado acima um dos objetos de estudo da Educação Física é a Cultura Corporal e o movimento do corpo humano, onde através deles os alunos poderão adquirir saberes através do *se-movimentar* como relata Gonzáles e Schwengber (2012, p.24):

A dimensão dos saberes que se refere às *possibilidades do se-movimentar humano* aparece na Educação Física como oportunidade de a criança ampliar o conhecimento do próprio corpo, bem como sua capacidade de realizar movimentos nos espaços e no tempo. “itálico do autor”

Além disso, os componentes que fazem parte da Educação física as unidades temáticas de “[...] brincadeiras e jogo, danças, lutas, ginásticas, esportes e práticas corporais de aventura [...]” (BRASIL, 2017, p.217), contribuem para a formação motora, psicológica e afetiva dos alunos, pois possuem uma gama de movimentos, estímulos, competências que só iram contribuir para formação dos alunos.

Dentre eles há a Dança, que possui vários ritmos, gestos/movimentos, culturas, tradições, traz diversos benefícios aos praticantes e segundo Soares et al. (1992, p.82):

Considera-se a dança uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem. Pode ser considerada como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra etc.

Dessa forma, a unidade temática Dança contribui da seguinte forma segundo Oliveira, Sartori e Laurindo (2014, p.28):

A dança, uma das principais expressões corporais, favorece o desenvolvimento de habilidades e harmonização entre o corpo e a mente. Essa linguagem corporal é um relevante instrumento educativo, pois possibilita o reconhecimento do potencial do aluno de forma lúdica, criativa e prazerosa por meio do movimento.

Inclusive a modalidade Dança é um dos conteúdos propostos a ser trabalhada na Educação Física Escolar, mas muitos professores não a ministram em suas aulas seja por falta de conhecimento teórico-prático da modalidade ou não sabem como se deve ensinar a Dança na escola conforme relata Marques (2012, p.24): “[...] Na grande maioria dos casos, professores não sabem exatamente o que, como ou até mesmo porque ensinar dança na escola”.

Por outro lado há a falta de interesse dos alunos, como relata em um estudo feito por Karen Cristina Chicati onde foram coletados dados sobre os tipos de conteúdos que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Educação Física onde apenas 15,83% das meninas e 3,33% dos meninos gostam de praticar a Dança nas aulas e 31,67% das meninas e 43,34% não gostam de praticar a Dança nas aulas de Educação Física (CHICATI, 2000, p.102), assim dificultando a intervenção da Dança nas aulas de Educação Física, pois o professor se sente inseguros pela falta de interesse dos alunos pela modalidade e assim acaba não aplicando a Dança em suas aulas.

Também uma questão que implica na não prática da modalidade nas escolas é o pré-conceito de que dançar é coisa de mulher e de “[...] um certo receio, ou talvez medo, do trabalho com o corpo.” (MARQUES, 2012, p.23)

Há um outro ponto importante que ressalta não só na parte da Dança mais das outras modalidades, que é a continuação de conhecimento, dos estudos como especializações de vivências pelos professores de Educação Física que são fatores que levam a prática e a não prática de alguma modalidade, como relata Finck (2011, p.168):

A formação do professor de Educação Física vai além do domínio exclusivo de técnicas corporais ou de táticas esportivas. Para gerir os dilemas cotidianos, o professor necessitará de saberes que se constituirão tanto por meio de sua experiência pessoal, como pela sua preparação pedagógica [...].

Não só a falta de formação e de experiência do professor de Educação Física na área da Dança e a falta de interesse dos alunos pela modalidade, a mídia ajuda a influenciar a prática dos grandes esportes como futebol, o basquete, lutas etc. como comenta Finck (2011, p.116):

[...] Percebemos que, entre as modalidades esportivas o futebol (no Brasil, prática predominantemente masculina) tem um espaço maior de divulgação, sobre o qual existem programas específicos, transmissão de torneios e campeonatos e até o acompanhamento da vida particular dos jogadores. Toda essa gama de informações chega a milhares de pessoas por intermédio da mídia, principalmente da televisão.

Assim dificultando a divulgação das outras modalidades para o conhecimento dos alunos, e para que tenham interesse de praticá-la neste caso a Dança. Por tanto há diversos motivos a serem pesquisados que levam a prática e a não prática da Dança no âmbito escolar.

3. METODOLOGIA

É uma pesquisa qualitativa sobre o conhecimento dos professores de Educação Física sobre Dança escolar, uma pesquisa qualitativa que segundo Rodrigues e Gonçalves (2017, p.127) se define como: “[...] a pesquisa qualitativa tem o objetivo de qualificar os resultados, ampliando a compreensão dos resultados e possibilitando a intervenção da sociedade em diversos campos de atuação. [...]”

Este artigo é resultado de uma Pesquisa de Campo, descritiva e diagnóstica, que segundo Andrade (2010, p.115) é: “A pesquisa de campo assim é denominada porque a coleta de dados é efetuada “em campo” onde

ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles.”

E é descritiva, como explica Andrade (2010, p.112):

Nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador.

Fizeram parte da população 10 professores de Educação Física que trabalham no município de São José do Cerrito, S.C., onde foram selecionados como amostra apenas 8 professores sendo estes 6 professores que trabalham em escolas do estado, 1 que trabalha em uma escola do município e 1 professor que trabalha na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) do município, tendo em vista a facilidade de acesso a estes professores e escolas.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário composto por perguntas de respostas abertas e fechadas, que foi analisado/validado por 3 professores da área da Educação Física.

A análise e interpretação de dados foi através de estatística básica (f e %), apresentados em formas de tabelas e analisadas de acordo com os autores da área.

3.1 Análise e discussão dos dados

Conforme os dados coletados na pesquisa com os professores de Educação Física da rede estadual e municipal de São José do Cerrito, S.C seguem os seguintes dados.

Em relação ao nível de formação dos professores aparecem os seguintes dados (tabela 1), (n= 8, 100%) possuem ensino superior completo.

Ainda na tabela 1 na questão número 2 sobre o gênero dos professores de Educação Física constatou-se que (n= 4, 50%) são do sexo feminino e (n= 4, 50%) do sexo masculino.

Tabela 1. Qual é a sua formação?

Formação	f	%	Sexo	f	%
Ensino superior completo	8	100%	Feminino	4	50%
Ensino superior incompleto	0	0%	Masculino	4	50%
Total	8	100%	Total	8	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Pois segundo a LDB 9394/96 (p.20):

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal.

Sendo que se constatou na tabela 1, que 4 professores possuem só curso de graduação em educação física e 4 professores possuem graduação em educação física e especialização.

Tendo como referência os dados da tabela 2, sobre o cargo de atuação dos professores, aparecem os seguintes resultados (n= 6, 75%), trabalham no cargo de professor ACT e (n= 2, 25%) trabalham no cargo de professor efetivo.

Tabela 2. Cargo de atuação?

	f	%
ACT	6	75%
Efetivo(a)	2	25%
Estagiário(a)	0	0%
Concursado(a)	0	0%
Total	8	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Sendo assim os professores efetivos são os docentes habilitados e os não efetivos são os admitidos em caráter temporário ACTs, como relata Lapo e Bueno (2003, p.68).

Através dos dados da tabela 3, obteve as seguintes respostas (n=8, 100%) dos professores tiveram a disciplina de dança em seu curso de graduação.

Tabela 3. Você teve a disciplina de Dança no curso de Graduação?

	f	%
Sim	8	100%
Não	0	0%
Total	8	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Tendo em vista que a Dança faz parte da área de conhecimento dos conteúdos curriculares apresentados no curso de graduação em Educação Física como relata o Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação,

(2002, p.7) “**Conhecimento sobre a Cultura das Atividades Físicas/Movimento Humano** (diferentes manifestações da cultura das atividades físicas nas suas formas de jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas, lazer, recreação e outros).”
Grifo do autor

Com os resultados da tabela 4 (n=4, 50%) dos professores tiveram algum curso de dança além da disciplina de dança na faculdade e (n=4, 50%) não tiveram contato com algum curso além da disciplina de dança na faculdade.

Tabela 4. Além da faculdade você teve contato com algum curso de Dança?

	f	%
Sim	4	50%
Não	4	50%
Total	8	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta questão se os professores respondessem que **SIM** que tiveram algum curso de dança além da faculdade, eles deveriam dizer qual era esse curso. Onde os seguintes resultados constam na tabela 4.1:

Tabela 4.1 Qual foi o curso que você teve além da faculdade?

Professor	Curso
Professor 1	Dança Gaúcha, Dança Catarina
Professor 2	Música Gaúcha e Zumba
Professor 3	Dança de Salão
Professor 4	Dança Catarina

Fonte: Dados da pesquisa.

Onde é de fundamental importância a conclusão do ensino superior e o seguimento dos estudos/ formação continuada, para se obter profissionais bem qualificados para exercer a sua devida profissão, como relata Finck (2011, p.172):

Devemos buscar a continuidade da caminhada de forma compartilhada e compromissada, em prol de objetivos maiores para a área da Educação Física, na perspectiva de desenvolvimento de ações que implicam novas possibilidades e maiores responsabilidades.

Tendo como base os questionários aplicados, a tabela 5, foram adquiridos os seguintes dados (n=8, 100%) todos os professores de Educação Física de São José do Cerrito, SC ministra a modalidade de Dança em suas aulas.

Tabela 5. Você ministra a modalidade de Dança em suas aulas?

	f	%
Sim	8	100%
Não	0	0%
Total	8	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Além disso, a Dança é uma atividade que contribui muito para o desenvolvimento motor, afetivo e social daqueles que a praticam, como diz Barancelli e Pawlowytsch (2016, p.280): “A dança contribui efetivamente para a qualidade de vida das pessoas, aumentando o bem-estar psicológico e influenciando no bem-estar físico. [...]”

Tabela 6. Quando você ministra a modalidade Dança?

Professor	Quando possível em	Época de Festa	Datas comemorativas (Dia das	Festivais	Outros
	minhas aulas	junina	Mães, país etc.)		
Professor 1	x				
Professor 2	x				
Professor 3		x	x	x	x
Professor 4					
Professor 5	x				
Professor 6			x		
Professor 7	x				
Professor 8		x			

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à prática da Dança nas aulas de Educação Física, se adquiriu os seguintes dados através da tabela 6, onde 4 professores responderam que ministram a Dança quando possível em suas aulas, 1 professor em época de festa junina, 1 professor em datas comemorativas como dia das mães etc., 1 professor em festivais e outros (um bimestre trabalha com dança) e por fim 1 professor trabalha com a dança em época de festa junina, em datas comemorativas, em festivais e outros (gincanas). Tendo em vista que os professores podiam assinalar mais de uma opção.

A Dança possui vários estilos, coreografias/passos, vestimentas, música entre outros como trás a BNCC (2017) nas páginas 223 no quadro com as unidades temáticas e objetos de conhecimento como no caso da dança para 1º e 2º ano a dança pode ser trabalhada na forma de Danças do contexto comunitário e regional e no 3º ao 5º ano como Danças do Brasil e do mundo Danças de matriz indígena e africana, neste caso entrariam as danças folclóricas, a quadrilha, o frevo entre outras.

Tendo como base os dados coletados na tabela 7, obtiveram os seguintes dados (n=8, 100%) dos professores se sente capaz de lecionar a modalidade de Dança em suas aulas de Educação Física.

Tabela 7. Você se sente capaz de lecionar a Dança em suas aulas?

	f	%
Sim	8	100%
Não	0	0%
Total	8	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Todo e qualquer profissional da educação, da saúde, das ciências exatas entre outras devem ser confiantes e se sentirem capazes para exercer sua profissão, estarem preparados para enfrentar desafios e imprevistos no exercer de sua profissão.

Tais como um professor deve se sentir capaz de ministrar uma aula sobre determinado tema, para que possa transmitir para o seu aluno todo conhecimento necessário para que ele possa aprender, estimular sua curiosidade para pesquisar sobre o tema, suprir as necessidades do aluno sobre o tema.

Como relata Teixeira *et al* (2013, p.37) “Professores de fato sempre podem propor momentos especiais para os alunos, situações diferenciadas de aprendizagem. Esse perfil de profissional leva os alunos a profundas reflexões, passíveis de promover competências e habilidades.”

Através dos dados da tabela 8, obteve as seguintes respostas, (n=8, 100%) dos professores de Educação Física das escolas estaduais e municipais de São José do Cerrito, S.C buscam quando vão ministrar a modalidade de Dança em suas aulas, bibliografia sobre a modalidade.

Sendo assim os professores para ministrarem qualquer aula, de determinado tema devem pesquisar sobre o mesmo, terem um conhecimento base para poderem dar continuidade a pesquisa e assim construindo uma aula bem planejada, como comenta Veit (2013, p.69): “Os professores devem ter conhecimentos específicos da área e precisam ser capazes de desenvolver as metodologias adequadas, conferindo significado aos currículos, aos conteúdos e práticas e às ciências, de acordo com as especificidades e peculiaridades da clientela atendida.”

Tabela 8. Quando você ministra a modalidade de Dança em suas aulas, você busca bibliografia para dar aula sobre a Dança?

	f	%
Sim	8	100%
Não	0	0%
Total	8	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Com os resultados coletados na tabela 9, onde os professores podiam escolher mais de uma opção constatou-se que 2 professores de Educação Física optam em passar a Dança em suas aulas ao invés de outras modalidades como Futsal, voleibol, basquete ou handebol, e 4 optam em passar Futsal, voleibol, basquete ou handebol ao invés da Dança, e por fim 2 professores optam em passar a Dança e as outras modalidades como Futsal, voleibol, basquete e handebol em suas aulas de Educação Física.

Tabela 9. Você busca aplicar a Dança em suas aulas de Educação Física ou opta em passar modalidades como Futsal, Voleibol, Basquete ou Handebol?

Professor	Dança	Futsal, Voleibol, Basquete ou Handebol
Professor 1		X
Professor 2		X
Professor 3	X	
Professor 4	X	
Professor 5		X
Professor 6	X	X
Professor 7		X
Professor 8	X	X

Fonte: Dados da pesquisa.

Além do que, tanto a Dança como as outras modalidades esportivas (futsal, voleibol, basquete, handebol etc.) são importantíssimas para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Tendo cada uma delas suas especificidades como a dança por exemplo como diz Saraiva e Fiamoncini (1998, p.99): “[...] a dança, enquanto manifestação artística e como conteúdo da Educação Física, possibilita o desenvolvimento do aluno e da aluna como seres criativos e autônomos.”

E assim como o esporte como relata Finck (2011, p.105):

A importância da prática do esporte na escola pode ser evidenciada pela ação socializadora e democrática que proporciona, pois os alunos, por meio de sua vivência, têm oportunidades de troca de experiências, de interações e de se organizarem em grupos, na busca de objetivos comuns, principalmente quando jogam. [...]

Porém há um outro lado, a maioria dos professores assinalaram a opção de futsal, voleibol, basquete ou handebol as modalidades esportivas, do que a de dança ou assinalaram as duas alternativas (dança/modalidades esportivas). Uma hipótese poderia ser o favoritismo dos alunos por estas modalidades esportivas, ao invés da Dança, influenciada pela mídia assim podendo interferir na escolha do professor, como relata Finck (2011, p.93):

Destacamos também que a predominância do esporte nas aulas de Educação Física na escola ocorre por meio da notória preferência dos alunos pelos demais conteúdos, especificamente nas modalidades esportivas coletivas. São estas as mais divulgadas pela mídia e que ganham destaque entre os alunos, sendo as preferidas e as mais comentadas. (grifo do autor)

4. CONCLUSÃO

A partir do presente estudo, foi possível verificar o conhecimento dos professores de Educação Física sobre a Dança Escolar dos professores de Educação Física de São José do Cerrito, SC, onde constatou-se que todos possuem ensino superior completo, sendo que 50% professores são do sexo masculino e 50% do sexo feminino e que a maioria atua no cargo de professor ACT (contratados por caráter temporário). Além do que, todos os professores entrevistados tiveram a disciplina de dança em seu curso de graduação e 50% tiveram algum curso de dança além da faculdade e 50% não tiveram.

Também através dos dados coletados e analisados dos questionários, notou-se que todos os professores de Educação Física ministram a modalidade de dança em suas aulas, sendo que a maioria ministra ela em época de festa junina. E se adquiriu que todos sentem-se capazes de ministrar a modalidade em suas aulas e procuram bibliográfica sobre a mesma quando à lecionam.

E por fim, grande parte dos professores prefere passar as modalidades de futsal, voleibol, basquete e handebol ao invés da dança. Uma das variáveis possível que pode interferir nesta tomada de decisão é a influência da mídia sobre estas modalidades ser maior do que para a dança, assim influenciando as decisões dos professores pelo fato do favoritismo dos alunos sobre estas modalidades sendo causado pela mídia e por várias outras variáveis.

Contudo, conclui-se que o conhecimento sobre a modalidade de Dança na escola pelos professores de Educação Física é de suma importância para o desenvolvimento motor, afetivo e social dos alunos, e que os professores devem ministrá-la em suas aulas pois é um dos conteúdos a serem trabalhados na Educação Física Escolar. Além do que os professores devem dar continuidade a sua formação buscando cursos, especializações seja na área da dança como em qualquer outra área dentro da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- BARANCELLI, Lyégie Lys Rodrigues; PAWLOWYTSCH, Pollyana Weber da Maia. **Dança qualidade de vida: um estudo biopsicossocial**. Repertório, Salvador, nº 26, p.273-282, 2016.1. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/17477/11417>> acessado em 04/10/2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 > Acessado em 16/10/2018.

BRASIL. LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, des 1996. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf > Acessado em 10/10/2018.

BRASIL. **Ministério da educação conselho nacional de educação**; Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física. Brasília, DF, abr 2002. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2002/pces138_02.pdf > acessado em 13/10/2018.

CHICATI, Karen Cristina. **Motivação nas aulas de educação física no ensino médio**. Revista a Educação Física/UEM, Maringá, v.11, n.1, p.97-105,2000. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3799/2611> > Acessado em 29/08/2018.

FINCK, Silvia Christina Madrid. **A educação física e o esporte na escola: cotidiano, saberes e formação**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Ed. Scipione, 2009.

GONZALEZ, Fernando Jaime; SCHWENGBER Maria Simone Vione. **Práticas pedagógicas em educação física: espaço, tempo e corporeidade**. 1 ed. Erechim: Edelbra, 2012.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. **Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, pm. a6r5ço-8/82,0 m03arço/ 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n118/16830.pdf> > acessado em 10/10/2018.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Antonio Ricardo Catunda de; SARTORI, Sergio Kudsi; LAURINDO, Elisabete. **Recomendações para a educação física escolar**. CONFEE: 2014.

RODRIGUES, Renato; GONÇALVES, José Correa. **Procedimentos de metodologia científica**. 8. ed. Lages: PAPERVEST, 2017.

SARAIVA, Maria do Carmo; FIAMONCINI, Luciana. **Dança na escola a criação e a co-educação em pauta**. in CARDOSO, Carlos Luiz *et al.* **Didática da educação física**. Ijuí-RS: UNIJUÍ, 1998.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires de; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro. **A Dança na Escola: um sério problema a ser resolvido**. Motriz, Rio Claro, v.16, n.2, p.496-505, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3477/3006>> Acessado em 07/05/2018.

TEXEIRA, Ana Claudia *et a.* **A importância da autoestima do aluno no processo de ensino-aprendizagem**. revista interação, Ano VIII, número 2. 2º semestre de 2013. Disponível em:< http://vemprafam.com.br/wp-content/uploads/2016/11/3_A-importancia-da-autoestima-do-aluno.pdf> acessado em 14/10/2018.

VEIT, Maria Cristina Schweitzer. **Fundamentos da didática geral**. Palhoça: Unisul Virtual, 2013. Disponível em: < <http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/restrito/000003/0000038F.pdf> > acessado em 10/10/2018.

PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PESQUISA SOBRE O NÍVEL DE COORDENAÇÃO MOTORA COM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS

PADILHA, Iraci Ribeiro de Carvalho¹
SOUSA, Francisco José Fornari²
OLIVEIRA, Joaquim Rodrigo de³
BONFIGLIO, Neuranei Salet⁴

RESUMO

Introdução: Faz-se necessário compreender a importância da aprendizagem psicomotora, por meio de atividades bem planejadas e objetivas na Educação Infantil, buscando identificar a concepção de educação psicomotora expressa pelos professores de Educação Física, nesse processo de desenvolvimento. **Objetivo:** pesquisar a relação entre o nível de coordenação motora e o desenvolvimento cognitivo de crianças com oito anos de idade, em uma escola estadual no município de São Joaquim, Santa Catarina. **Metodologia:** pesquisa de campo descritiva e diagnóstica, foram realizados o Teste Motor, segundo Francisco Rosa Neto (2002) e o Teste Cognitivo, segundo Jean Piaget (1980). Fizeram parte da pesquisa dez alunos. Os dados foram analisados através de estatística básica (f e %) e apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** a análise dos dados obtidos, com base na classificação da EDM, mostra que 90% dos escolares apresentaram índice de desenvolvimento motor normal médio. Igualmente, através das provas Piagetianas, 90% dos alunos se encontravam em fase pré-operatória no que se refere ao desenvolvimento cognitivo. Esses dados corroboram com estudos de diversos autores com relação ao desenvolvimento psicomotor. **Conclusão:** pela observação dos aspectos analisados, a maioria das crianças apresentou resultados satisfatórios correspondentes aos esquemas cognitivos, bem como aos estágios de desenvolvimento motor. O estudo apresentou ainda um dado superior e um dado inferior à média, aspectos estes que podem ser influenciados por fatores biopsicossociais, contribuindo e/ou interferindo no desenvolvimento psicomotor.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Educação Física. Movimento. Intelecto.

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Coordenador e professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

PSYCHOMOTRICITY IN PHYSICAL EDUCATION: A RESEARCH ON THE LEVEL OF MOTOR COORDINATION IN REGARD TO THE COGNITIVE DEVELOPMENT OF CHILDREN

ABSTRACT

Introduction: It is necessary to understand the importance of psychomotor learning, through well-planned and objective activities in Early Childhood Education, seeking to identify the conception of psychomotor education expressed by physical education teachers in this development process. **Objective:** to investigate the relationship between the level of motor coordination and the cognitive development of eight - year - old children at a state school in the city of São Joaquim. **Methodology:** descriptive and diagnostic field research, according to Francisco Rosa Neto (2002) and the Cognitive Test, according to Jean Piaget (1980). Ten students participated in the study. The data was analyzed through basic statistics (f and %) and presented in the form of charts. **Results:** The data analysis based on the EDM classification shows that 90% of the students had an average normal motor development. Likewise, through the Piagetian tests, 90% of the students were in the pre-operative phase regarding cognitive development. These data corroborate with studies of several authors regarding psychomotor development. **Conclusion:** by observing the analyzed aspects, most of the children presented satisfactory results corresponding to the cognitive schemas, as well as to the stages of motor development. The study also presented an upper and lower data in comparison to the average, aspects that can be influenced by biopsychosocial factors, contributing and / or interfering in the psychomotor development.

Key words: Psychomotricity. Physical Education. Movement. Intellect.

1. INTRODUÇÃO

Psicomotricidade é um tema que tem sido objeto de várias investigações nas áreas voltadas à Educação em geral, uma vez que possui relação direta com os desenvolvimentos motor e cognitivo em todas as etapas da vida de uma criança. Dentro do ambiente escolar, nas aulas de Educação Física especialmente, esta é uma abordagem que agrega substancialmente para o desenvolvimento integral do ser humano.

O movimento é a primeira manifestação de vida do ser humano, mesmo antes do nascimento, vai se estruturando gradativamente, passando por transformações, que irão gerar influências no comportamento por toda vida (DOS SANTOS; COSTA, 2015).

Para as autoras Molinari e Senz (2003), o movimento é a parte mais ampla e significativa do comportamento humano.

O caminho que uma criança percorre está relacionado, segundo Vygotsky (1989), com às suas condições biológicas, à maturação, ao crescimento, à aprendizagem, bem como àquelas proporcionadas pelo espaço social em que vive.

O processo de desenvolvimento humano está ligado ao corpo em movimento e a mente. De acordo com Le Boulch (1985, p.23): “[...] através do trabalho corporal, é possível desenvolver o sistema nervoso central que coordena o conjunto de sistemas que serve de suporte às funções mentais.”

Dessa forma, o organismo constitui a infraestrutura neurofisiológica da coordenação dos desenvolvimentos Psicomotor e Cognitivo de forma sincronizada (SILVA, 2016).

Diversas áreas do conhecimento científico pesquisam o comportamento humano. Entre elas está a Psicologia, que busca compreender o desenvolvimento humano, sendo o desenvolvimento infantil o principal para o decorrente (PAULA; MENDONÇA, 2009).

A Educação Física é outra área do conhecimento que também se aprofundou em estudos nas áreas infantil e da educação, buscando um olhar crítico e um objeto de estudo no intuito de compreender o ser humano em sua totalidade (XAVIER; ASSUNÇÃO, 2005).

Estudar a relação da Psicomotricidade com os desenvolvimentos cognitivo e motriz em crianças é significativo na medida em que poderão ser identificadas contribuições relevantes, auxiliando professores em novas didáticas no campo da Educação Física.

Neste sentido, esse trabalho teve como objetivo pesquisar a relação entre o nível de coordenação motora e o desenvolvimento cognitivo em crianças de 8 anos de idade, avaliando o nível de coordenação motora e descrevendo a condição do desenvolvimento cognitivo para compreender de que forma estão correlacionados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Física

A dança foi uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo, por consequência, percebeu-se que a atividade corporal podia levar a um estado de excitação interior e consciência (OLIVEIRA, 1983).

O ser humano manifesta comportamentos que independem de cultura, como o jogo. Neste é possível constatar um papel social de grande destaque. A história mostra que a concepção esportiva muda o estágio de sedentarização do homem, quando as atividades eram praticadas por razões utilitárias, guerreiras ou ritualísticas, para um caráter esportivo, com o surgimento dos jogos (OLIVEIRA, 1983).

Do ponto de vista de Oliveira (1983), o início de nossas reflexões deveria recair sobre uma pergunta que transcende ao homem: ele próprio. Desde os primórdios, o homem expressa-se através de movimentos, pelos motivos mais distintos ou estranhos possíveis. Embora muitos pensadores tenham apresentado hipóteses da inexistência do lado interior no ser humano. Por fim, considerando o conhecimento acumulado pelas diversas ciências, cujo objeto de estudo é o homem, podemos analisar o mesmo sob os aspectos afetivo, psicomotor e intelectual, rejeitando tais componentes de forma isolada, mas sim, de maneira integrada.

“A Educação Física, por exemplo, possui o entendimento acima. E, no âmbito escolar, é uma disciplina que trata, pedagogicamente, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.41)

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2017, p.209).

A Educação Física, como uma prática pedagógica sistematizada, segundo Tenroller e Merino (2006), engloba um complexo de ações que tem o propósito de promover aspectos motores e psicossociais, domínio corporal, entre outros, utilizando-se de meios para isso.

“A Educação Física deve ser encarada pelos professores, no meio escolar, como uma disciplina concreta, de uma escola concreta, para alunos concretos, cidadãos de um mundo concreto.” (XAVIER; ASSUNÇÃO, 2005, p.25)

Dentre as áreas estudadas na Educação Física relacionada ao comportamento, destaca-se a Motricidade. Segundo a Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP) (1999, p. 5): “[...] é a ciência que tem como objetivo o estudo do homem através de seu corpo em movimento, nas relações com mundo interno e externo”.

Para Darido (2003), as influências na formação do profissional e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física advém de tendências anteriores, mesmo se modificando ao longo do século, como os objetivos e as propostas pedagógicas.

A intervenção da Psicomotricidade, nas aulas de Educação Física, conduz o professor a sentir-se com responsabilidade escolar e pedagógica, valorizando no âmbito escolar um processo de aprendizagem e não somente desportista, na execução de gestos tecnicistas (DARIDO, 2003).

2.2 Psicomotricidade na Educação Física

A Psicomotricidade apresenta grande importância no ambiente escolar, devido aos benefícios que proporciona nos desenvolvimentos motor, cognitivo, afetivo e social. A importância de estudar a Motricidade se dá por meio da relação com o desenvolvimento cognitivo, isto é, existe uma relação entre o cognitivo e o motor de todo ser humano (ROSA NETO, 2010).

Fonseca (1985) acredita que a Psicomotricidade bem elaborada e estruturada pode contribuir para um meio privilegiado na prevenção e intervenção das dificuldades de aprendizagem.

Le Boulch (1987) diz que desprezar a influência de um bom desenvolvimento psicomotor seria delimitar a educação do corpo, com isso, o autor ressalta que a educação psicomotora justifica seu papel na idade primária. E mais ainda, que a educação motora qualifica o desenvolvimento total da criança.

Arriagada (2002) descreve que a intervenção acerca da Psicomotricidade nas aulas deve substituir o desejo passivo ao ativo, da imobilidade para a mobilidade. E de acordo com Lapierre e Aucouturier (1988), as atitudes do professor não podem ser incertas, sob o risco de parecerem controvérsias.

O professor deve executar suas funções específicas para observar as criações da expressividade motora de seus alunos, que são elas: ser parceiro simbólico, escutar a criança sob a empatia tônica, ser símbolo de lei e segurança, ser espelho da brincadeira da criança, linguagem e voz (ARRIAGADA, 2002).

Na maioria das vezes, o que falta nas escolas, segundo Freire (1997), não é o material, é a criatividade do professor. Este, sim, é o material mais importante. Esta criatividade não se aprende nas escolas de formação, onde os alunos deveriam ser orientados a explorar as atividades lúdicas. É fundamental dar mais ênfase a estas atividades e ao brincar, à cultura infantil, como instrumentos de trabalho do professor.

Na visão de Aucouturier (1996), inicialmente, para que a criança tenha um desenvolvimento equilibrado, é importante oferecer à mesma a oportunidade de existência, de tal modo que ela se torne uma pessoa única, com possibilidades de comunicar-se, expressar-se, criar e pensar.

Há uma necessidade de que o trabalho seja planejado, pensado e reavaliado sempre, para que o professor saiba o que foi alcançado e o que pode fazer para melhorar o desenvolvimento dos alunos. Todo tipo de experiência corporal que a criança passa, desde a mais tenra idade, influenciará suas experiências motoras diretamente (RAMOS; FERNANDES, 2011).

No que diz respeito à pré-escola, de acordo com Freire (1997), o movimento corporal é um recurso importante nessa fase em que ação física e ação mental estão em transformação. Portanto, explorá-las de forma isolada é um enorme prejuízo para a formação integral da criança.

Meira Junior (2017) aponta, baseado na literatura especializada, é recomendável que a criança na escola receba informações de uma prática organizada durante a aprendizagem de movimentos, são elas: estipular metas atingíveis a curto e longo prazos; dar informações claras e objetivas durante as primeiras tentativas de uma atividade e demonstrá-la para a criança entender melhor, da mesma forma como nos processos mais avançados; dar atenção aos processos de controle corporal; oferecer *feedback* quando necessário, estimulando o aluno a ouvir e a opinar; despertar o aluno a ver por si os erros e corrigi-los; proporcionar práticas mais curtas e mais seguidas, do que mais longas e menos frequentes; combinar prática mental à prática física; organizar práticas com avanços gradativos e variações quando as mesmas forem assimiladas; dividir a habilidade somente quando a adaptação entre as partes não é equilibrada. E, por fim, a importância de o profissional da Educação Física considerar efetivamente as questões sociais, que são substanciais no desenvolvimento da criança, fazendo assim a diferença no resultado do seu trabalho.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2017, p.209):

A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento.

Portanto, conforme Ferreira Neto (2001), a condição para o sucesso do ensino está determinada a quem ele se direciona, através de atividades adequadas em que o professor se adapte à condição de cada aluno. A qualidade desta prática se dá a partir das escolhas de habilidades para trabalhar, observando o nível de dificuldade individualmente, aumentando ou diminuindo, conforme a necessidade e a aquisição que os alunos irão conquistando, e levando em consideração que o progresso de desenvolvimento de uma criança é gradativo.

Segundo Le Boulch (1987), a escola tem como função, a perspectiva de preparar para a vida, através de métodos pedagógicos que auxiliam a criança da melhor forma possível a se desenvolver, utilizando-se de todos os seus recursos.

2.3 Fases do desenvolvimento Infantil

O período do desenvolvimento infantil, do ponto de vista de Riechi, Valiati, Antoniuk (2017), é decisivo na vida do ser humano. Essa construção será base do que este vivenciará ao longo de sua existência. E este resultado, que sofre adversidades genéticas e ambientais no comportamento e na aprendizagem, conflui na estrutura cerebral mesmo antes do nascimento.

Os períodos do desenvolvimento humano, de acordo com Piaget (1987), são divididos em períodos que se caracterizam com o aparecimento de novas características do pensamento e que interferem no desenvolvimento global. São eles: 1º período: sensorio motor (0 a 2 anos); 2º período: pré-operatório (2 a 7 anos); 3º período: operações completas (7 a 11 ou 12 anos); e 4º período: operações formais (11 ou 12 em diante). Cada um destes períodos se distingue por aquilo que a criança consegue fazer de melhor dentro de cada fase. Porém, o início e final destes períodos variam de acordo com fatores educacionais, sociais e biológicos.

Como descrito por Paula e Mendonça (2009), há a necessidade de que o professor entenda que seu papel é fundamental no conhecimento desse desenvolvimento infantil, através da prática pedagógica. Compreendendo, assim, a relação existente ao modo de ser, agir e pensar de seus alunos, o que faz a condição de existência para cada um, nesse processo contínuo.

2.4 Desenvolvimento cognitivo

De acordo com Luria (1981), dissemos que os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos que ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais, onde cada uma das quais concorre com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional. Uma das questões essenciais é compreender as unidades funcionais básicas que compõem o cérebro humano e o papel por elas desempenhado.

A primeira unidade tem como função regular o tono, a vigília e os estados mentais. O estado de vigília é essencial para o indivíduo receber e analisar informações, e difere do sistema da segunda unidade funcional do cérebro, cuja função primária é receber, analisar e armazenar informações que chegam do mundo exterior, através das regiões visual (occipital), auditiva (temporal) e sensorial geral (parietal). As estruturas da terceira unidade funcional são responsáveis pelo sistema de programação, regulação e verificação da atividade mental, que tem a importância de assegurar a saída de impulsos motores para todos os movimentos voluntários (LURIA, 1981).

Luria (1981) afirmou que a recepção, a codificação e o armazenamento de informações constituem apenas um dos aspectos dos processos cognitivos humanos. O homem não somente reage a informações, como cria intenções, forma planos e programa ações, confere sua realização e determina o seu comportamento, e por fim verifica a sua atividade consciente, comparando as suas ações com intenções e corrigindo falhas.

Bock (2001) descreve, em estudos de Piaget, que o ser humano é dotado de estruturas biológicas, herda a função intelectual, de maneira que interage com o ambiente e o leva a um conjunto de significados, que ao longo da vida terá diferentes estágios de desenvolvimento. Ele busca por suas necessidades, resultando na construção de um equilíbrio entre a assimilação e a adaptação, surgindo novas estruturas mentais, o que caracteriza o processo em evolução.

Fonseca (1995) enfatiza que, quando uma criança apresenta dificuldades cognitivas, o problema pode estar no nível das bases de desenvolvimento

psicomotor, e como a desordem do intelecto pode causar uma pobre coordenação. A Psicomotricidade não é o único aspecto, mas é fundamental para este processo de reabilitação, principalmente de prevenção. Sendo assim, considera-se que a Psicomotricidade é um instrumento riquíssimo que auxilia a promover propostas de intervenção, proporcionando a formação da base indispensável nos desenvolvimentos motor, afetivo e psicológico do indivíduo.

2.5 Desenvolvimento motor

O organismo humano de acordo com Rosa Neto (2002) sofre profundas modificações desde o nascimento até a idade adulta, segue uma lógica biológica de evolução. Até mesmo no momento da concepção, através de atividade motora, começa a dar sinal de vida. Acompanhando uma criança no dia a dia, pode-se notar as mudanças na sua maturação orgânica observando fatos novos que buscam suprir suas necessidades em relação ao meio. O movimento é uma manifestação de necessidade por um fim e se aperfeiçoa conforme as estruturas integradas do ser humano evoluem.

A motricidade integra diversas funções: perceptivomotora, neuromotora, psicomotora, neuropsicomotora, entre outras (ROSA NETO, 2002). A motricidade é uma atividade de suma importância para o desenvolvimento global da criança, pois, através do movimento, a mesma tem consciência de si e do meio, auxiliando na conquista de sua independência, tornando-a mais feliz e adaptada socialmente. Do mesmo modo que, através de experiências que favorecem o desenvolvimento intelectual, a criança torna-se capaz de compreender o mundo por meio de seu corpo, e assim, estar em conexão com o seu exterior.

Ferreira Neto (2001) diz que só é possível afirmar as características dos espaços a criar se analisarmos as diferentes etapas do desenvolvimento motor e as fases que passa a criança: como ela descobre o mundo, como seu corpo se adapta e se modifica, como se conhece e organiza as ações e o modo como habita. Este desenvolvimento situa-se nos níveis de crescimento e maturação em que a aprendizagem se torna significativa às atividades correspondentes. É quando o corpo ocupa o espaço e o explora com relação aos objetos de forma clara. Nesta fase ocorrem as maiores e mais significativas mudanças que determinarão as futuras habilidades específicas.

O processo de desenvolvimento, explicado por Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), e, de forma específica, o do desenvolvimento motor,

nos obriga sempre a lembrar da singularidade do educando, que tem um cronograma individual para a aprendizagem das capacidades de movimento, conforme a maturação e das habilidades de movimento, adquiridas por meio de suas experiências.

A aptidão motora é a capacidade de realizar um movimento voluntário por intermédio do sistema nervoso central e segundo Fonseca (2004), é um sistema integrado por sete fatores independentes.

A Coordenação visuomanual, é a atividade mais comum e frequente, que atua para apanhar ou lançar objetos, escrever, desenhar, pintar. A atividade é guiada pela visão, intervêm ao mesmo tempo com conjunto de músculos dos ombros, braços antebraços e mão, que é a responsável pelo ato motor, assim como músculos oculomotores que regulam a fixação do olhar perseguindo o movimento da mão. O córtex pré-central correspondente à motricidade fina tem papel fundamental no controle dos movimentos de manipulação da mão e dedos. A escrita associada a coordenação visuomanual onde os olhos e mãos são indispensáveis e ela evolui progressivamente com a criança e o aprendizado (ROSA NETO, 2002).

A capacidade que a criança tem de se expressar através dos movimentos naturais e simultâneos nos permite conhecê-la melhor do que através de palavras pronunciadas por ela. O movimento motor global seja os mais simples ou mais complexos desempenham papel importante na melhoria dos comandos nervosos, sensações e percepções. O que caracteriza uma boa atividade motora não é quantidade de movimentos, mas sim a qualidade e precisão que são executados (ROSA NETO, 2002).

O Equilíbrio é a base de toda ação corporal. Do ponto de vista biológico, manter posturas, posições e atitudes, significa ter equilíbrio. O bom equilíbrio diminui o gasto de energia que será usado para outros trabalhos neuromusculares. O tônus muscular é o determinante da postura, em diferentes decúbitos. O Equilíbrio postural é condição para o movimento, combinando funções cerebelares e cerebrais para o controle do próprio corpo e da coordenação motora (ROSA NETO, 2002).

A imagem do corpo é forma central da personalidade e se alinha em reciprocidade a si e ao meio. É uma referência postural de nós mesmos, independentemente das informações internas e externas (ROSA NETO, 2002). As primeiras noções corporais que a criança percebe é satisfação e dor, choro e alegria, sensações visuais e auditivas e este corpo é o meio de atuação, discernimento e associação, em seguida os dados externos que são primordiais

para seu desenvolvimento. No plano educativo pode-se dizer que o esquema corporal é chave da organização de personalidade (ROSA NETO, 2002).

A noção de espaço é concreta e abstrata, finita e infinita. Ela envolve o espaço do corpo com o espaço ao redor, torna-se finita quando é familiar, mas que se estende ao infinito quando se dissolve no tempo. O espaço físico existe, o espaço psicológico relacionado a atividade mental, manifesta-se em nosso nível de consciência. Utilizamos o tempo todo analisar o espaço que nos rodeia, os objetos, através da percepção aprendida que tem significação, esta percepção advém da estrutura do próprio corpo (ROSA NETO, 2002).

Na Organização Temporal o tempo antes de tudo é memória, à medida que se faz algo o tempo passa, assim aparecendo o componente de organização temporal e a duração. Neste contexto um acontecimento é uma continuação de outro, uma ordem física e a variação de começo, meio e fim. A ordem cronológica das coisas, como as divisões de anos, meses, dias, horas, minutos e os segundos (ROSA NETO, 2002).

A Lateralidade é uma preferência na utilização de uma das partes simétricas do corpo, esta lateralização cortical é a particularidade de um dos hemisférios quando necessita utilizar uma função específica predominando um lado ou outro com maior facilidade. Este ato motor de organização resultará na consolidação da aprendizagem e da prática. Quando a criança faz esta organização é necessário respeitar os fatores genéticos e ambientais, permitindo que ela organize suas atividades (ROSA NETO, 2002).

3. METODOLOGIA

O tipo de pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo descritivo e diagnóstico, do tipo levantamento, descrição e análise dos dados coletados (ANDRADE, 2007).

O foco da pesquisa descritiva é apresentar características de determinada população ou seus fenômenos a serem estudados. O uso mais comum dessa pesquisa é a utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados (GIL, 1999).

A abordagem metodológica utilizada para a análise e interpretação dos dados é quantitativa. A pesquisa quantitativa tem como característica trabalhar os fenômenos por meio de dados numéricos, analisados por métodos matemáticos ou estatísticos. Esse formato de pesquisa busca precisão nos resultados, evitando erro de análise e interpretação dos dados. Sua aplicação é frequentemente usada em pesquisas descritivas (RICHARDSON, 2008).

Os participantes desse estudo foram alunos do terceiro ano do ensino fundamental, nascidos no ano de 2010 (8 anos de idade). A justificativa da escolha dos participantes nesta faixa etária se deu pelo fato da interação que as crianças de 8 anos possuem na introdução do conhecimento do seu corpo, na tomada de decisões e nos esportes, o que lhes coloca em um momento importante na transição de aprendizado com relação à Psicomotricidade.

O local da coleta de dados da pesquisa foi na Escola de Educação Básica Ary de Souza Borges, na cidade de São Joaquim, em Santa Catarina. O período da coleta dos dados foi nos meses de setembro e outubro. Sobretudo, obteve-se a autorização do diretor da escola, quanto à participação voluntária no estudo, mediante a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Levantou-se o quantitativo de 24 alunos do 3º ano, porém realizou-se a pesquisa com 10 participantes (6 meninas e 4 meninos), pois obedeciam ao critério de inclusão: crianças nascidas no ano de 2010.

Os dados foram coletados de modo individual em contextos que privilegiem o sigilo das informações e o anonimato dos participantes. Para a coleta foram utilizados mais de um instrumento. O utilizado para a avaliação motora foi a bateria de testes da Escala de Desenvolvimento Motor – EDM. Esta foi proposta por Rosa Neto (2002) e está envolvida com as seguintes áreas: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal e lateralidade. O resultado é uma escala de desenvolvimento que, de acordo com o QM gerado na pontuação sugerida pelo teste, pode ser classificada em: muito inferior, inferior, normal baixo, normal médio, normal alto, superior ou muito superior.

Para a análise motora foi utilizado folha resposta e folhas complementares de Rosa Neto (2002), além do material auxiliar: corda de 1 m, fita métrica, cronômetro, bola, tesoura, cartão de 15cm x 25 cm com um furo no centro e 0,5 cm de diâmetro e folha impresso alvo.

Para a avaliação do desenvolvimento cognitivo foi utilizado como instrumento as provas Piagetianas, Jean Piaget (1980). Esses testes tiveram o objetivo de explorar as capacidades cognitivas e os estágios de desenvolvimento, verificando se estes correspondem à idade cronológica dos sujeitos pesquisados. A aplicação e interpretação do teste foram realizadas por uma profissional Psicóloga e Professora de Psicologia no Centro Universitário Unifacvest, cuja colaboração foi espontânea na presente pesquisa.

A pesquisa respeitou os preceitos éticos da resolução 466 de 2012.

Para a análise dos resultados, foi utilizada a estatística descritiva. Para as variáveis foi usado a frequência absoluta e a relativa (em porcentagem), assim como, foram resumidas por meio da média aritmética e do desvio padrão. A ferramenta para a obtenção dos dados foi o *software* Microsoft Excel.

3.1 Análise e discussão dos dados

Segundo Rosa Neto (2002), quando se fala em desenvolvimento motor pode-se fazer conexões entre a avaliação, na qual é possível saber qual estágio motor a criança se encontra, realizar comparações e obtendo um resultado que permite classificar um determinado diagnóstico com segurança.

Segundo estudos de Rosa Neto (2002), as atividades que envolvem a motricidade fina são feitas com sucesso variando entre uma criança ou outra, de acordo com o nível e evolução do seu desenvolvimento motor.

De acordo com Bee (1977) as habilidades motoras amplas se desenvolvem antes e com eficiência do que as habilidades motoras finas. Uma criança é capaz de correr e saltar bem, mas pode ser menos habilidosa ao manusear um lápis.

De acordo com a tabela 1, cinco alunos (50%) estão dentro da normalidade, quatro dos escolares (40%) executaram com facilidade, porém, uma criança (10%) apresentou dificuldade em fazer as atividades propostas.

Tabela 1. Avaliação da Motricidade Fina.

Idade em anos	f	%
7	1	10
8	5	50
9	4	40
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 2 evidencia a Motricidade Global, demonstrando que a maioria dos alunos (80%) executaram com excelência e possibilidade de prosseguirem em testes para idade superior e apenas duas crianças (20%) apresentaram boas condições na execução das atividades.

Tabela 2. Avaliação da Motricidade Global.

Idade em anos	f	%
8	2	20
9	8	80
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.



Estes resultados podem ser compreendidos pelo fato de as brincadeiras de corrida e saltos serem as principais atividades realizadas no ambiente escolar e que exigem a participação de grandes grupos musculares e que motivam naturalmente as crianças.

Tabela 3. Avaliação do Equilíbrio.

Idade em anos	F	%
7	3	30
8	6	60
9	1	10
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme demonstra a tabela 3, seis alunos (60%) estão dentro do padrão normal, três escolares (30%) tiveram dificuldades em manter-se em equilíbrio durante as atividades, e apenas uma criança (10%) desempenhou melhor estabilização no seu desenvolvimento.

Fato este, de acordo com pesquisas de Rosa Neto (2002) em que o estado de concentração de ansiedade e insegurança possuem fortes relações entre as alterações ou insuficiência de equilíbrio.

Ao analisar a tabela 4, pode-se verificar que quatro alunos (40%) estão em nível adequado, três escolares (30%) tiveram dificuldades na execução da atividade, dois educandos (20%) não atingiram a pontuação para sua IC, enquanto apenas uma criança (10%) apresenta índice elevado, de acordo com o teste.

Tabela 4. Avaliação Esquema Corporal.

Idade cronológica	Pontuação média	f	%
6	57-73	2	20
7	74-90	3	30
8	91-99	4	40
9	100-106	1	10
Total		10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Fonseca (1995) a noção de corpo se estabelece entre 10 e 12 anos de idade, poderia este fato estar relacionado com a dificuldade encontrada pela metade dos alunos pesquisados que apresentam a idade de 8 anos.

Observa-se na tabela 5 que o grupo apresentou evolução na Organização Espacial com relação ao Esquema Corporal. Seis alunos (60%) estão acima da média, três escolares (30%) estão adequadas e somente uma criança (10%) está com atraso a sua IC.

Tabela 5. Avaliação da Organização Espacial.

Idade cronológica	Pontuação média	f	%
7	74-90	1	10
8	91-99	3	30
9	100-106	6	60
Total		10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Fonseca (2010), a estruturação espacial e a temporal, exigem capacidades sensoriais específicas ligadas, respectivamente, aos sistemas visual e auditivo, utilizando da capacidade de interpretação de um conjunto de dados externos.

De acordo com Le Boulch (1987) o movimento humano é um fenômeno que se evolui sincronicamente no tempo, em duração e estrutura, e no espaço, em forma e amplitude.

A tabela 6 apresenta numericamente os resultados referentes à Organização Temporal, a maioria sendo seis alunos (60%) estão dentro do esperado pela sua IC, três escolares (30%) demonstram mais eficiência, e apenas uma criança (10%) demonstrou dificuldade na execução do teste.

Tabela 6. Avaliação da Organização Temporal.

Idade cronológica	Pontuação/acertos	f	%
7	14-18	1	10
8	19-23	6	60
9	24-26	3	30
Total		10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Em pesquisas de Rosa Neto (2002) salienta-se que à percepção do tempo progride e se aperfeiçoam de acordo com o aumento da idade, afirmação esta que demonstra o desempenho nas atividades propostas que se encontram a maioria dos escolares pesquisados.

Tabela 7. Avaliação da Lateralidade.

Classificação	f	%
Destro completo (DDD)	7	70
Lateralidade cruzada (DED/EDE/DDE)	2	20
Lateralidade indefinida (DDI/EEI/EID)	1	10
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à Lateralidade, na tabela 7, sete alunos (70%) foram considerados destros completos, dois escolares (20%) apresentaram lateralidade cruzada, e lateralidade indefinida foi verificada em apenas uma criança (10%).

De acordo com Rosa Neto (2002), o controle da Lateralidade está bastante relacionado com a Organização Espacial através das noções de direita e esquerda. Talvez este seja um fator que possa explicar o índice numérico bem semelhante de porcentagem em ambos os testes.

O quociente motor geral do grupo, avaliado através da EDM contém dados e informações dos parâmetros mais importantes no diagnóstico final dos alunos, que apresenta numericamente os resultados referentes a classificação da amostra em nível “Normal Médio” o que está de acordo com este estudo.

Esse resultado advém da diferença entre a média da idade cronológica (IC) 102,19 meses e a média da idade motora geral (IMG) 97,9 meses, apontado uma diferença entre estes índices, assim revelando idade negativa (IN) 5,16 meses, de acordo com estudos de Rosa Neto (2002), demonstrando na tabela 8 a seguir.

Tabela 8. Perfil motor geral do grupo.

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo
Idade Cronológica (IC)	102,19	2,39	96,30	104,05
Idade Motora Geral (IMG)	97,9	4,01	92	106
Idade Positiva (IP)	0,87	0,92	3,70	5,01
Idade Negativa (IN)	-5,16	3,28	-12,05	-3,31
Motricidade Fina (QM1)	95,79	5,34	86,50	105,92
Motricidade Global (QM2)	103,99	5,03	1039,91	1039,91
Equilíbrio (QM3)	94,07	7,29	86,50	106,94
Esquema Corporal (QM4)	86,92	11,30	869,18	869,18
Organização Espacial (QM5)	98,7	9,00	80,73	106,94
Organização Temporal (QM6)	95,84	8,40	80,73	107,22

Nota: As idades são expressas em meses

Fonte: dados da pesquisa.

Verificou-se a discrepância de 5,16 meses entre a média de idade cronológica e a média de idade motora geral, o que representa um atraso motor considerado “normal”.

Em pesquisas de Rosa Neto (2002), foram encontradas uma crescente linearidade dos valores médios das idades motoras com relação ao aumento da idade cronológica, à medida que a criança aumenta sua idade, paralelamente avança também o seu nível de desenvolvimento motor. Desta forma, quando IC é correlacionada com IM, os indivíduos são capazes de executar tarefas mais

complexas, porém com períodos de instabilidade, buscando esta linearidade plena. No componente apresentando na pesquisa, pelas médias e desvios-padrão para cada componente da motricidade, caracteriza-se a não-linearidade, observado e analisado no comportamento apresentado pelos alunos.

O mesmo padrão motor foi obtido em relação às variáveis de motricidade fina e global, equilíbrio, organização espacial e temporal, exceto ao esquema corporal, maiores dificuldades foram observadas, com classificação “normal baixo”, resultando o quociente motor geral se apresentou em “normal médio” (83, 33%) e “normal baixo” (16, 67%).

O valor do quociente motor é obtido pela divisão entre a idade motora (IM) e a idade cronológica (IC) multiplicado por 100 (ROSA NETO, 2002). Esses valores são quantificados e categorizados resultando conforme a tabela 9.

Tabela 9. Classificação geral dos resultados da EDM.

Classificação	f	%
Muito Superior	0	0
Superior	0	0
Normal Alto	0	0
Normal Médio	9	90
Normal Baixo	1	10
Inferior	0	0
Muito Inferior	0	0
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Através da análise dos resultados obtidos, a distribuição da amostra em relação a classificação do desenvolvimento motor ficou distribuída em “normal médio” (90%) e “normal baixo” (10%), conforme classificação da EDM.

Em estudos realizados por Rosa Neto (1996), os grupos estudados também se distribuíram em, predominantemente, nos níveis de classificação “normal médio” e “normal baixo”.

Tabela 11. Provas Piagetianas.

Níveis de construção Cognitiva	f	%
1	0	10
2	9	90
3	1	10
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 11 apresenta numericamente os resultados referentes a classificação de níveis do desenvolvimento cognitivo, sendo que nove alunos

(90%) se encontram em fase pré-operatória, ou seja, que demonstraram condutas ou respostas vacilantes, instáveis, incompletas etc. que não denotam a aquisição estável da noção.

Na fase operatório concreto encontrou-se uma criança (10%), que pode justificar seus juízos (em sua linguagem peculiar) com explicações claras e suficientemente explícitas; os juízos, relativos a essas noções, emitidos pela criança, resistem aos contra-argumentos ou contra sugestões apresentadas pelo examinador; resolve com exatidão todas as atividades a ela propostas e/ou às questões a ela formuladas.

5. CONCLUSÃO

As análises dos dados encontrados revelam que a maioria das crianças avaliadas durante este estudo, apresentaram o nível de coordenação motora dentro da normalidade, mesmo que o perfil tenha disso “normal médio”, não caracteriza os referidos alunos enquanto crianças com comprometimento cognitivo, apresentado nas provas de cognição.

Descrevendo a condição do desenvolvimento cognitivo os educandos em sua maior parte estão em regularidade, ou seja, encontram-se na etapa intermediária, entre o período pré-operatório para as aquisições operacionais completas, específicas de sua idade.

A relação entre o nível de coordenação motora e o desenvolvimento cognitivo em crianças pode ser compreendida através da análise dos testes motores e cognitivos em que a maioria dos educandos estão dentro do estágio normal de desenvolvimento psicomotor.

Tendo em vista que cada educando tem sua própria fase de desenvolvimento, a diferença entre idade cronológica e idade motora é muito curta, assim como a etapa evolutiva no quesito cognição, que se direciona de um estágio para outro.

Por intervenção da análise dos resultados obtidos constatou-se que no teste cognitivo um educando está em índice elevado, enquanto no teste motor uma criança apresentou perfil motor inferior, demonstrando uma possível relação entre estes fatores na qual pode ser justificada segundo estudos de Rosa Neto, que desde o nascimento, há uma constante evolução biológica e psicológica resultante de fatores ambientais e orgânicos.

O profissional de Educação Física é um dos grandes responsáveis em promover ações inteligentes para utilização de atividades psicomotoras

em suas aulas, com foco a melhorar a qualidade de vida dos alunos, a fim de tentar ajustar as deficiências existentes, auxiliando o desenvolvimento das potencialidades, tendo conhecimento de cada estágio do seu desenvolvimento, dar-se a estes fatos a importância da avaliação e reavaliação.

Desafios serão sempre encontrados quando buscamos compreender o comportamento humano. Pesquisar sobre Psicomotricidade, um tema amplo que estuda e investiga as relações e influências sistematizadas entre o psiquismo e motricidade, ainda mais se tratando de escolares, a responsabilidade é maior, pois os alunos estão em fases de transição. Aplicar testes motores e cognitivos foi trabalhoso, porém acredita-se ter oferecido informações que podem contribuir com relevância no campo científico.

Como essa pesquisa não é conclusiva, estes achados demonstram a necessidade de estudos longitudinais na área da Psicomotricidade nas aulas de Educação Física, deixando aberto um grande número de janelas de possibilidades proeminentes em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ARRIAGADA, M. V. **Psicomotricidade vivenciada: uma proposta metodológica para trabalhar em aula**. 2. ed. Blumenau: EDIFURB, 2002.

AUCOUTURIER, B. - **A psicomotricidade, um conceito de maturação, de práticas, um sistema de atitudes**. Marbourg: Mímeo, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **O que é psicomotricidade**. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade>. Acessado em: 26 mai. 2018.

BEE, H. L. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

BEE, H. L. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base**

nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acessado em: 20 mai. 2018.

BOCK, A. M. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

DOS SANTOS, A.; COSTA, G. M. T. A Psicomotricidade na Educação Infantil: um enfoque psicopedagógico. **Revista de educação do ideau.** V. 10, n. 22, junho - dezembro, 2015. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/278_1.pdf. Acessado em: 25 mai. 2018.

FERREIRA NETO, C. A. **Motricidade e jogo na infância.** 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

FONSECA, V. **Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, V. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

FONSECA, V. **Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos seus factores.** 3.ed. Lisboa: Âncora Editora, 2010.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física.** São Paulo: Scipione, 1997.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** 7. ed. Porto Alegre: AiVIGH, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAPIERRE, A.; AUCOUTURIER, B. **A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia.** Tradução de Juarez Aranha Ricardo - Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 1981. Ministério da Educação.

MEIRA JUNIOR, C. M. **Aspectos comportamentais do movimento em crianças e adolescentes.** in FIGUEIRA JUNIOR, A. J. (Org.) **Prescrição de exercícios e atividade física para crianças e adolescentes.** São Paulo: Cref4/SP. 2017.

MOLINARI A. M. P.; SENZ S. M. M. A Educação Física e sua relação com a psicomotricidade. **Revista PEC.** Curitiba. 3:1, p85-93, 2003. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT06112013151052.pdf>. Acessado em: 25 mai. 2018.

OLIVEIRA, V. M. **O que é educação física?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

PALACIOS, J., CUBERO, R., LUQUE, A., MORA, J. Desenvolvimento físico e desenvolvimento psicomotor depois dos 2 anos. in COLL, C. MARCHESI, A. PALACIOS, J. (Orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artmed, 2004, pp.127-141.

PAULA, E. M. A. T.; MENDONÇA, F. W. **Psicologia do desenvolvimento.** 3. ed. Curitiba: ESSDE Brasil S.A., 2009.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência da criança.** Editora Crítica: São Paulo, 1986

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro. LTC, 1987.
PIAGET, J. **The moral development of the child.** Kegan Paul, London 1932.

PULASKI, M. A. S. Piaget: perfil biográfico. In: _____. *Compreendendo Piaget: Uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança*. São Paulo: Zahan Editora, 1980.

RAMOS, C. S.; FERNANDES, M. M. A importância de desenvolver a psicomotricidade na infância. *Lecturas, Educación Física y Deportes. Revista digital*. a. 15. n. 153, 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd153/a-importancia-a-psicomotricidade-na-infancia.htm>. Acessado em: 25 mai. 2018.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RIECHI, T. I. J. S.; VALIATI, M. R. M. S.; ANTONIUK, S. A. *Práticas em neurodesenvolvimento infantil: fundamentos e evidências científicas*. Curitiba: Íthala, 2017.

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. *Procedimento de metodologia científica*. 7. ed. Lages: PAPERVEST, 2014.

ROSA NETO, F. *Valoración del desarrollo motor y su correlación con los trastornos del aprendizaje*. 1996. 346 p. Tesis Doctorado (Universidad de Zaragoza) Espana, 1996.

ROSA NETO, F. *Manual da avaliação motora*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

ROSA NETO, F. *Manual de desempenho escolar: análise de leitura e escrita: séries iniciais do ensino fundamental*. Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

SILVA, H. *A importância da psicomotricidade na inclusão de alunos com síndrome de down*. 2016. Disponível em: <https://www.trabalhosgratuitos.com/profile/Henderson-Silva.html>. Acessado em: 26 mai. 2018.

TENROLLER, C. A.; MERINO, E. *Métodos e planos para o ensino dos esportes*. PA- Belém: Editora da ULBRA, 2006.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, L.; ASSUNÇÃO, J. R. *Educação física: Saiba mais*. Rio de Janeiro. 2005.

GINÁSTICA GERAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

PRACHTHAUSER, Bárbara¹
SOUSA, Francisco José Fornari²
ANJOS, Aldori Batista Dos³
ECCARD, Ana Flavia Costa⁴

RESUMO

Introdução: A Ginástica Geral é uma modalidade que possui influência para a contribuição de fatores como o desenvolvimento motor, afetivo e social dos indivíduos. **Objetivo:** Investigar sobre a importância que o conteúdo da Ginástica Geral pode trazer para as aulas de educação física escolar. **Metodologia:** pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. Fizeram parte dessa pesquisa 10 (dez) professores graduados em Educação Física, que atuam nas redes estadual e municipal do município de Lages, Santa Catarina. Como instrumento de coleta de dados, foi realizado um questionário, com 9 questões, contendo 7 questões de múltipla escolha e 2 questões abertas. Os resultados obtidos analisados através de estatística básica (f e %) e apresentados através de tabelas. **Resultados:** A maioria dos professores possui até 15 anos de experiência na docência. Todos os professores entrevistados acreditam ser importante abordar o tema Ginástica Geral na Educação Física escolar. A maioria dos alunos não tem interesse na ginástica geral como conteúdo. Desenvolvimento da coordenação motora, consciência corporal, flexibilidade, equilíbrio e força são itens comumente destacados pelos professores entrevistados. No Ensino Fundamental são onde encontram mais resistência e dificuldade para abordar a ginástica, a “falta de interesse” dos alunos é citada pelos professores. **Conclusão:** Podemos concluir baseado nos dados coletados que a ginástica geral, apesar de ainda ser pouco desenvolvido, é um conteúdo que possui inúmeras vantagens para ser aplicada a crianças e adolescentes, visando seu desenvolvimento físico, criativo, lúdico e social.

Palavras-chave: Ginástica. Educação Física. Avaliação.

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Coordenador e professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

GENERAL GYMNASTICS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

Introduction: General Gymnastics is a modality that influences the contribution of factors such as motor, affective and social development of individuals. **Objective:** To investigate the importance that the content of General Gymnastics can bring to school physical education classes. **Methodology:** descriptive and diagnostic field research. This research included 10 (ten) graduated teachers in Physical Education, who work in the state and municipal networks of the municipality of Lages, Santa Catarina. As a data collection instrument, a questionnaire with 9 questions, containing 7 multiple choice questions and 2 open questions was performed. The results obtained were analyzed using basic statistics (f and %) and presented through tables. **Results:** Most teachers have up to 15 years of teaching experience. All teachers interviewed believe it is important to address the theme General Gymnastics in school Physical Education. Most students have no interest in general gymnastics as content. Development of motor coordination, body awareness, flexibility, balance and strength are commonly highlighted by the teachers interviewed. In elementary school where they find the most resistance and difficulty to approach gymnastics, the “lack of interest” of students is cited by teachers. **Conclusion:** We can conclude based on the data collected that general gymnastics, although still underdeveloped, is a content that has numerous advantages to be applied to children and adolescents, aiming at their physical, creative, playful and social development.

Keywords: Gymnastics. PE. Evaluation.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo busca abordar o tema Ginástica Geral na Educação Física Escolar, destacando os objetivos e benefícios que a sua prática pode trazer para crianças e adolescentes no processo de desenvolvimento e aprendizagem nos mais diversos fatores dentro do ambiente escolar.

A Ginástica Geral é uma modalidade que possui grande influência para a contribuição de fatores como o desenvolvimento motor, afetivo e social dos indivíduos. Ainda que sua modalidade traga inúmeros benefícios, é muito pouco introduzida nas aulas de educação física escolar (DALLO, 2007).

O propósito deste artigo é investigar sobre a importância que o conteúdo da Ginástica Geral pode trazer para as aulas de educação física escolar, buscando compreender sobre a aplicabilidade dos profissionais de Educação Física com relação a este tema, além de evidenciar as qualidades que a prática traz para o desenvolvimento infantil de modo geral.

Com isso, compreender o cenário educacional você faz-se importante para que possamos investigar quanto à aplicação deste conteúdo nas aulas de educação física escolar, afim de, assim, evidenciar quão importante é seu desenvolvimento para crianças e adolescentes nas escolas atualmente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inserção da Educação Física nas escolas se deu oficialmente no ano de 1851, com a reforma Couto Ferraz, mas, foi apenas na década de 20 que ela começou a ser inserida por todo o Brasil, onde era conhecida popularmente como Ginástica (DARIDO, 2003).

Após isso, a Educação Física passou pelas fases higienista e militar, onde foi considerada uma disciplina basicamente prática, não precisando de base teórica para sua fundamentação. No início dos anos 1960, com a introdução da ditadura militar, a Educação Física passou por um processo onde era proposta em razão do estado, baseada em estratégias governamentais para promoção do País nas competições de alto nível.

Esse método, chamado Esportivista foi muito criticado a partir da década de 80. Assim, segundo Suraya Darido (2003), a Educação Física passa então por um momento de valorização, contribuindo para a confirmação da disciplina como um objeto fundamental para a motricidade humana, e quebrando as doutrinas que a caracterizavam para fins apenas de desempenho.

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular BNCC (BRASIL, 2018, p. 213) descreve que:

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade

é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde.

Deste modo, torna-se evidente que a Educação Física desenvolve papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes. A ginástica tem sua origem datada na Antiguidade, onde os homens pré-históricos usavam desse exercício para se proteger de coisas que lhes traziam ameaças. Foi por volta de 2.600 a.C. que a Ginástica passou a ser inserido em festividades, como rituais religiosos. Porém, foi no ano de 1800 que podemos considerar o nascimento da ginástica atual, dado o surgimento de suas primeiras sistematizações. (AYOUB, 2013).

Mas, foi somente entre os anos de 1900 e 1939 que a ginástica passou a ter mais influência no campo do esporte, atingindo um grande patamar. Conforme a autora Eliana Ayoub (2013), neste período a Ginástica aparece com três grandes movimentos ginásticos: O Movimento do Oeste, O Movimento do Centro e O Movimento do Sul; dados em países distintos.

A Federação Internacional de Ginástica (FIG) teve sua origem em 1881, chamada originalmente de Federação Europeia de Ginástica (FEG), para somente ser denominada como a conhecemos hoje no ano de 1921. Contudo, ela atinge seu nível internacional somente entre os anos de 1933 e 1934 (AYOUB, 2013).

Segundo a autora, a FIG apresenta a Ginástica Geral por volta da década de 50, passando então a ser considerada uma “ginástica para todos”, não competitiva, diferenciando-a da modalidade de ginástica competitiva.

Conhecida também como ginástica para todos, a Ginástica Geral reúne práticas corporais que têm como elemento fundamental nesse contexto a exploração das possibilidades expressivas que corpo é capaz de realizar, a interação social, o partilhamento da experiência e a não competitividade.

Podemos considerar a Ginástica Geral um conteúdo de suma importância a ser trabalhado no contexto escolar, pois pode ajudar de maneira significativa no desenvolvimento de diversas funções motoras e cognitivas do indivíduo.

A Ginástica Geral exerce diversos princípios importantes no crescimento físico, social e mental das crianças. Segundo Souza (1997) apud Oliveira e Lourdes (2004), a criatividade, bem-estar e relacionamentos sociais são fatores que são melhores desempenhados através da Ginástica Geral, além de privilegiar toda forma de expressão de trabalhos e estilos, o que leva muitas vezes ao prazer para sua prática.

Nos dias atuais, pouco é falado sobre a Ginástica nas escolas. Muitas vezes por dificuldade dos profissionais de educação de aplicar esse conteúdo no meio escolar, mas principalmente por falta de conhecimento dos mesmos nesta área.

No entanto, não podemos deixar essa modalidade de lado, ressaltando os inúmeros benefícios que a sua prática pode trazer para os alunos, auxiliando-os nos aspectos mais básicos da psicomotricidade como coordenação motora, equilíbrio e lateralidade, assim como nas experiências afetivas, social e criativa da criança (DALLO, 2007).

De acordo com Ayoub (2013), portanto, desenvolver a Ginástica Geral nas escolas proporciona vivências e aprendizados diversos aos alunos que a praticam, aprimorando juntamente o sistema lúdico, criativo e participativo dos alunos, na busca de novas possibilidades e interpretações para realizar uma nova reconstrução da Ginástica no contexto escolar atual.

3. METODOLOGIA

Pesquisa é definida como um conjunto de métodos e táticas sistemáticas, com base no pensamento lógico, onde tem a finalidade de encontrar soluções para determinados problemas apresentados, através da utilização de métodos científicos (ANDRADE, 1995).

Foi elaborado uma pesquisa de campo descritiva e diagnóstica, que é fundamentada, segundo Vergara (2000), como o tipo de pesquisa que deve expor as características de uma população ou fenômeno já estabelecido, indicando relações entre variáveis e definindo sua natureza.

A pesquisa não possui atribuição de explicar os fenômenos que descreve, mas deve servir de base para que esse possa ser explicado.

Foram utilizados como população desta pesquisa os professores de Educação Física, onde fizeram parte da amostra 10 (dez) professores graduados em Educação Física, que atuam nas redes de Ensino Estadual (n=7) e Municipal (n=3), da cidade de Lages, Santa Catarina (Latitude: 27º 48' 58" S; Longitude: 50º 19' 34" W).

A amostra foi determinada de forma aleatória, em função da facilidade de acesso. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário, com 7 (sete) questões de múltipla escolha e 2 (duas) questões abertas, baseadas na temática do projeto. Este questionário foi validado por 3 professores do Centro Universitário UNIFACVEST.

Os dados coletados foram analisados e distribuídos a partir de métodos de estatística básica, embasados conforme autores da área utilizados para a realização do mesmo. A apresentação será feita em forma de tabelas, expondo os resultados obtidos e relacionando-os com autores do tema.

Este projeto foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da instituição, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 25542619.1.0000.5616 e do Parecer número 3.706.115.

3.1 Análise e discussão dos dados

Conforme as questões aplicadas no questionário aos professores entrevistados sobre Ginástica Geral na Educação Física Escolar, a amostra populacional apresentou os seguintes resultados:

A tabela 1, referente à questão 1 sobre o tempo de experiência dos profissionais entrevistados, apresentou os resultados: (n=2; 20%) possuem de 0 a 5 anos, (n=2; 20%) de 6 a 10 anos, (n=3; 30%) de 11 a 15 anos, (n=1; 10%) de 15 a 20 anos, (n=1; 10%) de 21 a 25 anos e (n=1; 10%) responderam de 26 a 30 anos.

Tabela 1. Há quanto tempo você trabalha como professor de Educação Física escolar?

	f	%
De 0 a 5 anos	2	20%
De 6 a 10 anos	2	20%
De 11 a 15 anos	3	30%
De 15 a 20 anos	1	10%
De 21 a 25 anos	1	10%
De 26 a 30 anos	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos professores possui até 15 anos de experiência na docência, sendo a maior quantidade entre 11 e 15 anos.

Segundo Candau (1997) apud Rossi e Hunger (2012), o desenvolvimento de formação do profissional de educação refere-se principalmente na valorização dos saberes experienciais dos professores, a escola como definição de

sua formação e analisar as inúmeras etapas pelas quais o profissional docente passa.

De acordo com a tabela 2, relacionado aos níveis de atuação dos professores, obteve-se os seguintes resultados: (n=7; 36,8%) responderam “Ensino Fundamental – 1º a 5º ano”, (n=7; 36,8%) responderam “Ensino Fundamental – 6º a 9º ano”, (n=5; 26,4%) responderam “Ensino Médio – 1º a 3º ano”.

Tabela 2. Em quais níveis de ensino você atua?

	f	%
Ensino Fundamental – 1º a 5º ano	7	36,8%
Ensino Fundamental – 6º a 9º ano	7	36,8%
Ensino Médio – 1º a 3º ano	5	26,4%
Total	19	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A questão 2 teve como intuito investigar quanto aos níveis de ensino em que os professores entrevistados atuavam. Estes resultados revelam que grande parte dos professores atuam em mais de um nível de ensino, o que destaca diferentes conceitos e habilidades dos mesmos.

Esta questão fez-se importante pois, de acordo com Castellani *et al* (2014), a elaboração do conteúdo de Ginástica Geral requer distintas formas e abordagem e planejamento para os diferentes níveis de ensino, partindo das formas mais básicas até as mais aprimoradas dessa modalidade.

Na tabela 3, que apresenta os resultados da questão 3, (n=10; 100%) responderam “Sim”, é importante abordar o tema da ginástica geral na Educação Física.

Tabela 3. Em sua opinião, é importante abordar o tema Ginástica Geral na Educação Física Escolar?

	f	%
Sim	10	100%
Não	0	0%
Parcialmente	0	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos observar pelos resultados da tabela 3 que todos os professores entrevistados acreditam ser importante abordar o tema Ginástica Geral na Educação Física escolar.

Esse conceito é fundamentado Eliana Ayoub (2013), que destaca a Ginástica Geral como uma modalidade que aprimora o sistema lúdico, criativo e participativo dos alunos, buscando novas vivências e interpretações dentro do ambiente escolar.

Conforme a tabela 4, sobre a aplicação da ginástica geral nas aulas de Educação Física, (n=9, 90%) responderam “Sim” e (n=1; 10%) respondeu “Parcialmente.”

Tabela 4. Você acha que o conteúdo de Ginástica Geral pode ser aplicado nas aulas de Educação Física?

	f	%
Sim	9	90%
Não	0	0%
Parcialmente	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados obtidos a partir desta questão apontam que a maioria dos professores entrevistados acreditam que a Ginástica Geral pode ser aplicada nas aulas de Educação Física.

Neste sentido, sua relevância é melhor destacada segundo Coletivo de Autores (2009, p.76): “[...] a presença da ginástica se faz legítima na medida em que permite ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais [...]”

A questão 5 apresentada na tabela a seguir, demonstra os seguintes resultados: (n=8; 80%) responderam “Sim” e (n=2; 20%) responderam “Parcialmente.”

Tabela 5. Você trabalha o conteúdo de Ginástica Geral nas suas aulas?

	f	%
Sim	8	80%
Não	0	0%
Parcialmente	2	20%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Estes resultados apontam que a ginástica geral é trabalhada pela maioria dos professores entrevistados.

A educação física escolar deve possibilitar uma série de fatores que busquem diversificar as práticas corporais, entendidas como experiências expressivas, dinâmicas e pluridimensionais. Estas questões podem ser muito bem trabalhadas quando abordadas pelo profissional de educação no conteúdo de Ginástica Geral (BRASIL, 2018, p.213).

Assim, pode-se concluir que a Ginástica Geral pode ser trabalhada de diversas formas, no contexto das aulas de educação física escolar, sendo capaz de tornar sua prática ainda mais comum.

Consoante à tabela 6, relacionada à 6ª questão do questionário, mostra os seguintes resultados: (n=3; 30%) responderam “Não” e (n=7; 70%) responderam “Parcialmente.”

Tabela 6. No seu ponto de vista, as escolas dispõem de material e espaço adequado para desenvolver esse tema?

	f	%
Sim	0	0%
Não	3	30%
Parcialmente	7	70%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nestes resultados, as escolas onde estes professores já atuaram dispõem de pouco ou quase nenhum material e espaço adequado para a realização do conteúdo Ginástica Geral nas aulas. Isso pode ser um grande fator prejudicial para que esta e outras atividades possam ser desenvolvidas de maneira satisfatória.

Muitas vezes, a Ginástica Geral não pode ser desenvolvida com êxito, principalmente em escolas públicas, devido à negligência para com a área da educação de modo geral. Assim, a escassez de material e a falta de espaços adequados para a realização de alguns conteúdos pode ser comprometida, impedindo sua aplicação (AYOUB, 2013).

Segundo a tabela 7, referente à questão 7, apresentou os seguintes resultados: (n=2, 20%) responderam “Sim”, (n=2; 20%) responderam “Não”, (n=6; 60%) responderam “Parcialmente”.

Tabela 7. Você acha que os alunos tem interesse pelo conteúdo Ginástica Geral?

	f	%
Sim	2	20%
Não	2	20%
Parcialmente	6	60%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta questão, podemos observar que apenas dois dos professores entrevistados acreditam que os alunos têm interesse pelo conteúdo de Ginástica Geral. Muitas vezes a falta de interesse por algum conteúdo aplicado pelo professor pode ser um agravante para o desenvolvimento e continuidade da mesma.

Buscar ressaltar a importância que a Ginástica Geral pode trazer para diversos fatores do desenvolvimento humano, pode gerar interesse e prazer pela sua prática (SOUZA, 1997, apud OLIVEIRA; LOURDES, 2004).

Questionados quanto aos benefícios que a Ginástica Geral pode desenvolver em crianças e adolescentes, obteve-se as seguintes respostas de cada professor (cada professor será representado pela letra P, sequencialmente numerados):

P1: "Saúde, desenvolvimento psicomotor."

P2: "Força, flexibilidade, coordenação motora, equilíbrio, etc."

P3: "Força, equilíbrio, diferentes vivências/desafios corporais."

P4: "Consciência corporal."

P5: "Conscientização corporal, benefícios a saúde, introdução aos esportes."

P6: "Coordenação motora, elasticidade, bem estar físico."

P7: "Melhor flexibilidade, força, melhora do condicionamento físico."

P8: "Optou por não responder."

P9: "Melhora da consciência corporal, e das capacidades físicas."

P10: "Flexibilidade, agilidade, coordenação motora ampla."

Baseado nas respostas obtidas, podemos observar que benefícios como o desenvolvimento da coordenação motora, consciência corporal, flexibilidade, equilíbrio e força são itens comumente destacados pelos professores entrevistados.

Dallo (2007) destaca que a Ginástica Geral auxilia nos aspectos mais básicos da psicomotricidade como coordenação motora, equilíbrio e lateralidade, bem como nas experiências afetivas, social e criativa da criança.

Na última questão, onde indagava aos professores em qual nível de ensino havia maior dificuldade para abordar o tema de Ginástica Geral, apresentou os seguintes resultados:

P1: "Fundamental, pois as crianças não têm interesse."

P2: "Ensino Fundamental, falta de materiais."

P3: "Acredito que no Ensino Médio e Fundamental II."

P4: "6º ano ao 9º ano, essa fase estão desmotivados para qualquer tema que não seja "celular", o público alvo que trabalho existe um alto índice de depressão, é preciso chegar até o problema através de diálogo, tentá-lo resolver para aí sim ministrar algum conteúdo. Trabalho ginástica principalmente de junho a setembro período que organizamos as balizas para o desfile cívico."

P5: "Ensino Médio."

P6: "Ensino Fundamental."

P7: "Ensino Fundamental II, pois eles gostam e demonstram interesse por atividades recreativas coletivas e esportes."

P8: "Optou por não responder."

P9: "Acredito que em nenhum nível de ensino haja maior dificuldade para a abordagem, porém no ensino médio percebo uma maior resistência quanto ao tema, mas mesmo assim é possível trabalhar sem problemas."

P10: "Ensino Médio."

Os professores entrevistados destacaram que no Ensino Fundamental são onde encontram mais resistência e dificuldade para abordar este tema nas aulas, grande parte das vezes por "falta de interesse" dos alunos, ainda que no Ensino Médio também haja dificuldades.

O que pode muitas vezes atrapalhar a participação desses alunos nas aulas são relacionados a fatores psicológicos, como a baixa auto-estima, a timidez e a vergonha do corpo, além de, por vezes, não possuírem algumas habilidades nos esportes, afetando diretamente sua auto confiança (SANTOS; DUQUE, 2010 apud PAULA; FYLYK, 2009).

4. CONCLUSÃO

Podemos concluir baseado nos dados coletados que a ginástica geral, apesar de ainda ser pouco desenvolvido, é um conteúdo que possui inúmeras vantagens para ser aplicada a crianças e adolescentes, visando seu desenvolvimento físico, criativo, lúdico e social.

Introduzir a Ginástica Geral no ambiente escolar pode salientar aos alunos prá-

ticas e vivências distintas que colaboram para a construção de pontos importantes no processo de desenvolvimento infantil.

É importante abordar o tema Ginástica Geral na educação física escolar, no entanto, esse tema pode por vezes não ser tão bem aplicado e desenvolvido devido à falta de interesse de alunos em alguns níveis de ensino e até mesmo por falta de materiais e espaços adequados para a realização da mesma

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida; **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas S.A., 1995.

AYOUB, Eliana. **Ginástica Geral e Educação Física Escolar**. 3.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acessado em: 28 Abril 2019.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=fq7FAwAAQBAJ&pg=PT72&dq=o+professor+e+os+niveis+de+ensino&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewiy1N70zlvmAhV0EbkGHapFAyMQ6AEINjAC#v=onepage&q&f=false>> Acessado em: 26 de Novembro de 2019.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo, SP. CORTEZ. 2009.

CONCEIÇÃO, Ricardo Batista. **Ginástica Escolar**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 2000.

DALLO, Alberto R. **A Ginástica como Ferramenta Pedagógica**. (2007) Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=YuNvx3qfKh4C&pg=PA100&dq=ginastica+na+educa%C3%A7%C3%A3o+fisica+escolar&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewipoZGDzZvhAhWpEbkGHY7tCXIQ6AEIMjAC#v=onepage&q&f=false>> Acessado em: 26 Março 2019.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**.

(2003) Disponível em:

<<http://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/ed%20fisica/20.%20EF%20na%20Escola%20quest%F5es%20e%20reflex%F5es.pdf>> Acessado em: 26 Abril 2019.

GEBARA, Ademir. et al. **Educação Física e Esportes: Perspectivas para o século XXI**. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz De; LOURDES, Luiz Fernando Costa De. **Ginástica Geral Na Escola: Uma Proposta Metodológica**. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/97/2352>>. Acessado em: 28 Abril 2019.

RODRIGUES, Renato; GONÇALVES, José Correa. **Procedimentos de metodologia científica**. 8. ed. Lages, SC: PAPERVEST, 2017.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. **As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física**. 20. ed. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte. São Paulo, SP. 2012.

SANTOS, Rodrigo Maia dos; DUQUE, Luciana Fernandes. **Evasão na aula de Educação Física: fatores que interferem na participação do aluno**. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd149/evasao-na-aula-de-educacao-fisica.htm>> Acessado em 26 de Novembro de 2019.

SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma L. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3572/1971>> Acessado em: 28 Abril 2019.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

APLICAÇÃO DA DANÇA EM UMA ESCOLA DE NÍVEL FUNDAMENTAL

SILVA, Marinelma Oliveira da¹
SOUSA, Francisco José Fornari²
MATOS, Fabricio Marcelo Ribeiro³
BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz⁴

RESUMO

Introdução: No ambiente escolar a educação física adota uma face mais pedagógica abordando atividades que possam desenvolver as habilidades motoras, como: jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas, que configuram uma área de conhecimento que se pode chamar de cultura corporal. **Objetivo:** Analisar a metodologia desenvolvida pelos professores de Educação Física na aplicação do conteúdo da Dança no ensino fundamental nas escolas do município de Lages-SC. **Metodologia:** Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. Foram utilizados como amostra um total de três professores. Como instrumento de coleta dos dados foram empregados questionários utilizando o *Google Forms*. A análise dos dados coletados deu-se a partir de uma minuciosa investigação através da literatura disponível até o momento que aborde sobre a dança no ambiente escolar. **Resultados:** A metodologia utilizada para o desenvolvimento das aulas de dança segue um caráter educacional pedagógico, baseada nas diretrizes na BNCC. A falta de estrutura adequada e o estereótipo sexista do ato de dançar foram destacados como as maiores dificuldades em ministrar a dança nas salas de aula. Contudo, atestou-se que há por parte dos alunos interesse para com o tema. **Conclusão:** a prática da dança no ensino fundamental tem papel crucial no desenvolvimento psicomotor e no aprendizado infantil. É necessário ainda, uma certa mobilização quanto ao preconceito e descaso que envolve o uso desta ferramenta.

Palavras-Chave: Dança. Educação Física. Escola.

¹Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Coordenador e professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

⁴Professor doutor do Centro Universitário UNIFACVEST.

APLICAÇÃO DA DANÇA EM UMA ESCOLA DE NÍVEL FUNDAMENTAL

ABSTRACT

Introduction: In the school environment, physical education adopts a more pedagogical face, addressing activities that can develop motor skills, such as: games, sports, dances, gymnastics, and fights, which configure an area of knowledge that can be called corporal culture. **Objective:** To analyze the methodology developed by Physical Education teachers in the application of Dance content in elementary education in schools in the city of Lages-SC. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research. A total of three teachers were used as a sample. As a tool for data collection, questionnaires were used using Google Forms. The analysis of the collected data was based on a thorough investigation through the available literature until the moment it addresses dance in the school environment. **Results:** The methodology used for the development of dance classes follows a pedagogical educational character, based on the guidelines at BNCC. The lack of adequate structure and the sexist stereotype of the act of dancing were highlighted as the greatest difficulties in giving dance in classrooms. However, it was attested that there is interest on the part of the students with the theme. **Conclusion:** the practice of dance in elementary school has a crucial role in psychomotor development and child learning. It is also necessary to mobilize the prejudice and neglect involved in using this tool.

Keywords: Dance. PE. School.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Coelho et al. (2018) a Educação Física traz diversos benefícios à saúde de quem a prática, além de influenciar diretamente em diferentes aspectos do desenvolvimento infantil.

O mesmo autor relatou que estudos vêm mostrando como uma das vantagens da atividade física regular, a diminuição da adiposidade e o controle do peso, assim como o aprimoramento das habilidades motoras fundamentais, desempenho cognitivo e psicossocial, entre outros.

Segundo Ferreira (2005, p.13): “[...] a dança apresenta um conceito muito além de apenas o ato de movimentar o corpo de forma rítmica, ela é a arte de exprimir o inexprimível por meio do movimento.”

O presente estudo desenvolveu-se através da aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas abordando o tema dança enquanto conteúdo pedagógico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação Física é conceituada como a prática sistemática da atividade física, desportiva ou lúdica no ambiente escolar. Onde a mesma passa a estabelecer relação com áreas de diferentes campos de conhecimento. (SHIBUKAWAI et al. 2011).

No ambiente escolar a educação física apresenta uma vertente pedagógica abordando atividades que possam desenvolver as habilidades motoras, como: jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas, que configuram uma área de conhecimento que se pode chamar de cultura corporal. É uma área que trabalha diretamente com a corporeidade do educando, analisando e desenvolvendo aspectos voltados ao movimento consciente e a capacidade de movimentação (PERES; RIBEIRO; MARTINS JUNIOR, 2001).

Laraia apud. Melo e Costa (2009) aborda a cultura como uma união heterogênea de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis e costumes. E destaca que a cultura corporal parte da junção de diversos conhecimentos e representações, e estes estão sujeitos a transformações ao longo do tempo. A abordagem da cultura corporal aplicada pelo profissional de educação física deve permitir aos educandos compreender o corpo de forma integrada, não havendo a separação do físico e o cognitivo. Dentre as atividades que permitem uma melhor visualização desta união, pode-se destacar a dança.

Nanni (2005) define a dança como: “[...] emoção, e a emoção é a essência do homem. Não obstante várias são as formas de movimentos e ritmos codificados para simbolizar a singularidade das emoções humanas.” (SOUZA; CARAMASCHI, 2011, p. 621)

Salienta-se ainda que a dança é uma forma de expressão humana, tal qual uma pintura, a literatura, escultura, entre outras formas de manifestação. Ela contempla um conjunto de manifestações através da comunicação não-verbal constituída por meio de gestos, expressões emocionais, orientações do corpo, posturas, relação entre indivíduos e, ainda trata da distribuição dos objetos no espaço.

Segundo Marbá, Silva e Guimarães (2016), a prática da dança tem a capacidade de gerar no indivíduo a melhora da autoestima, autodeterminação;

proporciona o aumento da motivação em suas AVDs (atividades de vida diária). Além do mais quando relacionada ao seu aspecto de atividade física ocasiona ao praticante benefícios diversos, como otimização do comprimento muscular, melhora dos movimentos articulares e redução significativa em possíveis complicações cardiovasculares, assim como o relaxamento corporal (MARBÁ; SILVA; GUIMARÃES, 2016).

A dança é de suma importância no desenvolvimento infantil, pois, envolve o aprimoramento físico-psíquico-social da criança. A dança na escola deve atuar integrada à educação física, visando aumentar a autoestima, combater o estresse, melhorar a postura corporal, além de auxiliar na aquisição e manutenção da saúde e aptidão física. Deve buscar promover a percepção do próprio corpo, presente na corporeidade dos professores e alunos e no desenvolvimento natural através de estímulos, desafios e motivação e como instrumento de socialização para a formação de cidadãos críticos participativos e responsáveis (FERREIRA, 2005).

Autores como Scarpato (2001) e Souza e Caramaschi (2011) nobilitam que é de suma importância desenvolver a dança durante as aulas de educação física no ambiente escolar. Visto que a mesma favorece o aprimoramento da criatividade, contribui no processo de aprendizagem quando integrada com outras disciplinas, além de estimular a consciência corporal.

O desenvolvimento da consciência corporal é de suma importância no amadurecimento do indivíduo, pois, favorece ao mesmo tanto o conhecimento e domínio do próprio corpo quanto facilita ao mesmo se expressar e se impor quanto ser (SCARPATO 2001).

No estudo de Strazzacappa (2001), o autor reforça a importância das aulas de dança argumentando pode-se observar que nas instituições onde a dança começou a ser desenvolvida, houve uma relevante diminuição no número de faltas, além do aumento efetivo na participação dos alunos em determinadas atividades escolares.

O universo da dança apresenta inúmeras possibilidades e os efeitos positivos da prática da mesma são comprovados cientificamente. Contudo, quando se trata da aplicabilidade da mesma no ensino escolar, ainda existem diversos empecilhos que podem inviabilizar a prática desta. Dentre os principais obstáculos encontrados, os que mais se destacam são a precariedade quanto ao espaço adequado para a prática, falta de preparo dos profissionais ou uma metodologia ineficaz para a adesão dos alunos as aulas.

O estudo tem como objetivo analisar a metodologia desenvolvida pelos professores de Educação Física na aplicação do conteúdo da Dança no ensino fundamental em uma escola no município de Lages-SC.

Buscando assim compreender a realidade vivida na aplicação destas aulas e os resultados percebidos no ponto de vista dos professores responsáveis quanto ao desenvolvimento motor e pessoal dos seus alunos, visto que se sabe que a dança tem ação direta no desenvolvimento motor, aprimoramento do equilíbrio e flexibilidade, melhora da resistência e promove aperfeiçoamento da coordenação motora, que vai dos movimentos reflexivos as habilidades esportivas. (NANNI, 2005; MILLER, 2012).

3. METODOLOGIA

Segundo Marconi e Lakatos (p. 155, 2003), a pesquisa é: “[...] um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis em qualquer campo de conhecimento.” Foi desenvolvida uma pesquisa de campo descritiva e diagnóstica, tendo em vista analisar os métodos utilizados pelos professores de educação física na prática da dança durante suas aulas.

Fizeram parte da amostra três professores de Educação Física que ministram aulas de dança no ensino fundamental nas escolas de Lages-SC. A escolha dos profissionais se deu devido ao reconhecimento do bom trabalho realizado na região e pela prontidão destes quanto a participar no estudo. Visando facilitar a compreensão e a organização da amostra, foram nomeados como A1, A2 e A3 cada profissional.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas sobre a importância da prática da dança. O questionário teve sua composição baseada em nove questões, sendo sete delas discursivas (abertas) e duas objetivas (fechadas).

A análise dos dados se desenvolveu a partir do embasamento teórico comparativo entre os resultados obtidos e estudos disponíveis sobre o tema até o momento.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) com Número do Parecer: 4.143.164 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 34312020.2.0000.5616.

1.1 Análise e discussão dos resultados

Em relação aos dados coletados, com relação à pergunta de qual metodologia o professor utilizava nas aulas de dança (tabela 1), apareceram as seguintes respostas:

Tabela 1. Metodologia adotada pelo professor.

Sujeito	Resposta
A1	Atividades recreativas, jogos e brincadeiras que envolvam a música. A escola possui material didático que trabalha os diversos estilos de dança e também aulas de dança para alunos no contra turno.
A2	Sempre utilizo de algum demonstrativo inicial, como um vídeo por exemplo, de alguma dança já pré-existente, e que seja a nível escolar, onde dependendo da faixa etária os alunos possam executar a coreografia de forma mais “tranquila” possível. Sendo assim depois iniciamos a escolha da música adaptamos e criamos os passos conforme aquilo que é exigido, seguindo uma sequência conforme a música e o tema, se houver o mesmo
A3	A aula pode ser dividida em três fases, a primeira em que os conteúdos e objetivos são discutidos com os alunos, a segunda que se refere à apreensão do conhecimento e a terceira na qual se amarram conclusões, avalia-se os resultados e meios utilizados para que sejam elaboradas as aulas seguintes.

Para que a dança escolar funcione de fato como uma ferramenta eficaz no processo de aprendizagem e desenvolvimento motor-cognitivo do educando, é necessário que o professor de educação física verifique e ponha em prática uma metodologia mais atrativa e que esteja de acordo com a realidade da sua sala de aula (FERREIRA, 2005).

A elaboração de um roteiro de aula centrado em proporcionar a recreação dos alunos foi identificado como ponto em comum em todos os participantes da amostra.

Salientaram a importância de adaptar a metodologia e as propostas de aula de acordo com a “opinião e experiências dos alunos”, visto que cada criança traz consigo características distintas que influenciam no modo de se expressar e interagir com o meio. Assim como a valorização da cultura regional no que tange a escolha das músicas e danças.

Cavasin (2003, p. 3) salienta que ao buscarmos:

[...] estruturar e organizar ideias ou ações educacionais, precisamos desenvolver métodos que possibilitem melhor aprendizado, sendo que os objetivos de ensino devem ir ao encontro das atividades pedagógicas a serem desenvolvidas. Ao aplicá-las, devemos observar alguns parâmetros que norteiam as práticas: os alunos, a sua disponibilidade, a sua aceitação, o local onde serão aplicadas as aulas e o respeito ao curso das outras disciplinas.

No ambiente escolar, as aulas de dança para a autora devem acima de tudo visar o processo criativo, onde educador e educando encontram-se exclusivamente empenhados e motivados a desenvolver o projeto de aula. É fundamental que seja elaborado um planejamento concreto e consciente que vise desenvolver aspectos da personalidade dos alunos, suas habilidades, comportamento e a própria consciência corporal sobre suas individualidades e limitações (CAVASIN, 2003).

No que tange o quesito melhor metodologia ou a mais precisa para ministrar as aulas. Entende-se que não há uma metodologia milagrosa e sim a mais adequada para uma determinada situação e realidade.

Segundo Gaspa Cruz (2019, p. 78) a metodologia para a aplicação das aulas de dança pode se basear em atividades que “[...]viabilizam a experimentação do movimento, improvisação, em composições coreográficas e processos de criação, tornando o conhecimento significativo para o aluno, conferindo-lhe sentido a aprendizagem, por articularem os conteúdos da Dança.”

Segue abaixo um breve resumo quanto a opinião da amostra quando questionados sobre o método mais adequado para o ensino da dança na escola (tabela 2):

Tabela 2. Método de ensino mais adequado.

Sujeito	Resposta
A1	Através de atividades lúdicas e com músicas que fazem parte da rotina dos alunos, da cultura da região e de cantigas de roda.
A2	Acredito que o método é muito relativo e específico a cada faixa etária, ainda mais se tratando de nível escolar. Como trabalho mais com turmas de ensino médio, sempre utilizamos um método mais analítico, ou parcial, partindo de alguma coreografia já pré existente, como mencionado anteriormente, facilitando a repetição e a execução do gesto motor proposto
A3	Trabalhar de forma recreativa.

Como nossa amostra foi composta por professores do ensino fundamental que utilizavam da dança baseada em um método voltado para o aspecto pedagógico da área e não desportivo, o método avaliativo (tabela 3) utilizado por estes consistia na observação do desempenho e proatividade dos alunos.

A dança sendo empregada no meio escolar pode ser desenvolvida voltada para um aspecto educativo, onde um dos objetivos deste cunho é a recreação e desenvolvimento psicomotor dos praticantes. Ou voltada para uma linha pré-desportiva desta ferramenta.

Tabela 3. Método de Avaliação da participação.

Sujeito	Resposta
A1	Participação nas atividades, sugestões dos alunos, trabalho individual, trabalho coletivo
A2	Trabalho em grupo e auto avaliação. Avalio sempre a capacidade crítica do aluno, tanto no auxílio da criação da coreografia, no empenho e na dedicação do mesmo em fazer com que a dança funcione da melhor maneira, dando sugestões e não somente executando aquilo que lhe é ofertado.
A3	Aprendizado Lúdico, corporal e sensorial e outros.

No que se refere ao interesse dos alunos quanto a prática da dança em seu aspecto pré-desportivo observou-se a partir das respostas dos professores que há de fato um interesse. Contudo, a sua aplicação ainda está intimamente ligada a um recurso voltado para o entretenimento como pode-se constatar na tabela 4.

Tabela 4. A dança em um caráter pré-desportivo.

Sujeito	Resposta
A1	Alguns alunos dançam para apresentações
A2	Acredito que sim, mas depende muito do tipo de abordagem que será executada.
A3	As meninas são as mais interessadas

Entende-se e a literatura confirma que o desenvolvimento das aulas de dança no meio escolar é promovido ainda visando apenas elaborar atividades em datas comemorativas ou recorrer a um recurso, neste caso a dança, para sanar a monotonia das aulas de educação física.

Existem por parte de alguns professores de certo modo, uma inabilidade em utilizar esta ferramenta em todos os seus aspectos. Para Cruz (2015) uma das dificuldades encontradas no processo de inserção da dança nas escolas está no fato de haver por parte de muitos profissionais um certo preconceito e desleixo quanto a desenvolvimento desta matéria. Destaca a necessidade de que a dança seja empregada de forma sistêmica e não como apenas um método recreativo.

Strazzacappa (2001) denota que um dos fatores que tem limitado a presença e o ensino da dança na escola está ligado a falta de receptividade dos educadores.

Ela enfatiza que “[...] Alguns profissionais tendem a “menosprezar” o trabalho, considerando a dança um “luxo” de menor importância no conjunto das disciplinas oferecidas pelo currículo” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 74).

Quanto ao conteúdo dança no meio escolar. Segundo Cavassin (2003, p. 6) este conteúdo é de suma importância:

[...] uma vez que devemos respeitar as diferenças, pregar a inclusão e valorizar a participação de todos para que haja maior integração do grupo e para que se firme em cada aluno a autoconfiança, o que desafiará e estimulará a superação dos próprios limites.

Questionados se estão seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os professores afirmam que se baseiam nas diretrizes propostas pela BNCC na elaboração de suas aulas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo e aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p.7).

No tocante da Dança no ambiente escolar a BNCC preconiza que:

[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.” (GASPARELO; KRONBAUER; GOMES, 2018, p.42)

A BNCC reitera que a dança no ambiente escolar deve ser empregada no intuito de inovar e proporcionar diversificação nas atividades, visando a partir deste possibilitar aos alunos a ampliação da sua cultura corporal de movimento. Todos os profissionais que participaram do estudo confirmaram que seguem as diretrizes na elaboração das aulas.

Neste estudo as principais dificuldades levantadas pelos participantes durante o ensino da Dança (tabela 5) em suas aulas estão atreladas a timidez e perpetuação de uma ideia sexista na dança e a própria falta de estrutura de alguns colégios (colégio público) para elaboração e execução de uma aula adequada.

Tabela 5. Dificuldades e Estrutura adequada.

Sujeito	Resposta
A1	Sem dificuldades, ela faz parte do conteúdo e todos realizam; Estrutura adequada.
A2	Acredito que seja a resistência de alguns alunos quanto ao tema “Dança”. A expressão através da música faz com que a grande maioria se sinta “retraído” e muito “exposto” digamos assim, ao se executar uma dança ou uma coreografia; Temos teatro com palco, pátio descoberto, ginásios que também podem ser adaptados para a dança e também uma sala própria de dança contendo um espelho e uma televisão
A3	A Inclusão dos meninos nas aulas de dança. Não oferece estrutura para as aulas, preciso adaptar a sala de aula.

Cruz (2015) desenvolveu um estudo com professores de Educação Física através de uma abordagem qualitativa e de caráter descritivo (questionário e entrevistas) em uma escola de ensino fundamental II. Ela objetivava analisar as dificuldades pedagógicas enfrentadas pelos professores no ensino de dança nas aulas de Educação Física.

A autora identificou como as principais e mais relevantes dificuldades relatadas pelos profissionais a insuficiência quanto formação e qualificação dos profissionais para ministrar as aulas, persistência de um estereótipo (sexismo) vinculado ao ato de dançar, propagado por uma sociedade machista que se reflete nos alunos, falta de incentivo da própria instituição quanto a valorização das aulas de dança como instrumento auxiliador no desenvolvimento motor infantil, assim como na prática esportiva e não somente para recreação e momentos festivos.

Autores como Silva, Alves e Ribeiro (2010) e Cruz (2015) destacam que há uma certa urgência em ser desvinculado no meio escolar o estigma sexista correlacionado a prática da dança. Salientam que essa desvinculação é de responsabilidade dos professores, pais e da própria instituição.

Silva, Alves e Ribeiro (2010, p.17) ressalta que:

[...] todos esses preconceitos criam em relação aos nossos alunos um distanciamento na opção e prática pela dança, criando esses descaminhos e dificuldades para os docentes na área da Educação Física Escolar. É papel do educador utilizar dos subterfúgios ao seu alcance para resgatar e auxiliar seus educandos a buscar se expressar, superando seus medos e dificuldades.

De acordo com Toigo (2014), através de sua vivência profissional observou que com o passar do tempo os alunos do município de Cascavel em uma escola de Ensino Fundamental I apresentaram significativo déficit nas habilidades motoras, mais dificuldades de socialização, pouca iniciativa, criatividade e autoconfiança durante a execução das atividades.

Ele atribuiu estas alterações ao fato de que seria dedicado um período insuficiente, e de certo modo improdutivo as aulas de educação física. Além disso em muitos casos as aulas nem se quer eram ministradas por profissionais formados na área. O autor constatou ainda, que o conteúdo Dança na escola se restringia a um caráter de planejamento e reprodução artística em eventos escolares. Não sendo abordado sua face como forma de produção de conhecimento.

Com relação a estrutura da escola, outra dificuldade levantada por um dos participantes do estudo é a falta de estrutura no seu ambiente de trabalho para aplicação das aulas de dança. A participante em especial, ministra aulas em uma escola público no município de Lages-SC. Infelizmente essa é a realidade encontrada em uma grande parcela das escolas de ensino público no Brasil, e a falta de estrutura não se restringe apenas às aulas de dança, como o estudo busca destacar.

Estimular o desenvolvimento psicomotor infantil deve ser premissa inicial no processo de educação, de acordo com os professores pesquisados

De forma conjunta o educador busca trabalhar a mente e o corpo, visando a promover o raciocínio exclusivo da criança e conseqüentemente a maturação cognitiva. No quesito promoção do desenvolvimento motor através da dança as opiniões dos participantes foram unânimes.

[...]os aspectos psicomotores interferem na aprendizagem escolar dos alunos, embora poucos professores saibam realmente a verdadeira importância sobre o desenvolvimento desses pressupostos psicomotores, principalmente na Educação Infantil. Os aspectos do movimento começam ainda no útero, mesmo antes de qualquer outra forma de comunicação, logo após o nascimento e mesmo antes da criança adquirir a linguagem propriamente dita, ela já se comunica tendo o movimento como uma resposta às suas necessidades diárias, pois através destes consegue manifestar sentimentos e anseios, e se relacionar com o meio em que vive (FONSECA, 2008, p. 351).

Em um estudo que analisava a visão dos professores de dança quanto a aplicação das aulas de dança para alunos da 1ª a 4ª série no município de Maringá, os principais objetivos mencionados pelos profissionais na elaboração das aulas seriam desenvolver a consciência corporal (63,1%), aprimorar a espontaneidade, desinibição e iniciativa (42,1%) e destacar o desenvolvimento das habilidades físicas e motoras (42,1%) (PERES; RIBEIRO; MARTINS JUNIOR, 2001)

Para os autores a Educação física no ambiente escolar com o foco na dança deve considerar a criança como um todo capaz de movimentar-se, pensar, agir e sentir. Destaca ainda que estudos demonstram que entre o período que se estende do sétimo ao décimo ano de vida de uma criança, a mesma está: “[...] ativamente envolvida na descoberta e na combinação de numerosos esquemas de movimentos e habilidades, muitos deles desenvolvidos por intermédio da dança.” (PERES; RIBEIRO; MARTINS JUNIOR, 2001, p.19)

Apontam ainda que através da experimentação e aprendizagem dos movimentos e expressão dos sentimentos é viabilizado a criança o desenvolvimento da criatividade e espontaneidade. Salienta que a origem dos movimentos deve seguir um percurso natural e não imposto ao praticante, para não interferir no processo de espontaneidade.

No estudo de Cruz (2015) ao entrevistar profissionais de educação física que ministravam aulas de dança em escolas do ensino fundamental foi

destacado como objetivos para o ensino da dança a possibilidade de autocohecimento e interação social entre os alunos.

É de suma importância que a elaboração das aulas de dança seja realizada a partir de um planejamento sistematizado. Onde o profissional busque estipular e entender os objetivos a serem alcançados durante o desenvolvimento das aulas. No caso dos profissionais que integraram este estudo, todos asseguraram alcançar através das aulas de dança os objetivos propostos em seus planejamentos.

4. CONCLUSÃO

De acordo com a visão dos professores de Educação Física que ministram as aulas de dança na cidade de Lages-SC, tornou-se possível constatar que a prática da dança no ensino fundamental tem papel crucial no desenvolvimento psicomotor e no aprendizado infantil.

Há por parte dos alunos, e de acordo com a metodologia utilizada por estes e fundamentada na Base Nacional Comum Curricular, um interesse real e animador para o desenvolvimento de projetos futuros para comunidade.

Destaca-se ainda, e infelizmente, a necessidade da adoção de medidas educacionais para extirpar a ideia estereotipada e sexistas ainda presente quanto ao ato de dançar e se expressar por meio do movimento.

REFERÊNCIA

ARAUJO, Denise Sardinha Mendes Soares de; ARAUJO, Claudio Gil Soares de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói, v. 6, n. 5, p. 194-203, Oct. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-1517-86922000000500005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 de maio de 2019.

BRACHT, Valter. **A educação física no ensino fundamental**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensino-fundamental-walter-bracht/file>. Acesso em 14 de junho de 2019.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno CEDES**, ano XIX, nº 48, p.69-89, agosto 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília, MEC, 2018 Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em 25 de março de 2020.

CAVASIN, C. R. A dança na aprendizagem. **Revista da Pós**. V. 3, p. 1-8. 2003; Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Educa_caofisica/artigo/2_danca_aprendizagem.pdf Acessado em 25 de março de 2020

COELHO, Vitor Antonio Cerignoni et al. Desvalorização da atividade física na pré-escola por professores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre v. 40, n. 4, p. 381-387, dezembro. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892018000400381&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 de maio de 2019.

CRUZ, Edsandra Dutra Da. Dificuldades e desafios para o ensino de dança, nas aulas de educação física, no ensino fundamental II. **Revista Kinesis**, Vol. 33, nº 1, jan-jun de 2015, Santa Maria. Disponível em https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/download/18229/107_97#:~:text=As%20dificuldades%20para%20a%20implanta%C3%A7%C3%A3o,compreens%C3%A3o%20unilateral%20da%20dan%C3%A7a%20como. Acesso em 03 de abril de 2020.

DINIZ, Irla Karla dos Santos; DARIDO, Suraya Cristina. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**. Universidade Estadual Paulista, v. 18, n. 1, p. 176-185, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/27056>. Acesso em 25 de março de 2020.

FERREIRA, Vanja. **Dança escolar: um novo ritmo para a educação física**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FONSECA, V. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=yGzVgNCuPk_YC&oi=fnd&pg=PA5&dq=Desenvolvimento+psicomotor+e+aprendizagem&ots=Cku3bAAds9&sig=CfQ67rSjpKxDa2fx-g9kg_uAKIsQ#v=onepage&q=Desenvolvimento%20psicomotor%20e%20aprendizagem&f=false. Acesso em 03 de abril de 2020.

GASPARELO, Ana Caroline; KRONBAUER, Gláucia Andreza; GOMES, Debora. Arte e educação física: o caso da dança na escola. **Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 5, nº 10, p. 30 a 49, jan/abr, 2018. Disponível em <http://www.pe>

riodicos.unir.br/index.php/ED_UCA/article/download/2580/2310. Acesso em 02 de abril de 2020.

LEITE, Geovana Silva Fogaça; MELLO, Marco Túlio De; ANTUNES, Hanna Karen MOREIRA. **Competição na dança clássica: um fator ansiogênico negativo?** Rev. bras. educ. fís. esporte, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 793-803, setembro. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092016000300793&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 de maio de 2019.

MARBÁ, Romolo Falcão; SILVA, Geusiane Soares da; GUIMARÃES, Thamara Barbosa. Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. **Rev. Cient. do Itpac**. 2016. Disponível em: https://assets.itpac.br/arquivos/Revista/77/Artigo_3.pdf, Acesso em 22 de maio de 2019

MELO, Carolina Feitosa de; COSTA, Maria Regina de Menezes. Os conteúdos da cultura corporal do movimento ministrados nas aulas de educação física escolar. **Rev. Cocar**, v. 3, n. 5 (2009). Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/72/70>. Acesso em 03 de Março de 2020.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?:** dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.

NANNI, Dionísia. O Ensino da Dança na Estruturação/Expansão da Consciência Corporal e da Autoestima do Educando. **Fitness & Performance Journal**, v. 4, n. 1, p. 45 - 57, 2005 Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/751/75117085006.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2019.

PERES, Aline Thomazelli; RIBEIRO, Deiva Mara Delfini Batista; MARTINS JUNIOR, Joaquim. A dança escolar de 1ª a 4ª série na visão dos professores de Educação Física nas escolas estaduais de Maringá. **Rev. Da Ed. Física/UEM**. Maringá, v. 12, n. 1, p. 19-26, 1. sem. 2001. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3760/2590>. Acesso em 19 de março de 2020.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 57-68, abril de 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100004.

[d=S0101-32622001000100004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100004). Acesso em 22 de maio de 2019.

SHIBUKAWAI, Rodrigo Massami et al. Motivos da prática de dança de salão nas aulas de educação física escolar. **Rev. Bras. educ. fís. esporte (Impr.)**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 19-26, Mar. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180755092011000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 maio de 2019.

SILVA, Wilney Fernando; ALVES, Darjane Silva; RIBEIRO, Gersiane Franciere Freitas. **A dança nas escolas da rede estadual de ensino fundamental na cidade de Porteirinha/MG: análise da sua aplicabilidade e metodologias**. V. 4, n. 2 (2010) > Silva Rev. Educação física em revista. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/1662/1167>. Acesso em 19 de março de 2020.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires de; CARAMASCHI, Sandro. Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro, v. 17, n. 4, p.618-629, Dec. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n4/a06v17n4.pdf>. Acesso em 27 Fevereiro 2020.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, abril de 2001. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005. Acesso em 25 de maio de 2019.

TOIGO, Angela Glória Piano. **Dança na escola: uma proposta pedagógica pautada na pedagogia histórico-crítica**. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernosdpde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_pdp_angela_gloria_piano_toigo.pdf. Acesso em 14 de junho de 2019.

EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS

SOUZA, Jessica Jesus de¹
SOUZA, Francisco José Fornari²
ANJOS, Aldori Batista Dos³
ECCARD, Ana Flavia Costa⁴

RESUMO

Introdução: A possível prática regular de educação física para portadores do transtorno espectro autista (TEA), é um processo que busca envolver a família, escola e educadores físicos. **Objetivo:** Identificar através de aspectos teóricos e práticos os benefícios da prática da educação física para crianças que possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Metodologia:** Pesquisa de campos descritiva e diagnóstica. Fizeram parte da amostra 10 pais de crianças e jovens que possuem o transtorno espectro autista, moradores do município de Lages-SC. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas. Os dados foram analisados através de estatística básica (f e %) e apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** As crianças e jovens aos quais os pais se submeteram a participar da pesquisa, possuem a inclusão dentro do âmbito escolar e nas aulas de Educação Física, podendo se observar que 80% da amostra frequenta a escola regularmente, 70% da amostra participa das aulas de Educação física e 90% são submetidas a atividades físicas complementares além da prática regular. **Conclusão:** Conclui-se a importância da possível prática de atividade física regular em grande escala, podendo alcançar diversas pessoas que possuem o transtorno espectro autistas (TEA), evidenciando a busca pela melhora continua para a vida dos mesmos. Unindo a família, escola, professores de Educação Física e todos os demais profissionais, que contribuem para esta melhora.

Palavras-chave: Inclusão. Autismo. Educação física.

¹Acadêmica do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Coordenador e professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

³Professor do Centro Universitário UNIFACVEST

⁴Professora doutora do Centro Universitário UNIFACVEST.

INCLUSIVE EDUCATION OF AUTISTIC STUDENTS

ABSTRACT

Introduction: The possible regular practice of physical education for people with autism spectrum disorder (ASD), is a process that seeks to involve family, school, and physical educators. **Objective:** To identify, through theoretical and practical aspects, the benefits of physical education for children with Autistic Spectrum Disorder (ASD). **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research. The sample was comprised 10 parents of children and young people with autism spectrum disorder, residents of the municipality of Lages-SC. As a data collection instrument, a questionnaire with open and closed questions was applied. The data were analyzed using basic statistics (f and%) and presented in the form of tables. **Results:** Children and young people to whom parents submitted to participate in the research, have inclusion within the school and in Physical Education classes, and 80% of the sample attend school regularly, 70% of sample participate in Physical Education classes and 90% are submitted to complementary physical activities in addition to regular practice. **Conclusion:** It concludes the importance of the possible practice of regular physical activity on a large scale, reaching several people who have the autistic spectrum disorder (ASD), evidencing the search for continuous improvement for their lives. Uniting family, school, Physical Education teachers and all other professionals, who contribute to this improvement.

Keywords: Inclusion. Autism. PE.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a fim analisar quais benefícios que a educação física pode trazer a alunos que possui o transtorno espectro autista TEA. Considerando-se que o processo de desenvolvimento da educação inclusiva nas aulas de educação física tem um papel fundamental na vida do aluno.

De acordo com a Carta Brasileira de Educação Física (CONFEE, 2000, p.3):

A Educação Física no Brasil, que invariavelmente deve constituir-se numa Educação Física de Qualidade, sem distinção de qualquer condição humana e sem perder de vista a formação integral das pessoas, sejam crianças,

jovens, adultos ou idosos, terá que ser conduzida pelos Profissionais de Educação Física como um caminho de desenvolvimento de estilos de vida ativos nos brasileiros, para que possa contribuir para a Qualidade de Vida da população.

Através dessa abordagem podemos verificar a importância do envolvimento de pais professores e a escola.

A escola é um ambiente favorável para o desenvolvimento, evolução a qual proporciona oportunidades educativas e novas experiências ao aluno.

Utilizando como ferramenta principal a Educação Física e inclusão, a pesquisa de campo busca mostrar a importância que a possível prática regular da atividade física pode desenvolver e melhorar a vida de pessoas que possuem o transtorno espectro autista (TEA).

Segundo a Carta Brasileira de Educação Física (CONFEF, 2000) “[...]o desenvolvimento de habilidades motoras, atitudes, valores e conhecimentos, procurando levá-los a uma participação ativa e voluntária em atividades físicas e esportivas ao longo de suas vidas.

Sendo assim o objetivo deste trabalho é Identificar através de aspectos teóricos e práticos os benefícios da prática da educação física para crianças que possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Na busca constante da inclusão e melhoria de vida, englobando, professores, pais e o âmbito escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2012, p.213):

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história.

Componente curricular assegurado pela Lei 9.394/96, Art. 26 parágrafo 3º, a educação física escolar está integrada à proposta pedagógica, sendo componente curricular obrigatório da educação básica.

A importância da prática da educação física está ligada a diversos fatores, que fazem parte do desenvolvimento do indivíduo desde seu nascimento a sua vida adulta.

De acordo com Piccolo (1993, p.13):

O principal papel do professor, através de suas propostas, é o de criar condições aos alunos para tornarem-se independentes, participativos e com autonomia de pensamento e ação. Assim, poderá se pensar numa Educação Física comprometida com a formação integral do indivíduo. Dessa forma, pode-se enfatizar o papel relevante que a Educação Física tem no processo educativo. O que, na verdade, ameaça a existência desta disciplina nas Escolas é a sua falta de identidade. Ela sofre consequências por não ter seu corpo teórico próprio, isso é, a informação acumulada é vasta e extremamente desintegrada por tratar-se de uma área multidisciplinar.

Dentro âmbito escolar o profissional de educação física pode abrir um leque de atividades, podendo assim, desafiar ao criar situações, novos estímulos, mesmo quando o ambiente não favorece a promoção da atividade.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 211):

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde.

Abordar a inclusão na educação física tem grande importância mostrando o quanto a prática da atividade física pode auxiliar e desenvolver crianças portadoras de qualquer tipo de deficiência.

Para Mantoan (2015, p. 22): “[...] inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro, e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas sem exceção.”

De acordo com a lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 5. Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da

Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Deste modo, a inclusão e educação para todos tem como objetivo atingir todos os públicos visando a melhoria constante e a evolução.

Agregar a educação física como uma ferramenta de desenvolvimento na inclusão de portadores de necessidade, abre um leque de possibilidades, facilitando a aplicação da mesma no ambiente escolar, trazendo novas experiências e buscando sempre a melhoria e a qualidade de vida para todos.

Para Frizanco e Honora (2008, p.9): “[...] a grande proposta da inclusão é todos frequentarem a escola, terem acesso a um ensino de qualidade e participarem de todas as atividades.”

Quando citamos uma deficiência específica no caso das crianças que possuem o transtorno espectro autista (TEA), onde o adulto ou a criança demonstra dificuldades na interação, convívio social, dificuldades na fala e comportamental.

Podemos ver o quanto a possível prática regular da atividade física pode auxiliar a desenvolvê-los, principalmente nas dificuldades que o autista possui, utilizando atividades voltadas a inclusão, promovendo saúde e bem estar ao longo da vida.

Trabalhar visando identificar as dificuldades, utilizando de métodos que possam vir facilitar e desenvolver essas dificuldades, provendo assim a inclusão e melhoria de vida sempre.

“Na medida em que, inspirada no paradigma da inclusão a escola aceita todas as pessoas.” (SASSAKI, 2010, p.132)

3. METODOLOGIA

Para Gil apud Andrade (2001, p. 16): A pesquisa consiste em: “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.”

A pesquisa a ser realizada será uma pesquisa de campo, descritiva e diagnosticada, pois segundo Andrade (2001, p.21). é aquela que é: “[...] desenvolvida principalmente nas ciências sociais, não se caracteriza como experimental, pois não tem objetivo de produzir ou reproduzir fenômenos, em determinadas circunstâncias seja possível realizar pesquisa de campo experimental.”

A população da pesquisa são os pais de crianças e jovens que possuem o Transtorno Espectro Autista (TEA) da cidade de Lages Santa Catarina, com a amostra de 10 pessoas.

Foi aplicado um questionário de perguntas abertas e fechadas com objetivo de analisar os dados coletados.

O questionário foi aplicado em uma convenção de pais de portadores do transtorno do espectro autista, do qual o autor faz parte.

Os dados foram analisados através de estatística básica (f e%) e discutidos segundo autores da área, onde serão apresentados em forma de tabela.

3.1 Análises e discussão dos dados

Tendo como base os dados coletados, passamos às suas análises e discussões. Em relação à características da amostra pesquisada, conforme a tabela 1, (n =6, 60%) são do sexo feminino e (n=4, 40%) masculino.

Tabela 1. Sexo.

	f	%
Masculino	4	40
Feminino	6	60
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

A faixa etária da amostra (tabela 2) é de 25 a 35 anos (n 5, 50%) e de 35 a 45 anos (n5, 50%).

Tabela 2. Faixa de idade.

	f	%
Até 25 anos	0	0
De 25 a 35 anos	5	50
De 35 a 45 anos	5	50
De 45 a 60 anos	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

O grau de escolaridade da amostra (tabela 3) é de (n= 9, 90%) 3º grau e (n=1, 10%) outros.

Tabela 3. Grau de escolaridade.

	f	%
Doutor	0	0
Mestre	0	0
Especialização	0	0
3º Grau	9	90
2º Grau	0	0
Outros	1	10
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

A tabela 4 mostra que (n=6, 60%) das crianças que possuem TEA são (n =6, 60%) do sexo feminino e (n=4, 40%) masculino.

Tabela 4. Sexo.

	f	%
Masculino	4	40
Feminino	6	60
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

A faixa etária (tabela 5) é de 1a 5 anos (n 2, 20%) é de 5 a 10 anos (n 3, 30%) é de 10 a 15 anos (n 3, 30%) é de 15 a 20 anos (n 2, 20%).

Tabela 5. Faixa de idade.

	f	%
De 1 a 5 anos	2	20

De 5 a 10 anos	3	30
De 10 a 15 anos	3	30
De 15 a 20 anos	2	20
Acima de 20 anos	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

Na tabela 6 se observa o nível do espectro autista referente a amostra da pesquisa, sendo (n=6, 60%) leve e (n=4, 40%) moderado.

Tabela 6. Nível do transtorno espectro autista.

	f	%
Leve	6	60
Moderado	4	40
Severo	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

Segundo Pereira, Riego e Wagner (2008, p.32):

O diagnóstico do autismo é clínico, baseado nos critérios apresentados pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) IV e atualmente pelo DSM V. Para o auxílio no diagnóstico são utilizadas escalas como CARS (*Childhood Autism Rating Scale*) a qual permite quantificar o autismo em leve, moderado e grave (anexo I), de acordo com a sua pontuação, e a Vineland (*Adaptive Behavior Scales*), que permite avaliar os comportamentos adaptativos em diferentes áreas de desenvolvimento de crianças de todas as faixas etárias.

Os sintomas característicos do autismo, segundo Russo (2020) se classificam em nível 1: Leve (necessita de pouco suporte) com suporte, pode ter dificuldade para se comunicar, mas não é um limitante para interações so-

ciais. Problemas de organização e planejamento impedem a independência; nível 2: Moderado (necessitam de suporte) semelhante às características descritas no nível 3, mas com menor intensidade no que cabe aos transtornos de comunicação e deficiência de linguagem e nível 3: Severo (necessitam de maior suporte/apoio) diz respeito àqueles que apresentam um déficit considerado grave nas habilidades de comunicação verbais e não verbais. Ou seja, não conseguem se comunicar sem contar com suporte. Com isso apresentam dificuldade nas interações sociais e tem cognição reduzida. Também possuem um perfil inflexível de comportamento, tendo dificuldade de lidar com mudanças. Tendem ao isolamento social, se não estimulados.

Para Mantoan (2015, p.22): “[...] inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro, e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas sem exceção.”

De acordo com a tabela 7, frequentam a escola regularmente a resposta foi positiva, sendo (n =8, 80%) “Sim” e (n=2, 20%) “Não.”

Tabela 7. Frequenta a escola regularmente.

	f	%
Sim	8	80
Não	2	20
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

Conforme destaca Mantoan (2015, p.26):

Integração refere-se a mais especificamente a inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, na integração a escola não muda, ela continua sendo o que sempre foi, o aluno tem que se adequar a escola. [...]. Já na inclusão quem muda é a escola, tem que se adequar ao aluno a fim de atender a todos sem exclusão.

A inclusão é a união da escola, professores, alunos e as famílias, com o objetivo de tornar o âmbito escolar o mais acessível possível, buscando se adequar da melhor forma de acordo com cada necessidade, visando assim a importância do ensino aprendizagem para todos.

Em relação a participação nas aulas de Educação Física, conforme a tabela 8, a resposta foi positiva, sendo (n =7, 70%) “Sim” e (n=3, 30%) “Não.”

Marroco (2010, p.5):

O desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA é lento e gradativo. Cabe ao professor adequar o seu sistema de ensino para esse aluno, observando a coordenação motora ampla, fina e visomotora, percepção, imitação performance cognitiva, cognição verbal e as áreas de relacionamento, como: afeto, interesse por matérias, respostas sensoriais, linguagem verbal, e não verbal.

Tabela 8. Participa das aulas de educação física.

	f	%
Sim	7	70
Não	3	30
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

O profissional de Educação Física deve buscar a melhor forma de trabalhar unindo seus alunos, buscando incluir todos, respeitando as particularidades de cada um.

Através da Educação física é possível desenvolver diversos segmentos, coordenação motora, equilíbrio, trabalho em equipe, agregando assim a melhora de vida para todos.

A tabela 9 Em relação a prática de atividade Física, conforme a tabela 9, a resposta foi positiva, sendo (n =9, 90%) “Sim” e (n=1, 10%) “Não.”

Tabela 9. Se seu filho(a) faz a prática de atividade física, ele obteve melhora no convívio.

	f	%
Sim	9	90
Não	1	10
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa, autor 2020.

Segundo Silva (2008 p.180):

Todos os seres humanos nascem livres e são iguais em dignidade e direito. Na educação física, temos um fator importantíssimo para o trabalho da igualdade, da união e principalmente, da socialização da criança, que é a necessidade de trabalhar em grupo. Com isso, além de fornecer a inclusão da criança nessa atividade, a socialização e estimulada, uma das principais dificuldades da criança com TEA.

Segundo Silva et al. (2008), a criança com TEA tem os direitos iguais ao de qualquer outra criança. Por isso, é fundamental, dentro de suas capacidades e limitações adaptar uma educação física de qualidade para que possam desenvolver suas capacidades, que serão de suma importância para o desenvolvimento das habilidades motoras, comunicação, linguagem, flexibilidade mental e comportamento do ser humano como um todo. E isso refletirá na sua qualidade de vida quando adulto, no trabalho que irá executar, nas atividades da vida diária e em toda trajetória de sua vida.

A partir da questão 9, inicia-se as perguntas abertas para os pais participantes da pesquisa, obtendo assim o ponto de vista e relato dos mesmos.

Na sua opinião a prática de atividade física contribui no desenvolvimento do seu filho? Se a resposta for sim, cite quais aspectos obtiveram melhora com a prática?

P1: "Sim. Respeito próprio e com o outro, noções de espaço, vivências emocionais diversas, melhora de humor, consciência de si e dos outros, disciplina, respeito às regras. Além de todos os benefícios físicos da prática."

P2: "acho importante, mas ele não aceita a prática, e não participa de nada, se participasse acredito que teria uma evolução grande."

P3: "Sim. Coordenação motora, aprendendo os comandos, postura, esperar a vez, regulação do sono pois ficam cansados, concentração, tônus muscular que era bem difícil e ajuda a ter mais equilíbrio e a Saúde física e mental ajudando na reorganização das emoções."

P4: "Sim. Coordenação motora, aprendendo os comandos, postura, esperar a vez, regulação do sono pois ficam cansados, concentração, tônus muscular que era bem difícil e ajuda a ter mais equilíbrio e a Saúde física e mental ajudando na reorganização das emoções." (Repete-se por se tratar de gêmeos).

P5: "Sim. melhora de humor, consciência de si, respeito às regras e equilíbrio."

P6: "Sim. Coordenação motora, lateralidade, fala, atenção, equilíbrio, reduziu a

ansiedade, fortalecimento da musculatura..."

P7: "Sim, fala, atenção, equilíbrio, fortalecimento, convívio."

P8: "Sim. Respeito com outras pessoas, melhora de humor, disciplina, benefícios físicos, equilíbrio, lateralidade."

P9: "Sim, melhora na convivência, concentração, disciplina entre outras."

P10: "Sim. Coordenação motora, disciplina, convívio, concentração."

Pode-se verificar o quão importante a atividade física pode ser na vida de crianças que possuem o espectro autismo (TEA), através dessas atividades podemos ver a melhora em uma das principais dificuldades da criança com TEA que é a socialização.

De acordo com Garces e Tatsch (2018, p.2) afirmam que:

Nesta área fica evidente o quanto é importante o conhecimento do professor, já que a prática de atividade física contempla aspectos importantes para o desenvolvimento dos alunos como os aspectos motores, cognitivos, afetivos e atitudinais [...] Portanto, conhecer as políticas públicas de inclusão, estudar e obter formação continuada sobre processos inclusivos e de respeito às diferenças é um dever e direito dos professores, para que possam realizar seu trabalho da forma mais qualificada possível.

Fora do âmbito escolar seu filho faz alguma atividade física complementar? Se a resposta for sim, descreva qual?

P1: "Fez ballet por um ano, Praticou judô desde os 5 anos de idade, até os 10. Hoje com 12 anos, iniciaria natação, mas devido a pandemia não foi possível. Incentivamos brincadeiras ao ar livre como circuitos e jogos."

P2: "Não prática nenhuma atividade."

P3: "São gêmeos tem 3 anos ainda não vão para a escola mas fazem atividade física com os terapeutas e em casa. Fazemos circuito de atividades em casa como: argolas, pula-pula, movimentos com pranchas, pinos, cordas entre outros movimentos psicomotor."

P4: São gêmeos tem 3 anos ainda não vão para a escola, mas fazem atividade física com os terapeutas e em casa. Fazemos circuito de atividades em casa como: argolas, pula-pula, movimentos com pranchas, pinos, cordas entre outros movimentos psicomotor. (Repete-se por se tratar de gêmeos).

P5: "Sim, natação."

P6: "Sim. caminhada."

P7: "Sim, judô."

P8: "Sim brincadeiras ao ar livre como circuitos e jogos e canto."

P9: "Sim, pratica caminhada, aula de natação."

P10: “Sim, atividade ao ar livre, caminhada, e brincadeiras que estimulam a convivência.”

A busca por atividades complementares mostra a importância dessa prática, estimulando a criança com TEA dentro e fora do âmbito escolar. Esse trabalho conjunto entre a família o âmbito escolar e profissionais da área é fundamental para melhora continua.

Mantoan (2015, p.74) destaca:

As atividades precisam ser desafiadoras para estimular os alunos a realizá-las, segundo seus níveis de compreensão e desempenho. Portanto não se excluirá nenhum aluno das atividades adaptadas, facilitadas. Toda a atividade deverá suscitar exploração descoberta com passe nas possibilidades dos alunos. Como o ensino não é diferenciado para os mais avançados ou com menos capacidade é sempre importante lembrar que ensinar é um ato coletivo, mas o aprender sempre é individualizado.

4. CONCLUSÃO

De modo geral as crianças e jovens aos quais os pais se submeteram a participar da pesquisa, possuem a inclusão dentro do âmbito escolar e nas aulas de Educação Física, podendo se observar que 80% da amostra frequenta a escola regularmente, 70% da amostra participa das aulas de Educação física e 90% são submetidas a atividades físicas complementares além da prática regular.

Ficou constatado a importância da prática de atividade física para crianças com espectro autista (TEA), mostrando através dos relatos, alguns dos benefícios agregados na melhora em diversos segmentos.

Com base no que foi visto, mostra-se a importância da possível prática de atividade física regular em grande escala, podendo alcançar diversas pessoas que possuem o transtorno espectro autistas (TEA), evidenciando a busca pela melhora continua para a vida dos mesmos. Unindo a família, escola, professores de Educação Física e todos os demais profissionais, que contribuem para esta melhora.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. **Educação inclusiva**: um estudo na área da educação física. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-65382005000200005&script=sci_abstract&lng=ptb. Acessado em 12 de Maio de 2020.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como Preparar Trabalho para Cursos de Pós-Graduação**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (2018). Disponível em: <http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC>. Acessado em 20 de Maio de 2019.

BRASIL. **LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996. (Atualizada 2017). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acessado em: 20 de Maio de 2019.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20152018/2015/lei/l13146.htm. Acessado em: 20 de Maio de 2019.

CARTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Disponível em: <https://www.confef.org.br/confef/conteudo/21>. Acessado em: 20 de Maio de 2019.

FRIZANCO, Mary Lopes Esteves; HONORA, Márcia. **Esclarecendo as Deficiências**. Aspectos Teóricos e Práticos para Contribuição com uma Sociedade Inclusiva. São Paulo, SP: Editora Ciranda Cultural. 2008.

GARCES Solange Beatriz Billig; TATSCH Tatiane. **A preparação dos professores de Educação Física das escolas municipais de Cruz Alta para o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais**. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd185/inclusao-de-alunos-com%20necessidades-especiais.htm>. Acessado em 05 de Maio de 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão Escolar**. O que é? Por quê? Como Fazer? São Paulo, SP: Editora Summus 2015.

OMAIRI, Claudia et al. **Autismo Perspectivas no Dia a Dia**. Curitiba: Ithala, 2013.

MAROCCO, V.; REZER, C. R. **Educação Física e Autismo**: Relações de conhecimento. In: Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais do V Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte. Santa Catarina: 5, 2010. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/view/1967/1056>. Acessado em: 17 de maio de 2020.

PEREIRA, Alessandra; RIESGO, Rudimar S.; WAGNER, Mario B. **Autismo infantil: tradução e validação da *Childhood Autism Rating Scale* para uso no Brasil.** J. Pediatr. (Rio J.) vol.84 no.6 Porto Alegre Nov./Dec. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572008000700004. Acessado em: 12/03/2020.

PETRY, Marcos. **Memórias de um Autista por ele mesmo.** Blumenau: Gráfica e Editora 3 de Maio, 2018.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A. **Autismo Compreender e agir em família.** Lisboa: Lidel, 2015.

RODRIGUES, Renato; GONÇALVES José Correa. **Procedimento de metodologia científica.** 7. ed. Lages, SC. PAPERVEST. 2014.

RUSSO, F. **Graus de autismo.** Disponível em <https://neuroconecta.com.br/graus-de-autismo-importante-saber/>. Acessado em 17 de maio de 2020.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão.** Construindo uma Sociedade para Todos. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

SILVA, R. F.; SEABRA JUNIOR, L; ARRAÚJO, P. F. **Educação Física Adaptada no Brasil: Da História a Inclusão Educacional.** São Paulo: Phorte, 2008.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva na Escola.** Em Busca de uma Escola Plural. Rio de Janeiro, RJ. 2009.

NORMAS PARA COLABORADORES

A Universo do Movimento Humano: Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Educação Física da UNIFACVEST tem as seguintes normas editoriais para a apresentação de artigos, resenhas e depoimentos:

1. Os artigos deverão ser inéditos (não publicados em periódicos de circulação nacional);
2. Os artigos deverão ser entregues num envelope fechado e o nome do autor deverá ser omitido para a apreciação e análise do Conselho Editorial;
3. Acompanhará o envelope com os artigos, um envelope lacrado, com o título do trabalho e um breve Curriculum Vitae, contendo: nome completo, última titulação e atividades profissionais em desenvolvimento, endereço completo com endereço eletrônico;
4. Dados técnicos: os artigos deverão conter de 5 a 15 páginas, incluindo texto, referências e ilustrações; Página: formato A4; margens: superior 1,5cm, inferior 2cm, esquerda 2cm, direita 2cm; medianiz 0,7, fonte Times New Roman tamanho 12, espaçamento simples. Deverá ser usado editor Word for Windows.
5. Depoimentos e resenhas não têm limite mínimo e máximo de páginas.
6. As referências devem seguir as normas da ABNT, no final do capítulo, digitadas em tamanho 12, sem itálico, com título da obra em negrito; citações seguirão a NBR 10520.
7. As notas devem ser feitas no rodapé em tamanho de letra 10, a 1cm da margem inferior.
8. Os artigos deverão ser enviados conforme edital.
9. Os artigos deverão ser acompanhados de resumos em português e inglês de no máximo 10 linhas. As palavras resumo e abstract serão centradas, em negrito, tamanho 14, porém, o seu texto, em um único parágrafo, justificado, sem margem, em tamanho 12.
10. Deverá conter, abaixo do resumo e do abstract, até quatro palavras-chave (key words), também em tamanho 12;
11. O endereçamento para correspondência é: Revista Universo do Movimento Humano. Att. Coordenação de Pesquisa e Extensão. Av. Mal. Floriano, 947. Lages – SC. E-mail: prpe@unifacvest.edu.br.
12. Os autores receberão, no período de até 35 dias documento informando sobre a análise pelo Conselho Editorial e pelos revisores;

13. Os autores deverão anexar, junto ao envelope lacrado, declaração autorizando a Unifacvest e a Papervest editora a publicar os artigos sem quaisquer custos para os editores, bem como desenvolver publicidade na mídia sobre a publicação;

14. A periodicidade de circulação da revista será semestral e os artigos serão recebidos até 45 dias antes do fechamento da edição. Para o primeiro semestre serão aceitos artigos até o dia 10 de março. Para o segundo semestre serão aceitos artigos até o dia 10 de agosto.





editora
papervest

Publicação da Papervest Editora
Av Marechal Floriano, 947 - CEP: 88503-190
Fone: (49) 3225-4114 Lages/SC
www.unifacvest.net